

2

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIA DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
NÚCLEO DE ESTUDOS E PESQUISA EDUCAÇÃO E
SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

MOZART MARAGNO

UM DISCURSO DE BRASILEIDADE:
A SELEÇÃO BRASILEIRA DE 1994 NA FOLHA DE
SÃO PAULO

Florianópolis

2013

MOZART MARAGNO
UM DISCURSO DE BRASILIDADE:
A SELEÇÃO BRASILEIRA DE 1994 NA FOLHA DE
SÃO PAULO

Dissertação submetida
ao Programa de Pós-
Graduação em
Educação, Linha
Sociologia e História da
Educação da
Universidade Federal de
Santa Catarina para a
obtenção do Grau de
Mestre em Educação.
Orientador: Prof. Dr.
Jaison José Bassani
Coorientador Prof. Dr.
Alexandre Fernandez
Vaz

Florianópolis

2013

MOZART MARAGNO
UM DISCURSO DE BRASILIDADE:
A SELEÇÃO BRASILEIRA DE 1994 NA FOLHA DE
SÃO PAULO

Banca examinadora:

Prof. Dr. Jaison José Bassani – Orientador
Programa de Pós-graduação em Educação – UFSC

Prof. Dr. Alexandre Fernandez Vaz – Co-orientador
Programa de Pós-graduação em Educação – UFSC

Prof. Dr. Felipe Quintão de Almeida – Examinador
Programa de Pós-graduação em Educação Física – UFES

Prof. Dr. Fernando Gonçalves Bitencourt – Examinador
Instituto Federal de Santa Catarina/Campus São José –
IFSC/São José

Prof^a. Dr^a. Clarícia Otto – Suplente
Programa de Pós-graduação em Filosofia – UFSC

Florianópolis, 16 de agosto de 2013.

Ficha catalográfica elaborada por: Elisandra Mariléa
Quintino CRB 14/998

M298d

Maragno, Mozart

Um discurso de brasilidade: a seleção
brasileira de 1994 na Folha de São Paulo. /
Mozart Maragno. - Florianópolis, 2013.

Dissertação (Mestrado em Educação). -
Universidade Federal de Santa Catarina.
Centro de Ciências da Educação. Programa de
Pós-Graduação em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Jaison José Bassani.

Co-orientador: Prof. Dr. Alexandre Fernandez
Vaz

1. Futebol – Brasil. 2. Seleção Brasileira
de Futebol. 3. Futebol – Identidade
Nacional. I. Bassani, Jaison José. II.
Vaz, Alexandre Fernandez. III. Título.

CDD 796.334

AGRADECIMENTOS

- Aos meus (extremamente) pacientes orientadores Jaison e Alexandre, que foram generosos na longa jornada até aqui.
- Aos meus familiares, especialmente à minha mãe, que fez todos os esforços para que chegasse a esse importante momento.
- Ao pessoal do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea (UFSC/CNPq).
- Ao Prof. Carlos Eduardo dos Reis, que me “aguentou” no início da caminhada em 2005 e a quem devo muito para o tratamento das fontes da imprensa.
- Aos servidores do PPGE/UFSC, igualmente generosos e pacientes.
- Aos meus colegas do IFSC, principalmente do Núcleo Pedagógico.

RESUMO

Este trabalho resgatou o imaginário da Seleção Brasileira de 1994 no jornal Folha de São Paulo (FSP), no período entre 01/01/1994 e 31/12/1994. Para chegarmos ao problema de pesquisa, a experiência em acompanhar os debates na imprensa esportiva também foi importante. A equipe treinada por Carlos Alberto Parreira foi objeto de análise antes, durante e depois do Mundial dos Estados Unidos. O que verificamos nos artigos da FSP indica que a Seleção de 94 não teria honrado as gloriosas tradições do futebol brasileiro, embora tenha vencido a competição. Configurou-se uma espécie de “mal-estar” diante do desempenho da equipe, de acordo com essas fontes jornalísticas, em reportagens e textos de opinião. As gloriosas tradições estariam mais ligadas ao estilo, ao "jogo bonito", ao "futebol-arte", aquilo que nos tornaria singular perante o mundo esportivo. Os antagonistas de 94 seriam justamente o técnico Parreira e seu coordenador Zagallo, ou seja, as amarras ao “estilo brasileiro” estariam identificadas. O atacante Romário, por outro lado, seria mais um ponto de tensão, pois simbolizaria, de forma quase solitária, o pouco de "brasilidade" que restaria

na equipe. Vale salientar que boa parte do discurso acadêmico parece caminhar também nessa direção e, ainda que pouco tenha se detido acerca desta passagem do futebol brasileiro, corrobora a necessidade de afirmação de identidade nacional por meio do futebol, para a qual o "estilo brasileiro" seria fundamental. O viés laudatório, de exaltação aos valores nacionais do futebol – que muitas vezes pouco foge do que a mídia esportiva costumou propagar historicamente –, demonstrou a necessidade de mais pesquisas sobre o tema, sem o compromisso de louvar a "brasilidade".

Palavras-chave: Futebol; identidade; brasilidade; imprensa.

ABSTRACT

This paper analysed the imaginary of the Brazilian national team of 1994 on Folha de S. Paulo newspaper (FSP), in the period between 01/01/1994 and 12/31/1994. On our path to reach the research problem, the experience of following the sports press debates was important. The team coached by Carlos Alberto Parreira had a turbulent trajectory before, during and after the World Cup in the United States. What we verified on FSP articles indicates that the Brazilian team of 1994 would not have honored the glorious traditions of Brazilian football, although having won the competition. Such glorious traditions would be likely linked with the playing style, the so-called "jogo bonito", and "football art". The antagonists would be precisely Parreira and his technical coordinator Zagallo, the last one with a controversial past. Striker Romário, to beyond the press, would be a further point of tension, because he would symbolize the few "brasilidade" - essential nature or character of a Brazilian – remaining in the team. Much of the academic thought, even not considering such characteristics of Brazilian football,

corroborates the necessity of the assertion of national identity, where the "Brazilian style" would be fundamental. The laudatory obliquity that many times is not distinguished of what the sports press historically used to diffuse, demonstrated the need of more field researches without the obligation of praising the "brasilidade".

Keywords: Football, identity, "brasilidade" (essential nature or character of a Brazilian), press.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I – CULTURA, IDENTIDADE E FUTEBOL: O DEBATE NAS CIÊNCIAS HUMANAS.....	32
CAPÍTULO II – PARREIRA E A SELEÇÃO DE 94: TENSIONAMENTO DA <i>BRASILIDADE</i>.....	85
CAPÍTULO III – ROMÁRIO: A CENTELHA DE “FUTEBOL-ARTE”.....	131
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	141
REFERÊNCIAS.....	144

INTRODUÇÃO

Este trabalho procurou investigar, por meio da imprensa esportiva, o imaginário sobre a seleção brasileira de futebol que disputou e venceu o Campeonato Mundial nos Estados Unidos, em 1994. O veículo escolhido foi o jornal diário Folha de São Paulo (FSP), tradicional periódico paulista, que apresentou farto material para análise, em artigos e reportagens publicados durante todo o ano do evento. A pesquisa priorizou as questões que envolvem uma dita “tradição singular”, em que o desempenho da seleção nacional seria objeto de elevado simbolismo (e polêmica). Isto quer dizer que os brasileiros seriam os donos do “futebol-arte”, do “jogo bonito”, da criatividade, da fantasia – vistos assim fora do país, inclusive. A seleção de 1994, por outro lado, não representaria exatamente ou não seria tão fiel à imagem positiva que se faz do futebol brasileiro.

Para entender e justificar o problema apresentado seria importante colocar alguns pontos sobre a presença da imprensa na construção de um discurso sobre o futebol – no caso, um discurso de *brasilidade* –, bem como um preâmbulo sobre a presença do debate acadêmico nesse processo, especialmente, sobre a importância das Copas do Mundo de futebol. Vale destacar, antes de tudo, que o campo jornalístico não tem como perfil obedecer a parâmetros acadêmicos, de coerência interna e método. Porém, quando falamos da produção acadêmica, sobretudo dos estudos sócio-culturais sobre futebol que utilizam a imprensa como fonte (como pretende ser o nosso caso), surge um grande desafio: não se deixar absorver totalmente por esses conceitos e categorias formulados e disseminados à exaustão no campo midiático, embora reconheçamos que os meios de comunicação, social e historicamente, tenham

protagonismo na difusão de representações sobre o futebol brasileiro:

Os jornais têm sido um dos mais relevantes veículos de manutenção e “construção” da memória. Rememorar qualquer evento que ligue o presente ao passado tornou-se um dos motes do fazer jornalismo. No caso do futebol, as narrativas jornalísticas apresentam sua memória resgatando fatos, imagens, ídolos, êxitos e fracassos anteriores, no sentido de construir uma tradição, como um elo entre as gerações dos aficionados pelo esporte. (SOARES; HELAL; SANTORO, 2004, p. 63).

A prática cotidiana da imprensa, portanto, não estaria sedimentada na manutenção de uma coerência ao passar do tempo. No caso dos acontecimentos mais relevantes e emblemáticos do mundo futebolístico, especialmente nas Copas do Mundo,¹ a produção de impressões sobre o desempenho dos selecionados nacionais, sobretudo o brasileiro, poderia ir ao encontro a um imaginário razoavelmente cristalizado historicamente, ou seja, obedecendo a certa tradição do “jogo bonito”, não se furtando, porém, em mudar estrategicamente o discurso para formular e/ou corroborar novas “teses” e representações (MARAGNO; VAZ, 2004).

¹ A Copa do Mundo de futebol masculino da FIFA é disputada a cada quatro anos, em diferentes países sedes, desde 1930. Atualmente é acompanhada por bilhões de pessoas e constitui um dos eventos esportivos mais importantes do planeta.

Esse jornalismo de cobertura esportiva produzido pelos meios de comunicação possui um importante caráter mistificador, ao menos quando falamos de futebol brasileiro, isto é, “os esquecimentos e silêncios possuem uma funcionalidade na manutenção na construção das memórias” (SOARES; HELAL; SALVADOR, 2004). Neste espaço não discutiremos profundamente o jornalismo e seus paradigmas – e sim, sua funcionalidade no processo de construção histórica da *brasilidade* por meio do futebol –, mas observamos que, ao menos, a produção acadêmica poderia zelar e se orientar pela historicidade, por uma vigilância constante e coerente para não reproduzir o mesmo discurso nativo.

Para entender a construção de um discurso sobre o futebol no Brasil, precisamos entender a importância de uma Copa do Mundo para o país. A pioneira e estudiosa do assunto, Simoni Lahud Guedes (2006, p. 3), considera que “no caso brasileiro, [as Copas do Mundo] são vividas como num tempo suspenso, semelhante ao tempo mítico, que aciona intensamente a memória das participações do selecionado brasileiro nas versões anteriores da competição”. Nessa mesma direção, Édison Gastaldo (2002, p. 22) afirma que “uma Copa do Mundo representa para os brasileiros o verdadeiro momento ritual de celebrar [...] o ideal de nacionalidade triunfante, num clima de competição internacional em que o Brasil é sempre favorito, o melhor do mundo, mesmo quando perde”. Trata-se de um momento de rara mobilização em torno de uma equipe que representaria a pátria, em que um símbolo importante da cultura estaria sempre em jogo – o “estilo brasileiro” no futebol –, com milhões de pessoas tendo a responsabilidade de zelar por esse patrimônio nacional. Em vitórias e derrotas da seleção brasileira, as Copas do Mundo se tornaram elementos de resgate histórico no

imaginário popular, transformando o ano no qual se realiza a competição em uma espécie de referência cronológica para marca a passagem de nossas vidas, e, evidentemente, as interpretações da mídia esportiva têm considerável peso nesse imaginário.

Essa considerável importância simbólica – mas também material – que as Copas do Mundo adquirem entre nós, é tanto constituinte quanto decorrência da constituição de uma imprensa esportiva especializada no Brasil. É nesse contexto que os jornalistas Mário Filho,² no Rio de Janeiro, e Thomaz Mazzoni, em São Paulo, os dois grandes centros do país à época (e ainda hoje), se afirmaram historicamente como promotores de uma nova ordem, justamente na primeira metade do século XX.⁶ O sucesso internacional do futebol brasileiro consolidara uma pujante imprensa esportiva, que desde pelo menos a Copa de 1938 (NEGREIROS, 1998), na França, fomentou e disseminou uma mobilização nacional diante do evento transmitido, então, apenas pelas ondas do rádio. Os títulos mundiais em 1958, 1962 e 1970 sedimentaram o prestígio internacional do futebol brasileiro – e poderíamos dizer que rechaçaram a pecha de “vira-latas” cunhada pelo dramaturgo Nelson Rodrigues? – ou seja, estaríamos diante de um processo de afirmação internacional fundamental para qualquer tentativa de compreensão da sociedade brasileira, no tocante às suas imagens interna e externa.

² Mário Rodrigues Filho foi um importante jornalista e promotor do esporte na primeira metade do século XX, tendo escrito uma das mais importantes obras sobre o futebol brasileiro – ainda que objeto recente de polêmica na Academia –, na tentativa de fazer certa historiografia permeada por relações raciais: “O negro no futebol brasileiro”.

Ao abordarmos a gênese do jornalismo esportivo brasileiro e seu desenvolvimento como indutor da construção histórica de um “estilo brasileiro” de jogar futebol, focamos a figura de Mário Filho. Recorremos ao jornalista João Máximo, que escreveu o texto das orelhas da 3ª edição de *O Negro no Futebol Brasileiro (NFB)*, o mais importante livro do cronista carioca, para salientar seu protagonismo na grande modificação de abordagem do futebol em terras tupiniquins, na então capital da República, o Rio de Janeiro. Máximo (2003) ressalta que, num primeiro momento, o jornalismo esportivo se caracterizava por uma maneira fria e distanciada de apresentação dos fatos e resultados:

Aos jovens cronistas esportivos de hoje pode parecer incrível que um dia as páginas dedicadas ao futebol por nossos jornais fossem tão sem vida. Os noticiários dos clubes não passavam de burocráticos boletins, o relato dos jogos eram desprovidos de qualquer emoção, tratava-se o futebol como hoje se tratam as corridas de cavalos: colocações, tempos, nomes dos jóqueis, dos proprietários, pules, tudo em forma de fichas. E a emoção, onde ficava? Os principais personagens das páginas esportivas de antigamente, quando acontecia de se trocar números por nomes, eram os “cartolas” e não os craques. Como se estes não passassem de coadjuvantes no apaixonante drama do futebol. (MÁXIMO, 2003, p. 15).

Máximo faz a introdução de seu pensamento sobre a cobertura do jornalismo frente ao “esporte bretão” recém chegado ao Brasil para, a seguir, demarcar a posição de Mário Filho como construtor de um estilo que se transformou em paradigma do que se convencionou chamar de crônica esportiva (futebolística). Esse pioneirismo fica evidenciado no complemento da reflexão do periodista:

As coisas eram realmente assim. Quer dizer, antes de Mario Filho entrar em campo. Não há qualquer exagero em se dizer que Mario é o pai da crônica esportiva brasileira, aquele que descobriu no futebol uma fonte permanente de histórias admiráveis, dos quais heróis e vilões eram jogadores. Hoje pode parecer óbvio que assim seja, mas há 40, 50 anos, o papel de Mario foi de fato pioneiro, para não dizer revolucionário. (MÁXIMO, 2003, p. 15).

Algumas pesquisas que se preocuparam em analisar a cobertura da imprensa em Copas do Mundo – objetos vinculados à primeira metade do século XX – e sua respectiva produção simbólica, deram indícios de que já havia a preocupação em fazer uma relação entre o futebol e uma “identidade nacional”. Novamente o estudo de Plínio Negreiros (1998, p. 103) sobre a Copa de 38, além de verificar a evidente oportunidade de uma comparação objetiva e subjetiva do selecionado brasileiro frente às maiores potências internacionais, destaca, especialmente, a presença determinante do Estado brasileiro e da imprensa

no intuito de fomentar a participação popular diante do evento:

A participação brasileira na Copa de 38, em função de todo o clima que se criou, mostrou que o futebol já havia adquirido um papel fundamental: articulador da unidade nacional. Essa influência do futebol foi muito bem utilizada pelo poder público, bastando que se olhe todo o empenho demonstrado pelas mais diferentes autoridades brasileiras. Porém, também coube à imprensa uma função vital; os periódicos vivenciaram plenamente o clima de Copa do Mundo. Mais do que meio de informação ou análise, os jornais animaram o torcedor, ou iludiram-no com o otimismo exagerado de alguns cronistas esportivos. O rádio, como grande novidade numa transmissão direta da Europa, também mostrou-se fundamental. (NEGREIROS, 1998, p. 103).

O pensador pernambucano Gilberto Freyre, que prefaciou a 1ª edição do NFB, de 1947, também escrevera sobre futebol na mídia impressa na época da Copa de 1938, com o artigo “*Foot-Ball mulato*”,³ no qual exaltou as *gritantes* diferenças entre os “nossos” morenos cheios de *ginga e firulas* e os lineares europeus, fazendo elogios à

³ Artigo publicado no jornal *Diário de Pernambuco*, em 17 de junho de 1938.

presença massiva de negros e *mulatos*, numa seleção cuja marca sobressalente era a “democracia racial”. Também dentro do tradicional maniqueísmo que contamina essas narrativas de apologia, Freyre faz uma referência aos deuses gregos Dionísio (a abundância, o excesso) e Apolo (o comedimento, a prudência), na busca pela diferenciação cristalina entre o futebol praticado em terras tupiniquins e o do velho continente. Um tipo de discurso que Mário Filho irá corroborar pelas micro-histórias extremamente detalhadas sobre a “saga” do negro construídas em NFB. Tiago Maranhão (2003, p. 2) tenta elucidar esse maniqueísmo muito inspirador para as gerações posteriores:

Baseando-se no trabalho da antropóloga norte-americana Ruth Benedict, *Patterns of Culture*, de 1935, Gilberto Freyre define a brasilidade futebolística a partir da contraposição entre um padrão de cultura "apolíneo" (formal, racional, ponderado), que seria próprio dos europeus, e outro "dionisíaco" (individualista, emocional, impulsivo), característico da nossa índole mulata.

Aliás, a inspiração em Gilberto Freyre, tanto de Mário Filho, que legitimou o futebol no jornalismo, quanto de Roberto DaMatta, que legitimou o tema do futebol academicamente, é algo cristalino e parece querer demarcar diferenças: a singularidade, o “nós e eles”.⁴

⁴ É interessante salientar que, mais adiante, veremos abordagens sobre a construção de uma identidade argentina no futebol, em que a singularidade *albiceleste* seria chamada

Consideramos que esses méritos acerca da legitimidade são inquestionáveis em relação aos autores. São as principais fontes indutoras de um discurso de brasilidade que tratamos nesse trabalho. Em que pese a relevância de todos esses intelectuais que pensaram o Brasil no estabelecimento de um tipo e/ou um estilo brasileiro, Octavio Ianni tenta nos mostrar como opera essa lógica (2002, p. 8-9):

No caso da sociedade brasileira, às vezes se tem a impressão de que a sua história se traduz e é reduzida a uma coleção de mitos, originário de tipos, que teriam sido elaborados no empenho de compreender ou explicar situações, acontecimentos, dilemas, perspectivas. Diante da realidade histórico-social complexa e problemática elaboram-se tipos, com os quais a realidade se revela inteligível. Aos poucos, no entanto, pode ocorrer a ideologização ou reificação, o que promove a metamorfose do tipo em mito. Então, acentua-se a distância entre a realidade e o tipo, e, mais ainda, entre a realidade e o mito. Assim, a realidade desloca-se, afasta-se, evapora-se, torna-se inofensiva.

Mário Filho, principalmente em NFB, e Roberto DaMatta, em quase todos os seus escritos sobre a

justamente de “la nuestra”.

sociedade brasileira, pareceram buscar, para além ou aquém de outros aspectos, a melhoria da auto-estima nacional. Vários “novos narradores” (SOARES, 1998),⁵ pesquisadores que se preocuparam em difundir as teses laudatórias sobre o futebol brasileiro, seguiram esse caminho. O dado concreto e objetivo, para o momento, é que esse tipo de narrativa veio norteando o posicionamento de jornalistas e intelectuais desde esse período, passando pelos três títulos mundiais do Brasil. Ainda temos o imaginário produzido sobre seleções brasileiras que não venceram, como em 1950 e 1982, mas que foram objeto de muitas análises da imprensa e do meio acadêmico, produzindo discussões e tensões, subprodutos desse processo.

Não se pode deixar de mencionar, também, que o começo da década de 1990 é marcado pelo fim da polarização capitalismo versus comunismo e da Guerra Fria, pela intensificação do processo de globalização, pelo “totalitarismo do mercado” e, o futebol inserido neste contexto, acabaria sendo influenciado por essa nova ordem (ao menos para a atualização dos discursos identitários) no tocante às formas de gestão (futebol-empresa, leis que dão autonomia ao jogador, crescimento da presença de agentes/empresários/procuradores). Roberto DaMatta (1994), em suas tradicionais e polêmicas assertivas, chegou a especular se haveria alguma relação com o advento do Plano Real – embrionariamente implantado em 1994 – com a forma austera da equipe de Parreira, ou seja,

⁵ Durante o trabalho veremos a consolidação do campo de pesquisa para os estudos sócio-culturais sobre o futebol, onde importante e influente parcela reproduziu esse discurso de *brasilidade* baseado em Gilberto Freyre, Mario Filho e Roberto DaMatta.

uma adaptação à suposta nova realidade que DaMatta avalia positivamente.

Como a Seleção de 1994 entraria exatamente nesse debate? Pudemos perceber que quando aquela Copa do Mundo foi encerrada com vitória brasileira, muitos questionamentos e ponderações já haviam sido feitos acerca do desempenho da seleção brasileira de futebol, com direito a rótulos, estereótipos e estigmas dos mais diversos. Lembremos, oportunamente, que “a seleção brasileira quando transformada em tema, alimenta o debate nas páginas dos jornais, nos programas esportivos e em qualquer esquina onde se reúnam aficionados pelo futebol.” (SALVADOR; SOARES, 2009). Basicamente, no caso de 1994, seria o “venceu, mas não convenceu” ou, preferencialmente, um triunfo sem a marca *verde-amarela*. O caminho tortuoso nas eliminatórias,⁶ o desempenho claudicante da equipe de Parreira e Zagallo⁷ (antes e durante o Mundial), a tensão na relação da comissão técnica com o maior astro (o atacante Romário), a predileção por alguns atletas muito contestados.⁸ Tudo isso contribuíra para que a

⁶ A fase de eliminatórias é composta de jogos que servem como seletiva para participar da Copa do Mundo. Em 1994, o Brasil enfrentou Uruguai, Equador e Venezuela, jogando duas partidas com cada seleção (em casa e fora) e conseguiu a única vaga disputada entre as quatro equipes.

⁷ Carlos Alberto Parreira foi o técnico da seleção brasileira de 1994, com formação acadêmica em Educação Física, e integrante da comissão técnica de seleções brasileiras em Copas do Mundo anteriores, como em 1970 e 1974. Mário Jorge Lobo Zagallo, o coordenador técnico de 1994, foi atleta campeão do mundo pela seleção brasileira em 1958 e 1962, e o técnico em 1970 (campeão) e 1974. Ao juntarem Parreira e Zagallo em 1994, houve a tentativa de resgatar o maior número possível de campeões do mundo de 1970.

imagem fosse de infindável crise, sobretudo uma crise de “valores nacionais”.

O já então experiente técnico Carlos Alberto Parreira representaria, sob esse ponto de vista, a quintessência do “pragmatismo” e da busca exclusiva pelo resultado com “excessiva segurança”, ou o “Brasil jogando e ganhando como os alemães” (ROCHA, 1996).⁹ Não foram poucos os que pareciam se voltar contra a forma de jogar da seleção brasileira de futebol no escaldante verão americano.¹⁰ A TV Bandeirantes, por exemplo, que cobria o Mundial *in loco*, com muitos comentaristas em programas diários, foi acusada por alguns dos atletas de então como ardorosa opositora ao “estilo Parreira de ser”. Alguns dos comentaristas eram ex-jogadores da seleção brasileira tricampeã em 1970 no México¹¹ – parte

⁸ Durante certo período anterior ao Mundial de 1994, houve um “rompimento” entre a comissão técnica e Romário, por conta de um episódio de indisciplina em um amistoso de 1992 entre Brasil e Alemanha. Apenas na última partida das eliminatórias para a Copa do Mundo, no segundo semestre de 1993, é que Romário voltou a ser convocado e, em grande estilo, fez os gols que classificaram a seleção brasileira (diante do Uruguai) para o certame em terras norte-americanas.

⁹ Na analogia feita por Everardo Rocha, o Brasil teria “jogado como alemães”, por exibir um estilo de jogo distante das tradições brasileiras. Além de considerar que as vitórias brasileiras foram “magras” – quando não dramáticas –, durante o torneio Parreira retirou o elemento mais criativo da equipe (o meio campista Rai) e colocou um jogador de características mais defensivas, Mazinho.

¹⁰ Vários jogos, inclusive a final, foram realizados ao meio-dia, no verão americano, requisito esse para atender o público europeu nas transmissões televisivas, em virtude do fuso-horário.

¹¹ Ex-jogadores da seleção brasileira de 1970, como Gérson, Tostão e Rivelino, estiveram nos EUA integrando a equipe de comentaristas da TV Bandeirantes e se mostraram extremamente

da (nossa) “história gloriosa”, apresentada sempre como símbolo do “futebol bonito”.¹² Além disso, os atletas que trouxeram a taça pela terceira vez¹³ eram os últimos que haviam sido campeões mundiais pelo Brasil, o que adicionava tensão às discussões. Evidentemente que a partir desse referencial atávico, presente a todo o momento, assombrando os jogadores e a comissão técnica de Parreira, as análises comparativas eram frequentes. Em tons apaixonados, geralmente o que predominava era uma seleção consagrada, fiel ao “verdadeiro futebol brasileiro”, ou seja, o “futebol-arte ou bonito” como publicidade do escrete de 1970, em confronto direto com sua antagonista: a seleção de 1994, que seria, digamos, apenas “econômica”. Para os olhares mais ácidos, aliás, essa adjetivação seria o cúmulo do eufemismo. No entanto, Romário, a estrela do momento, atacante goleador e talentoso com a bola, significaria o que restou de “futebol brasileiro”, aquele fiel às tradições. Encarado como salvador da pátria (GUEDES, 1998) – fosse no protagonismo dos resultados ou na preservação de um estilo genuíno –, sua trajetória conturbada adicionou um tempero especial às discussões sobre a seleção.

críticos com o selecionado de 1994, especialmente ao usarem como referencial suas próprias experiências.

¹² Em Salvador e Soares (2009) podemos notar que, para validar uma versão sobre o título de 1970, o discurso priorizou determinados fatos em detrimento de outros, isto é, tudo que fosse vinculado ao “estilo brasileiro” ficaria em evidência, em contraste com situações mais ligadas a certa cientificidade. Isso, de alguma maneira, ajudou a sedimentar o caráter mitológico do discurso sobre a *brasilidade* no futebol.

¹³ O Brasil foi campeão da Copa do Mundo em cinco oportunidades: 1958 (Suécia), 1962 (Chile), 1970 (México), 1994 (EUA), 2002 (Coréia do Sul/Japão).

Como forma de esclarecer o leitor para os três capítulos deste trabalho, é importante elencar elementos do contexto em que a seleção de 94 estava inserida. A Copa do Mundo dos EUA funcionaria, a nosso ver, como importante momento em que poderia haver rupturas e continuísmos, já que “cada conquista ou derrota da seleção brasileira proporciona reflexibilidade da identidade brasileira” (SALVADOR; SOARES, 2009). Configurar-se-ia, desta forma, um importante e paradoxal espaço para uma pesquisa de campo sobre o discurso jornalístico. Levantamos, antes de tudo, alguns pontos de partida para esse trabalho que foram fundamentais para entender a seleção brasileira de 94 nesse universo e que vamos tentar desenvolver durante do texto. **(a)** eram 24 anos sem um título de campeão do mundo, isto é, um “jejum” que já incomodava os aficionados, incluindo os periodistas; **(b)** a intensa discussão acerca das tensões relativamente maniqueístas entre, por exemplo, “jogar bonito” ou “jogar feio”, “futebol-arte” ou “futebol de resultados”, “eficiência” ou “beleza” (MELO, 2007); **(c)** a presença constante de um passado glorioso, como o materializado nos comentaristas da TV Bandeirantes; **(d)** a cobrança sobre um técnico (Parreira) que começou como preparador físico e foi estigmatizado como pragmático, por essa formação acadêmica (não foi jogador) e também pelo desempenho de sua equipe antes do Mundial, além de passagem pouco exitosa como selecionador nacional na década de 1980; **(e)** a presença do jogador Romário que poderia simbolizar a “essência” do futebol brasileiro numa seleção que ousava negá-la. Essas foram algumas “faíscas” que nos ajudaram a colocar em pauta o problema de pesquisa, esclarecer um pouco o momento histórico escolhido e tentar responder a seguinte indagação: o que os artigos da FSP, ainda durante aquele mesmo ano, nos

demonstrariam em relação a esses e outros pontos de tensão?

Com esses apontamentos sobre o cenário daquele período, baseados na experiência pessoal¹⁴ e naquilo que nos trouxe o corpo documental da FSP, seria importante destacar que papel joga o debate acadêmico nessa discussão. Esse recorte da imprensa esportiva poderia revelar uma visão pouco abonadora sobre a equipe de Parreira, diante dos parâmetros de *brasilidade* tradicionais e desejados, apesar da presença de Romário. Contudo, devemos também analisar a relevância do discurso acadêmico sobre o futebol como um todo, especialmente nas Copas do Mundo, quando justamente os selecionados simbolizariam as nações. Os estudos que elegem a Copa do Mundo como objeto de investigação para os temas relacionados ao “nacional” justificam-se, fundamentalmente, por compreenderem que seja um momento único de mobilização em um confronto real e objetivo entre países, numa “guerra sem mortes” dos dias atuais, em que projetos e identidades entram em disputa. Em tempos de identidade coletiva “pós-nacional” (EDER, 2003), configuraria oportunidade *sui generis* num mundo que caminha para o alargamento de fronteiras, em que o local poderia, a cada quatro anos, sobrepujar o global. Materializaria, quem sabe, um breve espaço de olhar privilegiado para narrativas sobre o nacional por meio do futebol e espaço de invulgar mobilização, no resgate de símbolos como a bandeira e o hino. Experiência indutora de uma polêmica temática com forte capilarização no

¹⁴ Como expectador de futebol, acompanhamos a Copa do Mundo de 1994, bem como os debates que ocorreram antes, durante e depois na imprensa esportiva. Essa experiência ajudou a entender algumas pistas que foram deixadas no caminho da análise dos artigos da FSP.

imaginário popular, isto é, um confronto de *estilos* entre as seleções – não por acaso, aparecem regularmente esses termos identitários citados, como “futebol-arte”, “jogo bonito”, quando a referência é o Brasil. Identificamos, também, que há uma diluição ou aproximação das representações sobre o futebol brasileiro entre a imprensa e o discurso acadêmico no seu processo de (imperativa) afirmação como um símbolo de coesão interna e identidade nacional. O historiador inglês Eric Hobsbawn (1984, p. 12) trata dessa questão e invoca a principal característica desse processo no campo da história social: “consideramos que a invenção de tradições é essencialmente um processo de formalização e ritualização, caracterizado por referir-se ao passado, mesmo que apenas pela imposição da repetição”. Não seria difícil, portanto, reconhecer que o compromisso da imprensa não se estabelece com a fidedignidade histórica, como dissemos anteriormente. Todavia, tornar-se-ia interessante uma chamada para os perigos da apropriação acrítica, por parte de pesquisadores, de narrativas que em algum momento transitam também pelo jornalismo, quando não são, elas mesmas, originárias do meio. Alguns estudos acadêmicos teriam pouca diferença (no fundamental) em relação ao que alguns jornalistas escrevem (SOARES, 1999). Esse processo de afirmação identitária ganharia forte *lobby* no Brasil no momento em que o esporte, com o futebol como destaque, começara a angariar espaço em jornais e periódicos em geral, com a presença cada vez maior de *formadores de opinião* tecendo suas considerações acerca do que ocorria nas competições, inclusive, convidando alguns renomados intelectuais que procuraram vislumbrar muito do “homem brasileiro” por meio do futebol. Não por acaso, isso coincidiu com uma política de Estado, em que os marcos de um projeto de nação tiveram presença marcante na sociedade, nas suas

diferentes maneiras de formatação e divulgação, em que qualquer sucesso internacional via esporte seria uma importante peça publicitária.¹⁵ No Estado Novo, por exemplo, houve a formalização de uma equipe de intelectuais para pensar o Brasil e os elos de integração nacional, sendo um deles o esporte (CODATO; GUANDALINI JR., 2003).

Vale destacar, dessa maneira, que a escolha da FSP não foi aleatória. O periódico traz análises que, em alguns momentos, fogem da rotina da imprensa esportiva. Considerado, na época, o maior jornal do país, em tiragem e qualidade, a FSP sempre tentou sedimentar uma relação estreita com os intelectuais, além de “zelar sua imagem”, sobretudo na preocupação com uma utópica neutralidade objetiva. Cláudio Weber Abramo (1991, p. 41), em artigo para a revista *Novos Estudos CEBRAP*, discorre sobre essas questões:

A Folha é o jornal brasileiro que mais revela preocupação com a projeção de imagem. Seu noticiário faz freqüentes alusões aos procedimentos que teriam sido executados durante o levantamento e tratamento das notícias. [...] Acontece que o público intelectualizado reserva à Folha uma atenção que não concede a outras publicações do gênero. [...] Os motivos para tanto são bastante claros, decorrendo de uma

¹⁵ Os festejos do cinquentenário (em 2008) do título mundial de 1958 trouxeram lembranças de um importante episódio de afirmação internacional do Brasil por meio do futebol. Foi a primeira conquista e em território europeu, o que dá maior dimensão ao feito.

associação que perdurou por muitos anos. Muito do sucesso do jornal dependeu dos intelectuais, e muitos intelectuais ganharam projeção nas páginas do jornal. Nestas se fez um pouco da história política do país.

A pesquisa sobre o imaginário suscitado pelos dilemas da seleção brasileira de 1994 deu-se através de dois caminhos gerais básicos, que Zicman (1985) considera fundamentais: a caracterização da imprensa e a análise de conteúdo. Embora haja um grande debate no campo da linguística acerca de questões metodológicas – especialmente entre análise de discurso e análise de conteúdo (ROCHA; DEUSDARÁ, 2005) –, acredita-se que se pôde contemplar, no desenvolvimento dessa pesquisa, entre aquilo que está presente com mais força e intensidade, assim como o lugar onde aparecem essas falas, sem a ingenuidade de uma falsa neutralidade:

Acreditamos que o estudo mais atento dos órgãos de Imprensa tomados como fonte do conhecimento histórico deve ser um pressuposto necessário de todo o trabalho que utiliza esse tipo de fonte documental. Partimos da hipótese geral que a Imprensa age sempre no campo político-ideológico e portanto toda pesquisa realizada a partir da análise de jornais e periódicos deve necessariamente traçar as principais características dos órgão de imprensa

consultados. (ZICMAN, 1985, p. 20).

De acordo com os procedimentos destacados por Zicman (1985) para a análise de conteúdo, escolheu-se a *análise temática*. Os resultados são apresentados e discutidos por meio de duas categorias, nas quais foram articulados os temas que apareceram com maior frequência na coleta de dados, realizada no acervo digital da FSP: *Parreira* (e comissão técnica), que concentraria as críticas, e *Romário*, como ponto de tensão e resgate identitário.

Portanto, no **Capítulo I**, promovemos um debate sobre futebol e identidade nacional nas ciências humanas, os traços da brasilidade, explorando o caminho de construção de uma imagem sobre o futebol brasileiro, no qual Mário Filho e Roberto DaMatta são peças-chave – ambos com inspiração freyriana –, bem como a postura dos “novos narradores”. No **Capítulo II** analisamos os artigos da FSP cujo eixo temático é Parreira, que representaria a controversa imagem da seleção de 94, fustigada em boa parte dos textos analisados. No **Capítulo III** aparece mais fortemente a figura do atacante Romário, que cultivou relação turbulenta com a comissão técnica e é tratado, talvez, como o único representante digno e legítimo do “estilo brasileiro”.

O Mundial de 1994, disputado nos Estados Unidos, e, principalmente, a participação triunfante da seleção brasileira neste evento (o 4º título), foi eleita como objeto deste estudo porque seria, conforme dito acima, um exemplar contundente em que esse imaginário produzido sobre o futebol brasileiro vem se defrontar com um novo fato, um desenlace nem sempre fiel ao passado mítico. A análise da equipe de Carlos Alberto Parreira em meio a essas tensões teria função complementar sobre a

formulação histórica das categorias e conceitos sobre o futebol brasileiro, em especial na militância pela manutenção de um “estilo singular”. Essa pesquisa procurou trabalhar, como tentamos esclarecer neste preâmbulo, dilemas que poderiam surgir por meio das interpretações sobre a seleção de 1994 pelo jornalismo esportivo, sendo eles vinculados à lógica de uma “tradição inventada” no futebol brasileiro, legitimada, também, academicamente.

Consideramos, ainda, que não coube a nós corroborar ou não as teses presentes – se a seleção de 1994 jogou feio ou bonito, se no passado o esporte era mais virtuoso esteticamente. Num tom de clareza e franqueza, não tivemos a menor intenção de “bater boca” com as fontes, e sim a preocupação de analisar o que dizem, para onde apontam, por seus discursos e narrativas, o que simbolizam e representam em seus interesses, principalmente quando estamos diante do objeto futebol, artefato cultural que produz os mais variados níveis de emoção.

CAPÍTULO I – CULTURA, IDENTIDADE E FUTEBOL: O DEBATE NAS CIÊNCIAS HUMANAS

Intérpretes da Nação: traços da brasilidade

A construção de um Brasil visto como nação teve em intelectuais expoentes do início do século XX importante alicerce. A unidade nacional, num país multicultural, não foi propriamente algo fácil, a despeito dos esforços de vários de nossos governos, com especial atenção para a “Era Vargas” (1930-1945). A elaboração de discursos e reflexões sobre o país emergiu com mais força naquele momento de incentivo/interesse do Estado para que houvesse algo que unisse o Brasil. Isso passaria pela presença de intelectuais que dessem forma à nação, criassem uma imagem mais bem desenhada e que cristalizassem símbolos de singularidade. Não foi por acaso e coincidente que nesse período, na Europa, especialmente no “entre guerras”, nacionalismos de vários matizes viveram seu auge, irradiando esse processo em muitos jovens países periféricos, ex-colônias, pois “se houve um momento em que o ‘princípio da nacionalidade’

do Século XIX triunfou, esse momento foi o final da primeira Guerra Mundial” (HOBSBAWM, 1990, p. 159).

Entretanto, desde a carta de Pero Vaz de Caminha, no *descobrimento* do Brasil pelos colonizadores, de quando em quando sempre se produziu discursos de identidade, especialmente por figuras públicas ilustres. Porém, é talvez com a independência do Brasil, na segunda década do século XIX, e a presença de José Bonifácio de Andrada e Silva como ideólogo, que se gestou, de forma mais coesa, a ideia uma de nação e um povo brasileiro. O poeta, intelectual e político santista ensaiava e colocava em prática seu discurso sobre o Brasil, na medida em que procurava influenciar no processo político de modo a produzir um clima que propiciasse um desenlace de Portugal sem grandes traumas.

Em sua pesquisa, Fabrício Maciel (2007) traz uma série de elementos sobre aquele momento histórico, em que José Bonifácio articula tanto o “Dia do Fico” de D. Pedro I, como a própria Independência – no caso, tendo como referência os episódios de sete de setembro de 1822 –, sem contar a tutoria de D. Pedro II alguns anos mais tarde. Maciel faz uma análise de conteúdo sobre os escritos de Bonifácio, assim como se debruçara acerca de intérpretes da verve nacionalista dele. Nesse sentido, pode-se justificar sua importância a partir de que “não se isentou de muitos elogios, como o de Latino Coelho que simplesmente o considerou o ‘glorioso fundador da nacionalidade brasileira’. Além dele, Ernesto Leme declarou que ‘José Bonifácio de Andrada e Silva fez do Brasil uma pátria.’” (MACIEL, 2007, p. 21).

Ao adentrar mais diretamente no discurso de Bonifácio, encontramos aproximações e distanciamentos com formulações de outros importantes intelectuais, que se tornariam cânones no final do Século XIX e início do Século XX – alguns deles, como Sérgio Buarque de

Holanda e Gilberto Freyre, são comentados nesse trabalho, como se verá em seguida. Defendera um modelo liberal que não poderia conviver, por exemplo, com a escravidão ou com o povo indígena não civilizado. Por outro lado, como outros intérpretes, salientou o “abençoado” manancial natural que o Brasil possuiria, assim como mencionou a capacidade “hospitaleira” do povo, chegando a uma *mistura* única que só se materializaria aqui. De certa forma, o pensamento de José Bonifácio sobre o Brasil-Nação pode ser condensada na seguinte passagem:

Bonifácio sofisticava sua ideologização evocando uma espécie de amálgama nacional singular, composto pelo excelente território naturalmente abençoado pela providência divina e seu heterogêneo e harmonioso povo. Isto significa que o Brasil é uma interação natural entre o povo, o Estado, na pessoa do imperador, o território e Deus. (MACIEL, 2007, p. 26).

Entre os cânones da interpretação do Brasil, um dos mais consagrados é Sérgio Buarque de Holanda. Expoente do início do século XX, estabelece, no sentido desse debate, a discussão entre o público e o privado, que se materializa no que ficou amplamente conhecido como “patrimonialismo”, classicamente presente em Max Weber, e que poderia ser considerada mais uma marca brasileira: o Estado a serviço do interesse particular, especialmente no âmbito familiar. No ensaio “Homem Cordial”, no qual se debruça sobre o tema, o autor brasileiro faz analogia com a tragédia escrita pelo grego Sófocles, com a tensão atemporal entre Antígona e

Creonte, isto é, a expressão da manutenção de uma ética familiar metaforizada pela primeira, e o radical interesse público e pessoal representado pelo segundo.

O escopo desse conflito, que gera mortes na narrativa mitológica, sempre desencadeou mazelas que afetaram profundamente o desenvolvimento e a justiça social na realidade tupiniquim, com a balança pesando para o lado mais forte, já que “é possível acompanhar ao longo da nossa história, o predomínio constante das vontades particulares que encontram seu ambiente próprio em círculos fechados e pouco acessíveis a uma ordenação impessoal” (HOLANDA, 2012, p. 52). Mas o que seria o “homem cordial”, tão decantado por décadas entre debatedores de Buarque de Holanda, e popular em conversas informais e textos jornalísticos? O autor argumenta no sentido de mostrar que o fácil trato no domínio público, a tal cordialidade, nada mais seria que uma forma de escamotear o pouco apreço por normas, rituais, ou seja, um déficit de civilidade, ao contrário de sociedades mais avançadas, mais próximas da constrição. Seria uma forma, portanto, de expor os traços mais emotivos do brasileiro, semelhantes ao que se encontram no domínio familiar.

Aquilo que poderia se entender como um avanço em relação a um espírito beligerante reflete, apenas, a dificuldade de sair dos códigos do âmbito privado. Sem desconsiderar a influência portuguesa, o autor chama a atenção para aspectos que revelam a intimidade no trato com o outro, pois “a terminação ‘inho’ serve para nos familiarizar mais com as pessoas [...], maneira de fazê-los mais acessíveis aos sentidos e também aproximá-los do coração” (HOLANDA, 2012, p. 54). Algo ainda mais local e disseminado é o emprego do primeiro nome na abordagem ao outro, algo que tem menos peso em Portugal atualmente. Chamar João de Oliveira e Silva apenas de João ou Joãozinho seria uma tentativa de “abolir

psicologicamente as barreiras determinadas pelo fato de existirem famílias diferentes e independentes umas das outras” (HOLANDA, 2012, p. 54).

Para seguir explorando traços de brasilidade sistematizados por intelectuais, não há como deixar de apresentar algumas ideias de Gilberto Freyre, para quem o componente da raça aparece com força – e, por consequência, importante mote para tratar de futebol brasileiro. Há certa popularização dos escritos do autor pernambucano, outro cânone do início do Século XX, em que expressões como “democracia racial” funcionam como bálsamo para questões acerca da interpretação do Brasil no jornalismo e no imaginário coletivo. Ao abordar a sociedade patriarcal, por exemplo, Freyre não argumenta exatamente para uma união harmoniosa, um amálgama sem tensão, uma construção democrática. Pelo contrário, a escravidão inibiria, *a priori*, esse tipo de análise. Todavia, o que se pode considerar mais fortemente a partir do desenvolvimento de sua obra, principalmente em *Casa Grande & Senzala* (CGS), é uma espécie de exaltação ao “mito das três raças”, que, com todas as características e conflitos, acabaria por gerar um “tipo especial”, isto é, a miscigenação a partir do convívio (sexual, também) entre os diferentes como algo positivo para o um modelo de brasileiro, ao contrário do que cientistas e intelectuais conservadores da época preconizavam. Convívio, aliás, que seria gerado pelo tipo de postura dos portugueses em novas terras, menos resistente ao convívio com negros e indígenas.

O interessante, no âmbito deste trabalho, na discussão das ideias de Freyre sobre a formação de uma imagem singular de Brasil se dá porque são muitos os debatedores, inclusive no âmbito do futebol, que se nutrem ou discutem as teses freyrianas. O material é vasto e pode proporcionar as mais diferentes abordagens. Ricardo Benzaquen de Araújo (1994) é um deles e faz uma discussão minuciosa sobre o autor, com prioridade para o

livro CGS. Salienta que num aspecto comparativo com a colonização inglesa, por exemplo, “Gilberto dá realmente impressão de que ele imaginava existir aqui o que poderíamos chamar de uma escravidão *não-despótica*, docemente embalada pela miscigenação e plasticidade que normalmente identificavam o português.” (ARAÚJO, 1994, p. 48). Pode-se observar que a “plasticidade” é um conceito importante em Freyre, pois condensaria todos aqueles atributos positivos da convivência entre os diferentes, em raça e cultura, que resultaria na formação do “brasileiro” – que, mais para frente, seria usado para enquadrar um estilo nativo no futebol.

Marcos César de Freitas (2008) também vai por esse caminho, ao entender o quadro comparativo e contextualizado do autor, quando destaca que “na ascensão, na consolidação e no declínio da sociedade patriarcal, foram desenvolvidos os gestos vitais da nossa gente, os quais, ainda que com dor e violência física, resultaram do convívio provocado pelo isolamento característico da família patriarcal”. (FREITAS, 2008, p.174). Com o olhar de hoje, talvez, as ideias de Gilberto Freyre seriam consideradas conservadoras, flertando até com um racismo/conivência com a violência. Entretanto, ao fazer um transporte pelo tempo e chegar tanto ao período estudado, quanto ao posterior em que o pernambucano conviveu, poderia se considerar um avanço em relação a teorias racistas, *biologicistas*, que ainda vigoravam, para as quais a inferioridade, sobretudo do negro, era um dado da realidade, da própria natureza. A tentativa de desconstrução desse dado natural, portanto, parecia ser a prioridade do autor. Nesse sentido, Araújo pondera acerca da polêmica que os escritos de Gilberto Freyre, e sua tentativa de moldar um tipo brasileiro a partir da sociedade patriarcal, sempre geram:

Da mesma maneira que encontramos em CGS um vigoroso elogio da confraternização entre negros e brancos, também é perfeitamente possível descobrirmos lá numerosas passagens que tornam explícito o gigantesco grau de violência inerente ao sistema escravocrata. Violência que chega a alcançar os parentes do senhor, mas que é majoritária e regularmente endereçada aos escravos [...] podemos perceber que, apesar da mestiçagem, da tolerância e da flexibilidade, o inferno parecia conviver muito bem com o paraíso em nossa experiência colonial. (ARAÚJO, 1994, p. 48).

Discípulo confesso do autor pernambucano, Roberto DaMatta é uma das referências contemporâneas de interpretação do Brasil, e, atualmente, presença constante na imprensa, por meio de jornais impressos e aparições na televisão, onde analisa o cotidiano. Talvez, a principal marca de sua abordagem seja fazer uma leitura da sociedade brasileira por um prisma alternativo, como o das festas e do futebol – temas que, como veremos mais a frente, ele deu legitimidade acadêmica. Figura carismática e midiática, o antropólogo produziu um original esquema, com a presença do “dilema” como mote: entre as relações pessoais e uma ética universal do indivíduo, a casa e a rua, a parte e o todo, este mundo e o outro mundo – sempre no sentido *freyreano* da mistura –, da coexistência que resultaria em um produto bem brasileiro, pois “a sociedade brasileira se singularizava pelo fato de ter muitos espaços e

muitas temporalidades que conviviam simultaneamente” (DAMATTA, 1997a, p. 30).

Portanto, na esteira desse projeto intelectual, apresentara o “triângulo ritual brasileiro”, basicamente formado pelas festas tradicionais – religiosas, militares (políticas) e carnavalescas –, cada uma com sua característica de representação dos movimentos dos dilemas/dualidades, na medida em que ele “é um modo complexo de estabelecer e até mesmo de propor uma relação permanente e forte entre a casa e a rua, entre ‘este mundo’ e o ‘outro mundo’” (DAMATTA, 1997a, p. 56). E a dualidade “casa” e “rua” expressaria, não uma divisão clara e impenetrável, embora cada uma com suas características. Expressaria a ambiguidade própria da sociedade brasileira, na qual, nas festas e rituais, as posições de cada um ficariam mais claras. No carnaval, por exemplo, uma festa profana, a “casa” englobaria a “rua”, isto é, aquilo que só era possível e moralmente aceito fazer na “casa”, no breve período de duração da festa, passa a ser aceito no domínio público. Numa parada militar, por outro lado, haveria um reforço das posições já estabelecidas, exército, políticos e povo, todos bem delimitados e sabendo seus lugares. Numa festa religiosa, como a procissão, apareceria o importante elemento para formar o “triângulo”: a ligação com o “outro mundo”, o sagrado:

É minha tese que o sistema ritual brasileiro é um modo complexo de estabelecer e até mesmo propor uma relação permanente e forte entre a casa e a rua, entre “este mundo” e o “outro mundo”. Ou seja, a festa, o cerimonial, o ritual e o momento solene são modalidades

de relacionar conjuntos separados e complementares de um mesmo sistema social. Sua importância, conforme tenho chamado sistematicamente atenção, não é uma função do espírito festeiro, cínico e irresponsável do brasileiro. É muito mais um mecanismo social por meio do qual uma sociedade feita com três espaços pode tentar refazer sua unidade. (DAMATTA, 1997a, p. 56).

No dia a dia, no cotidiano, porém, um dos pontos fundamentais da análise de DaMatta seria a relação, a interpenetração entre ambas, a “casa” e a “rua”, provocando o aprofundamento da dura hierarquia da sociedade brasileira, quando o sobrenome, a família (casa) atravessaria a lei, que, em tese, na “rua”, valeria para todos, indistintamente. Não por acaso, DaMatta sempre se refere ao “Você sabe quem está falando?” como expressão radical disso, ou ainda, o “cada macaco no seu galho”: o cidadão bem posicionado, que viraria pessoa na “rua”, onde seu sobrenome ou *status* ficaria acima da impessoalidade que deveria vigorar, como ocorreria na sociedade norte-americana, habitual referência do autor em termos comparativos com o Brasil. Em *Carnavais, malandros e heróis* (CMH), sua principal obra, argumenta que “o ‘você sabe com quem está falando?’ opera como um mecanismo de devolver as pessoas aos seus lugares [...], em outras palavras o ‘você sabe com quem está falando?’ permite estabelecer a pessoa onde antes só havia um indivíduo” (DAMATTA, 1997b, p. 219-220).

Embora Roberto DaMatta seja uma “entidade” nas ciências sociais, um dos autores brasileiros mais citados,

uma “estrela”, no bom sentido do termo, não deixa de sofrer abordagens críticas dos debatedores de suas obras e ideias. Provavelmente, o principal deles seja Jessé Souza, que analisou com certo esmero o esquema de interpretação da sociedade brasileira feito por DaMatta, que chama de “sociologia dual”. Considera relevante a importância que o antropólogo dá aos chamados “espaços sociais”, porém, alerta para a insuficiência desse tipo de análise, na medida em que coloca a questão do mercado/capitalismo e seus efeitos de forma marginal ou secundária. Aliás, faz sua observação crítica a partir desse problema, uma vez que “não encontramos classes e grupos sociais na obra de Roberto DaMatta” (SOUZA, 2001, p. 52). A imagem do Brasil construída por DaMatta, ao abordar aspectos que foram relegados historicamente pelo ambiente acadêmico, não poderia desconsiderar a influência do mercado e do Estado nas pessoas/indivíduos. Nesse sentido, ao desconsiderar a estratificação social brasileira, encontra-se um ponto fundamental na crítica de Jessé Souza quando DaMatta trata da dualidade como intransponível, com espaços bem demarcados, entre o domínio privado (casa) e público (rua). Não há, considera o debatedor, como deixar de lado a influência dos mecanismos de dominação capitalista na subjetividade de alguém, mesmo que na “casa” os códigos e as regras sejam outros. Não há, portanto, como bancar tranquilamente que há uma “supercidadania” e uma “subcidadania” em cada um desses espaços da dualidade apresentada, pois “seria razoável supor que uma operária negra e pobre da periferia de São Paulo que, depois de trabalhar o dia inteiro e ter efetivamente fartas experiências de subcidadania na “rua”, apanha do marido em “casa” sente-se uma supercidadã?” (SOUZA, 2001, p. 53).

Ao entrar mais fortemente nos aspectos de identidade nacional que DaMatta aborda, no seu esquema

de colocar o protagonismo naquilo que sempre foi marginalizado, de fazer a leitura da sociedade brasileira em aspectos “menos sérios”, Souza reconhece os méritos, a originalidade do trabalho do antropólogo nesse empreendimento. Alerta, entretanto, para o perigo de, ao querer consagrar aquilo que estava escondido, apenas daria “verniz intelectual” ao senso comum, uma roupagem acadêmica à imagem que o brasileiro médio faz de si e do próprio país. Uma análise mais atenta poderia desconstruir as diversas “teses” populares que vigoram nesse caminho. É a tentativa de Souza, que considera que a própria demarcação de características singulares que DaMatta faz, pode ser, em certos momentos, algo perigoso ou exagerado, como por exemplo na política:

Seria, efetivamente, uma idiossincrasia brasileira a visão da política como um jogo desonesto entre pessoas que trocam favores e proteção? Não creio. [...] É a imagem (no caso, desvalorizada) do brasileiro acerca de si mesmo que é dramatizada na teoria damattiana. Afinal, por que supor uma tendência inata dos brasileiros à corrupção e ao estabelecimento de relações de favores? Seria essa “predisposição” maior aqui do que em qualquer outro país? [...] Admitamos, por hipótese, que, desgraçadamente, o grau de corrupção no Brasil seja maior do que em outros países. Não seria a causa desse fato uma ausência de mecanismos mais eficazes de controle, antes que uma misteriosa

eficácia atávica de padrões culturais personalistas tradicionais da vida colonial brasileira? (SOUZA, 2001, p. 56)

Outros seriam os exemplos usados por Jessé de Souza, de que nem tudo poderia encaixar nesse esquema interpretativo de dualidade, já que haveria vários motes que fugiriam desse quadro bem acabado. Seria aquilo, em última análise, que está no título do texto referenciado nesse trabalho, isto é, DaMatta “sistematizaria nossos auto-enganos”? De qualquer forma, Souza tenta propor uma “análise alternativa” e usa Gilberto Freyre para questionar a visão dualista largamente difundida, justamente com algo já abordado nesse trabalho: “Estado e mercado não são o mundo da rua que pára na porta das nossas casas. Eles entram na nossa casa; mais ainda, eles entram na nossa alma e dizem o que devemos querer e como devemos sentir” (SOUZA, 2001, p. 62). O fato de negligenciar esses fatores indissociáveis do mundo moderno fragilizaria a análise *damattiana* acerca da sociedade brasileira, algo que Freyre, embora uma inspiração para o antropólogo, não deixou passar despercebido. Pelo contrário, considerou fortemente a influência daquilo que chegou com Dom João VI, para além de uma corte e seus vícios. Souza considera que o pernambucano alerta para algo que teve peso ainda na própria sociedade patriarcal, do interior brasileiro, pela influência e experiência dos filhos do senhor de engenho que estudavam na Europa ocidental civilizada e retornavam com essa poderosa formação moderna, tanto que “Gilberto Freyre nos mostra com maestria como o personalismo, ou patriarcalismo como ele preferia, desde o início do processo de reeuropeização, é ferido de morte já na própria casa do patriarca.” (SOUZA, 2001, p. 62).

Nesse caminho de passar por importantes autores que traçam linhas da brasilidade, Octavio Ianni, destacado sociólogo do Século XX, tenta condensar e considerar várias das contribuições possíveis para entender a complexa sociedade tupiniquim. Procura classificar os diferentes momentos em que os intelectuais pensaram a nação, fazendo um apanhado geral de aspectos coincidentes deles, ou seja, o que poderia tirar dessas dezenas de figuras ilustres que apresentaria congruência, similaridade. Ianni levanta alguns dos pontos que apareceram nesses 200 anos de tentativa de produzir um discurso (mais ou menos) consistente sobre o Brasil.

O autor reflete, dessa maneira, como a constituição sócio-histórica vista nos intérpretes tem, com aproximações e distanciamentos, elementos comuns uns aos outros: um Estado que representaria a sociedade civil, a dependência crônica do mercado externo, a sociedade patriarcal com seus signos ainda fortes, a “democracia racial” (em que pese a tensão desse processo), além das chamadas “revoluções brancas”, menos violentas que em outros locais. Considera que “essas e outras interpretações, sempre acompanhadas de inquietações e interrogações, permitem reafirmar a hipótese de que o Brasil é uma nação em busca de um conceito; uma nebulosa movendo-se no curso da história moderna em busca de articulação, direção.” (IANNI, 2004, p. 69). Ao dividir a gama de autores que se preocupou em entender o Brasil em “precursores, clássicos e novos”, considera que essa busca de interpretar a nação é inesgotável e contínua, sobretudo ao perceber que há uma tentativa de moldar uma narrativa quase ficcional, com personagens, tipos e mitos encaixados nesse processo. Alerta aos novos autores e pesquisadores que não se acomodem apenas nos clássicos, a despeito de toda a contribuição dada a essa tarefa de produzir um discurso de brasilidade. Aprofundar-se e até arriscar-se em novas abordagens se torna

necessário, pois ainda seria um gigante a se descobrir. De qualquer maneira, “o Brasil é um país que se pensa contínua e reiteradamente. Tanto é assim que se pode ser vista uma ‘fábrica’ de explicações, uma coleção de interpretações compondo toda uma visão do país no curso da história” (IANNI, 2004, p. 63).

Não obstante, nessa coletânea de autores e interpretações, *traços de brasilidade* trazidos nessa primeira parte deste capítulo permitem perceber aspectos importantes em comum que podem delinear a imagem geral que se faz do Brasil e, por consequência, podem aparecer também acerca do futebol. A mistura, a plasticidade, o personalismo, a dificuldade do “homem cordial” com a constrição e os códigos modernos de racionalidade, tudo isso vai emoldurando um quadro. Não será surpresa ler a sociedade brasileira por meio do futebol, tendo esse prisma, com essas características, como pano de fundo para entender o processo de construção do Brasil-nação.

Futebol, jornalismo e Academia: a construção do campo e os discursos legitimadores

Ao falar de futebol especificamente, quando tratamos dos estudos sócio-históricos no Brasil, há algumas questões que seriam ponto pacífico sobre o objeto. A capacidade de (rara) mobilização popular, a seleção nacional como símbolo de identidade, a afirmação internacional da nação por meio das conquistas, da formatação de um imaginário coletivo na cobertura da imprensa e na produção acadêmica, uma vez que “o futebol tem sido no Brasil, um veículo importante para a elaboração de representações coletivas sobre a ‘nação’ e seu povo” (GUEDES, 2004, p. 2). Entretanto, essa imagem que fazemos sobre o futebol brasileiro – e que, muitas vezes, é feita externamente também – não foge de certos estereótipos, mitos e símbolos, nos quais “as imagens vinculadas àquilo que se denominou ‘estilo brasileiro de futebol’ são as da alegria, da improvisação, dos floreios, dos dribles, do toque de calcanhar, enfim, das firulas. Conceitos como ‘malandragem’ e ‘ginga’ funcionam como aglutinadores de seus significados” (SOARES; LOVISOLO, 2003, p. 130). Claro que quando o futebol brasileiro é exaltado como o “melhor do mundo”, ou o que produz os jogadores mais talentosos, isso tem alguma base na realidade histórica da modalidade. Por outro lado, a militância pela manutenção desses valores parece se transformar em “questão de Estado”. Diante disso, Antônio Jorge Soares (1998, p. 1), em sua tese de doutorado, manifestou-se sobre essa situação de letargia nos discursos sobre o futebol brasileiro: “Ao recorrer-se à literatura, acadêmica ou jornalística, sobre o passado do futebol brasileiro, fica a impressão de se estar lendo sempre o mesmo texto.” Não por acaso, procuramos abordar esse discurso de

brasilidade, na medida em que possui forte penetração no imaginário popular, bem como tem um caráter pedagógico, ao reproduzir historicamente certas situações e seus símbolos quase que didaticamente.

Antes de tudo, porém, precisamos mencionar alguns dos principais impasses da sociologia do esporte, a qual os estudos sócio-culturais do futebol estão vinculados, especialmente os que envolvem a pesquisa de campo. Pierre Bourdieu nos alertou sobre isso:

Parte dos obstáculos para uma sociologia científica do esporte deve-se ao fato de que os sociólogos do esporte são de algum modo duplamente dominados, tanto no universo dos sociólogos quanto no universo do esporte [...] assim, de um lado existem pessoas que conhecem muito bem o esporte de forma prática, mas que não sabem falar dele e, de outro, pessoas que conhecem muito mal o esporte na prática e que poderiam falar dele, mas não se dignam a fazê-lo, ou o fazem a torto e a direito (BOURDIEU, 1987, p. 207).

Por outro lado, é importante salientar o crescimento de um campo acadêmico de pesquisa sobre esporte, em especial o mais popular deles, o futebol. O pesquisador argentino Pablo Alabarces atenta para o tardio interesse por parte das ciências sociais à sudoeste do globo em investigar o fenômeno esportivo, em torná-lo objeto cotidiano passível de estudo no ambiente acadêmico e

científico, justificando, de acordo com os marcos apontados, sua relevância para tal:

Há que esperar um século para que as ciências sociais latino-americanas produzam discursos explicativos e interpretativos sobre esporte, reconhecidos institucionalmente, com aval das comunidades científicas. Hoje, o esporte invade todos os redutos do cotidiano, transformando-se em um dos principais produtores de identidades, constituindo o maior ritual secular de massas, produzindo o maior faturamento da indústria cultural (ALABARCES, 1998, p. 74).

A consolidação se deu a partir da segunda metade da década de 1990, com uma série de trabalhos de impacto no meio, bem como o advento de um debate de fôlego acerca do tema identidade nacional e suas construções históricas. O futebol como tema sério para a abordagem acadêmica foi crescendo na medida em que foi sendo estudados por importantes intelectuais e abrindo espaços para jovens que tinha nessa modalidade uma paixão e poderia contribuir com o campo. De toda maneira, “nestes últimos vinte anos, a produção sociológica sobre esta temática se multiplicou [...] começaram a explorar múltiplas dimensões de um fenômeno que, sem dúvida, explicita alguns dos limites do ‘ser brasileiro’” (GUEDES, 1998, P.12). Como forma de elucidar essa perspectiva de afirmação do campo, é profícuo lembrar também as seguintes palavras de Alabarces, sociólogo do esporte, sobre a sua constituição na América Latina:

Desde la publicación de la colección *O Universo do futebol*, editada por Roberto Da Matta en Rio de Janeiro, y los contemporáneos primeros trabajos de Eduardo Archetti en Argentina, han transcurrido treinta años. Sólo en los últimos diez puede hablarse de la fundación de un campo de estudios relativamente autónomo, con producción específica, en América Latina (ALABARCES, 2002, p. 1).

Como destacado por Alabarces, o trabalho de Roberto DaMatta (1982) foi o marco na construção de um campo e na inauguração de um debate acadêmico que pudesse dar conta do aspecto simbólico e identitário do futebol no Brasil, isto é, disseminando um discurso de *brasilidade* – culturalista, diriam Soares e Lovisolo (2001) –, hegemônico no jornalismo e no ambiente acadêmico. DaMatta foi quem deu peso acadêmico e visibilidade ao futebol como objeto de estudos no campo das ciências humanas e sociais. Para além de estar presente como um dos principais intérpretes do Brasil, trouxe o esporte bretão a um patamar mais digno nos espaços intelectualizados e, justamente, tentou fazer uma leitura da sociedade por meio dele. Aliás, a coletânea de artigos *Universo do Futebol*, de 1982, teve como objetivo, especialmente no caso do texto do laureado antropólogo, desconstruir uma tradicional visão crítica do futebol como “ópio do povo”, que parecia gerar um “sentimento de culpa” em quem gosta de futebol – e que fosse mais politizado ou “de esquerda”. Ao cunhar o “drama de justiça social”, DaMatta aponta para uma

visão positiva do modalidade esportiva, menos mistificadora. O futebol, na sua visão, dramatizaria uma sociedade mais igualitária, com regras iguais para todos e meritocracia, algo que não poderíamos ver na realidade brasileira.

Foi certamente essa humilde atividade, esse jogo inventado para divertir e disciplinar que, no Brasil, transformou-se (sem querer ou saber) no primeiro e provavelmente no seu mais contundente professor de democracia e igualmente. Não foi, então, através da escola, do jornal, da literatura ou do Parlamento e de algum partido político que o povo começou a aprender a praticar a igualdade e a respeitar as leis, mas assistindo a jogos de futebol. (DAMATTA, 2006, p. 142-143).

Foi o conceito que transformou o campo e deu fôlego para que discípulos e novos pesquisadores pudessem se aventurar pelo tema. Ou seja, foi o legitimador acadêmico do futebol e tudo que foi produzido posteriormente parece beber dessa fonte de alguma forma, pois “DaMatta expõe uma perspectiva que faz o futebol, no caso brasileiro, deixar se der apenas o nefasto ópio do povo, para tornar-se uma das expressões mais significativas da sociedade” (GUEDES, 2000, p. 128)

Uma situação interessante da construção do campo acadêmico do futebol é a importância e presença de Mario Rodrigues Filho. Se em vida foi um artífice e inovador no jornalismo esportivo – como mostramos na introdução –, sendo também legitimador e promotor da modalidade,

após sua morte, virou uma referência historiográfica fundamental para os debatedores do tema. Não por acaso, um dos principais eixos para abordar a construção de um discurso futebolístico e sua relação com as fontes da imprensa, com foco numa identidade nacional é o “discurso racista”. Acreditamos, portanto, que a principal obra de Mario Filho, *O negro no futebol brasileiro (NFB)*, se constituiu ao longo de um período ainda recente, como uma fonte indispensável para os estudos socioculturais do futebol com esse perfil, sobretudo os que possuem um caráter historiográfico. As assertivas do jornalista acerca da trajetória do negro são encontradas com alguma facilidade nas pesquisas que se dedicam a estudar a história social do futebol no Brasil. As narrativas encontradas no NFB, neste sentido, produziram parte importante do que se convencionou chamar, neste texto, de discurso de *brasilidade*, já que “o livro tornou-se, de fato, uma espécie de referência obrigatória nos estudos acadêmicos sobre o futebol brasileiro, principalmente aqueles cujo foco são as relações entre brancos e negros. Seja por vício ou por comodidade - e, sem dúvida, pela escassez de trabalhos históricos sobre o futebol no Brasil.” (HELAL, GORDON JR., 1999, p. 149).

Novos pesquisadores foram sendo tragados, no entendimento de Soares, pelo desejo de escrever uma história politicamente do negro (e sua saga até o evidente sucesso), que acabaria por refletir a necessidade de marcar e preservar a identidade nacional por meio do futebol. A disseminação acrítica desses escritos haveria de encontrar algum fôlego de contraste e crítica de acordo com o que uma postura contra-hegemônica pediria. Para tanto, considera-se que o profícuo debate sobre a questão racial no futebol brasileiro pode ser identificado como “antes e depois” da tese de doutoramento de Antônio Jorge Soares (1998), que seria, de certa maneira, um “terceiro momento”, após o apogeu do discurso crítico (“ópio do povo”) e a consolida-

ção o discurso culturalista (a partir de DaMatta). Neste momento, seu trabalho será analisado por difundir uma nova abordagem, o incentivo ao pesquisador ir às fontes primárias, e também por considerarmos necessário apresentar sob uma forma mais rigorosa alguns dos fatos históricos, antes incontestáveis, do futebol brasileiro. Essa reflexão particular nasce da repercussão de seu trabalho no ambiente acadêmico, gerador de uma saudável polêmica. Sua investigação teve, claramente, como objetivo teórico-metodológico, dissecar a obra de Mario Filho, o NFB, e, sobretudo, questionar a reprodução praticamente sem filtro, por parte de quem ele designou como “novos narradores”, da história oficial. Essa, quase sempre, segue um olhar politicamente correto e de preservação do “patrimônio nacional”, apresentando, em tons dramáticos e com poucas variações, a saga do negro no futebol brasileiro do século passado: (a) a segregação dos negros e dos pobres (b) lutas e resistências (c) democratização, ascensão e afirmação do negro no futebol. O trecho a seguir parece indicar o caminho das críticas da pesquisada de Soares (1999, p. 120):

A reiteração obsessiva de tal narrativa confirma, válida e faz verdadeira a história contada. Os “causos” ou fatos descritos do NFB assumem toda a carga explicativa, mais simbólica do que argumentativamente, do processo de exclusão, popularização, democratização e construção do estilo brasileiro de jogar futebol.

Independente da abordagem, entretanto, faz-se necessário destacar vários exemplos de estudos, como

forma de organizar parte do campo, em que as Copas do Mundo de Futebol têm sido interpretadas como momentos exemplares por meio dos quais um país pensa e representa a si mesmo. As Copas de 1954 e 1974, por exemplo, foram momentos fundamentais para a Alemanha. Na primeira o país foi representado pelo último selecionado unificado, já no início da Guerra Fria; na segunda, fez-se opor a Alemanha dividida em jogo histórico realizado em Hamburgo e vencido pela República Democrática. A Copa de 1978, por sua vez, tem sido objeto de análise de diferentes pesquisadores e ensaístas, mostrando como a própria Argentina (SARLO, 2002; ALABARCES, 2001; ARCHETTI, 2003), ou mesmo todo um continente latino-americano (VAZ, 1998), elabora representações e expressões da experiência aterradora da ditadura; a Copa de 1950, como se sabe, teria representado o momento máximo do drama brasileiro e de certa mitologia a respeito do negro no futebol (VOGEL, 1982; SOARES, 2002); a seleção brasileira de 1970 pode ser entendida como ponto de tensão entre as representações do “futebol-força” e o “futebol-arte” (SOARES; HELAL; SANTORO, 2003). Mais recentemente, Maragno e Vaz (2004) se detiveram sobre a *dolorida* derrota da seleção brasileira na Copa da Espanha, em 1982, em que seus reflexos posteriores acabariam constituindo um “risco” prematuro do sepultamento do mito “futebol-arte”, um dos célebres valores que representariam a genuína *brasilidade*, bem como sua relação com os indesejados antagonistas trazidos novamente a baila, encarnados nas seleções posteriores e suas formas de jogar. Não por acaso, também se mostra relevante atentarmos ao fato de que estamos lidando com o oscilante discurso da imprensa, que não se furta em migrar de posição e de conceito norteador para corroborar ou refutar ideias frente a uma situação de conveniência, mesmo que esse processo represente um rompimento

brusco com o antes defendido e/ou um silêncio sepulcral perante o alardeado outrora. Os exemplos desse movimento de “incoerência” abundam, não apenas sob os auspícios da temática aqui abordada, se encontrando, oportunamente, deveras atualizado.

No processo histórico dos Mundiais de futebol e seus desdobramentos, nosso período eleito, o “ano da graça” de 1994 nos Estados Unidos da América, representaria a volta da experiência de vitória para uma nação que há muito esperava, uma nova conquista por parte do selecionado brasileiro. De toda sorte, uma Copa do Mundo, por suas narrativas, não passa apenas pelo resultado e a catarse proporcionada pelo triunfo ou a derrota. A *dobradinha* imprensa e opinião pública trata de, como já foi preliminarmente abordado, interpretar, estigmatizar, cristalizar ou desconstruir conceitos e mitos. Alguns estudos já referenciados denotam o caminho percorrido por parcela considerável do campo, que necessita ser cotidianamente debatido. A vitória numa Copa do Mundo remete-nos, assim, para uma série de reflexões, indícios, caminhos acerca de questões, nucleares ou periféricas, que dizem respeito à *brasilidade*, uma visão de identidade nacional em tensão, colocada à prova. Neste sentido, o caminho teórico-metodológico para entender o fenômeno futebolístico no Brasil apresenta hegemonicamente o discurso culturalista com Roberto DaMatta, Mario Filho e a filiação a Gilberto Freyre, sempre com a ênfase na singularidade do seu futebol, sem contudo, desconsiderar o crescimento do “terceiro momento” desencadeado por Soares, abordado mais a frente nesse trabalho:

Uma sociedade tão rica em leis e decretos racionais, mas que espera pelo seu D. Sebastião, o velho e

ibérico pai de todos os renunciadores e Messias [...] renunciador tão perfeito que parece ter decidido paradoxalmente jamais voltar, como se estivesse prevendo sua inevitável desmistificação por esse mesmo povo que diz amá-lo e o aguarda com tanta paciência. (DAMATTA, 1979, p. 14-15).

Um discurso pedagógico: a construção do estilo brasileiro

Embora seja tema controverso, a necessidade de símbolos/signos que proporcionem identificação imediata com o outro parece ser uma das bases de perenidade da vida em grupo. Desde a família e o sobrenome, num exemplo mais diluído nas sociedades, até bandos ou gangues, com seus *ritos de passagem* e suas dinâmicas internas de procedimentos obrigatórios comuns aos partícipes, a coesão e a unidade se tornam um referencial de convivência, mesmo com as contradições e turbulências da heterogeneidade humana. Nesse contexto, o historiador José Murilo de Carvalho (2003) se torna elucidativo no tocante ao tema da coesão e unidade, neste caso, de uma nação, o que chamamos geralmente de “identidade nacional”:

Uma forma de observar o ingrediente nacional é examinar como enxergamos a nossa nação, como construímos a nossa memória nacional e como olhamos para o nosso futuro [...] as nações

quererem para sua sobrevivência a construção de uma identidade coletiva, para contrabalançar os muitos elementos divergentes que todas tem de enfrentar. Essa identidade é composta de diferentes ingredientes, geralmente carregados com componentes altamente emocionais. A construção dessas identidades requer uma grande dose de “esquecimento e de “erros históricos”. [...] Esquecer e reescrever a história geralmente envolve a criação de memórias e heróis nacionais, símbolos, alegorias, mitos e rituais (CARVALHO, 2003, p. 397-398).

Se há, também, um caráter mitológico na construção de identidades, especialmente as nacionais, precisamos entender a construção desse processo. Buscamos primeiramente o conceito de Ian Watt (1996, p. 16), para quem o mito seria “uma história tradicional largamente conhecida no âmbito da cultura, que é creditada como uma crença histórica ou quase histórica, e que encarna ou simboliza alguns valores básicos de uma sociedade.” Nesse sentido, ganharia força imagética uma série de símbolos e valores nacionais em forma de crença histórica, sempre embalada pelo sucesso internacional do futebol brasileiro, coerente com a perspectiva mitológica trazida por Watt. Não se trata, porém, de cair na armadilha que Roland Barthes (1957) nos traz acerca da interpretação dos mitos. Em algumas abordagens dos certos mitólogos,

com o objetivo de dilacerar o mito, flertar-se-ia com uma postura arrogante, que estaria acima dos fatos ou dos “mortais”, em um olhar de cima para baixo. Não parece ser essa abordagem que Barthes considera interessante para o debate acadêmico sobre a interpretação dos mitos.

No entanto, é importante que continuemos a elucidar o conceito, como nos mostra Alexandra Vieira de Almeida (2008, p. 104), numa articulação com a literatura, pois o “o mito é uma narrativa de origem, a história do surgimento de algo.” Nessa linha, complementa seu raciocínio a partir da questão inaugural, salientando a importância do mito de origem acerca de certo imaginário construído e cristalizado, em que “a pergunta mítica é ‘como surgiu tal coisa no mundo?’ Essa pergunta inaugural sobre a criação se relaciona ao fazer literário, que, por ser um ato criativo específico, requer leis e estruturas necessárias para sua construção do discurso” (ALMEIDA, 2008, p. 82). Ainda nesse paralelo com a literatura, a autora ainda considera que, embora o mito tenha um caráter híbrido entre ficção e realidade, talvez possa mais esconder que mostrar, e que podemos encontrar facilmente nos discursos sobre a construção sócio-histórica de um “estilo brasileiro” de jogar futebol. O que valeria, muitas vezes, seria menos o que se vê e mais o que se esconde, oculta:

Tanto o mito quanto a literatura, através do ficcional, trabalham com o espaço da invisibilidade, que não pode ser traduzido num primeiro momento, sem que sejamos levados a tocar o solo movediço da interpretação. O mito e a literatura, diferentemente do logos, trabalham com a ausência de visibilidade. Esses dois discursos não

clarificam, antes obscurecem, trabalhando com a estética do invisível (ALMEIDA, 2008, p. 54).

Na construção de um discurso sobre o Brasil por meio do futebol, e a afirmação de um estilo brasileiro, é importante compreender o papel do que poderíamos chamar de “bens culturais” – como definiu Gonçalves (1988) –, na tentativa de remeter ou resgatar sempre uma história mítica de referência (com seus símbolos e heróis), no caso, como uma pedagogia para as novas gerações. Essa lógica operaria a partir de algo consolidado no imaginário coletivo, permitindo atualizações que não aviltem a essência da identidade. Cada vitória – ou mesmo os fracassos, encarados como percalços em direção ao sucesso – ou destaque internacional no futebol poderia ser considerado um “bem cultural”, algo que passaria de geração em geração como um símbolo de que é possível ter êxito a partir de um estilo próprio, uma “marca registrada”. Portanto, a representação do passado “sagrado” seria uma fonte de inspiração para que a tradição tenha longa vida:

Muitos dos bens culturais que compõem um patrimônio estão associados ao passado ou às histórias da nação. Eles são classificados como relíquias ou monumentos. Assim como a identidade de um indivíduo ou de uma família pode ser definida pela posse de objetos que foram herdados e que permanecem na família por várias gerações, também a identidade de uma nação pode ser definida pelos seus

monumentos – aquele conjunto de bens culturais associados ao passado nacional. Esses bens constituem um tipo especial de propriedade: a eles se atribui a capacidade de evocar o passado e, desse modo, estabelecer uma ligação entre passado, presente e futuro. Em outras palavras, eles garantem a continuidade da nação no tempo (GONÇALVES, 1988, p. 267).

Os intelectuais, pensadores, escritores, romancistas que começaram a desenhar um esboço sobre o Brasil mergulharam num amálgama de interpretações “fiéis” à realidade, já que a nação ansiava ser “descoberta” a partir de suas virtudes materializadas em valores morais, cívicos, étnicos e culturais. Sob esse ponto de vista, Velloso (1988) afirma que “no afã de retratar o Brasil, nossa literatura inclinou-se mais para as tendências realistas do que propriamente ficcionais.” Diante dessa necessidade de interpretar, descrever, publicizar o Brasil, todos estariam convocados para cumprir sua missão de dar uma cara ao país, sobretudo na primeira metade do século XX, quando o poder central passou a ter um papel indutor desse processo, pois “é no período do Estado Novo (1937-1945) que as idéias salvacionistas ganham maior força entre nossas elites intelectuais, preocupadas em marcar sua presença no cenário político.” (VELLOSO, 1988, p. 242). Diante desse cenário, era identificável um atrelamento do movimento da intelectualidade em direção ao caminho de buscar respostas e molduras para o país. O que nos tempos de hoje seria uma espécie de “dirigismo” político-ideológico muito difícil de acontecer – ainda que vejamos um patrulhamento tão caro aos setores conservadores em

relação a qualquer medida de democratização da comunicação social –, no trabalhismo da Era Vargas as forças intelectuais mais pujantes estiveram incumbidas de realizar essa tarefa cívica:

Dentro desse gênero que se enquadram as grandes reflexões sobre a nacionalidade, com as obras de Euclides da Cunha, Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda [...]. Vivendo um momento de afirmação da identidade nacional, o regime se esforça por capitalizar os grandes nomes da nossa literatura, transformando-os em “vultos nacionais”, responsáveis pela nossa história pátria [...] Associa-se então explicitamente a literatura à nação, transformando-se a primeira num espelho capaz de estampar com perfeição a imagem da nacionalidade (VELLOSO, 1988, p.242-243).

Nessa esteira, o futebol, como já demarcamos, entra no bojo do momento histórico de construção e afirmação de uma identidade nacional. Caminhara junto com o vigoroso crescimento da imprensa esportiva, a profissionalização dos atletas no Brasil (1933), a consolidação das competições internacionais, como a Copa do Mundo, mesmo que a Segunda Guerra fosse um grande “fantasma” para a humanidade. Isto é, o estímulo da prática esportiva, bem como o apoio ao esporte de alto rendimento, em especial o futebol, eram dados da realidade que ajudavam a montar um cenário de exaltação do nacional. A Copa do Mundo de 1938, na França, foi um

exemplo de afirmação internacional do país, tanto no sentido do resultado alcançado diante das grandes potências mundiais (com a conquista do 3º lugar), quanto do que a imprensa da época relatou sobre o “estilo” de jogo apresentado pela equipe brasileira. Esse evento estaria contextualizado ao momento histórico, fartamente descrito, da seguinte forma:

A década de 30 foi um período de intensa movimentação e mudanças de ordem política, o Estado buscou atribuir ao esporte a função de catalisador da formação um novo Brasil, dessa maneira, utilizou-se do esporte, mas principalmente do futebol, para divulgar e implementar sua política nacionalista. O momento propício para esta investida deveria ser um evento internacional, espaço em que o brasileiro pudesse desenvolver suas melhores qualidades na tentativa de derrotar seus adversários, este, seria a Copa do Mundo de 1938 (BOSCHILIA; MARCHI JR., 2006, p. 1).

Os confrontos internacionais, dessa maneira, geram debates intermináveis entre cronistas, jornalistas e o senso comum em geral sobre futebol, a representação do futebol-arte como característica singular de “nosso” jogo que parece bastante sedimentada. A voz forte dos formadores de opinião vem difundido esse conceito, sob o

argumento de “nossos” feitos e conquistas relevantes em nível internacional no decorrer da história, enfim, nos torneios mais importantes disputados pelo escrete brasileiro que legitimam tal atribuição. No âmbito acadêmico, pode-se encontrar questionamentos sobre este conceito, ainda raros e recentes, uma vez que, notadamente, esse predicado evoca a vaidade e o orgulho de sermos considerados, muitas vezes por nós mesmos, o melhor futebol ou o mais bem jogado do planeta, especialmente pela ginga, a criatividade, o improvisado ou, como está posto em Damo (1998) e em DaMatta (1994), na valorização do “baixo corporal”, advindo talvez de atividades como o samba, o carnaval e a capoeira, entre outras. Autores já citados, como Mario Filho (1964) e Roberto DaMatta (1982; 1994), analisam a construção histórica do futebol exaltando essas características, o primeiro mais pela questão étnico-social, o segundo mais pelo caráter antropológico (cultural).

O estilo marcado pela virtuose individual começou a ser louvado como autêntico e singular, um processo de recriação do modelo anglo-saxão. A corrente de valorização da singularidade de nosso futebol parece tornar-se hegemônica, talvez pela qualidade empírica de nosso futebol, ou ainda pela maximização do imaginário culturalista e nacionalista nos anos de 1930. (SOARES; LOVISOLO, 2003, p. 135).

O fato é que a explicação para nossas derrotas recaem quase sempre sobre um “Judas” que traiu nosso verdadeiro estilo de jogar futebol e, por consequência, é um traidor da nação, não respeitoso do ímpeto de nossos jogadores. Entretanto, em derrotas como a da Copa do Mundo de 1982 (MARAGNO e VAZ, 2004), quando foi praticado, segundo o discurso da imprensa, um futebol vistoso, clássico e de técnica refinada, há o advento das explicações sobrenaturais, da influência divina, ou ainda tentando ilustrar de forma mais específica, atribuindo culpa aos *caprichosos* “deuses dos estádios”.

Chama atenção também, nesses momentos de derrota, sobretudo em Copas do Mundo, a crise de identidade, o fracasso perante o mundo de um dos símbolos da nação, em que se começa, então, o processo de “caça às bruxas”, entre elas, a validade ou não de se jogar o apregoado “futebol-força” (VOGEL, 1982) ou, como mais recentemente designado, o “futebol de resultados” (ROCHA, 1996). Ambos se materializam em discursos acalorados dos profissionais da imprensa esportiva, uma verdadeira pregação a um povo que nesses momentos geralmente devota ainda mais descrédito às instituições brasileiras.

O futebol-arte, como maior mito de expressão estética do nosso futebol, se encontra hoje, digamos, no *hall* de “produtos populares”, tipo exportação, que se assemelham à tese de Archetti (2003), em sua análise perspicaz acerca dessa construção ideológica também no processo sócio-histórico argentino (*futebol criollo*), em polaridade às exportações de carne do país, representante do “produto dos ricos”, em que, portanto, o povo não se enxergava em sua integralidade. Aliás, Archetti, com grande propriedade, analisa a questão do mito do futebol *criollo*, em contraposição ao futebol britânico das primeiras décadas da modalidade no país, responsável por

levar ao *velho continente* a *gambeta* (drible), expressão genuína do estilo crioulo, na visão de seus informantes e cronistas da revista *El Gráfico*. Nota-se claramente uma aproximação com o contexto brasileiro na construção dessas configurações simbólicas definidoras de estilo, o que me deixa à vontade para utilizar as contribuições desse autor no contexto deste trabalho.

A construção do conceito de futebol-arte obedece a certa linha de coerência em etapas superadas, um enredo no qual a periferia, a pobreza, a dificuldade sócio-econômica, as bolas improvisadas, os campos irregulares, com o garoto astuto e descalço formam uma amálgama mitológica do cenário idealizado para a ascensão social, na dificuldade superada, para daí desfilarem seu repertório. Os feitos internacionais proporcionados por esses jogadores, especialmente nas Copas de 58, 62 e 70, consolidam o futebol-arte (LEITE LOPES, 1998) e colocaram o Brasil na posição de “país do futebol”. Por outro lado, nessa mesma época, a Argentina viveu momento distinto, já que, em 1958 (retorno do país aos Mundiais de futebol), a derrota para a Tchecoslováquia por 6 a 1 atormentou *los hinchas*. Na pesquisa de Archetti junto a seus informantes, constata-se que, no imaginário argentino, havia a crença de que, naquele momento, eram os melhores do mundo, algo não reconhecido por todos pelas ausências em vários mundiais anteriormente. Analogamente com momentos de derrota no Brasil, de frustração coletiva, se reflete uma inerente crise entre a tradição nacional, singular contra o estrangeiro, indesejado, que acaba comparativamente por superar o interno:

A superioridade do interno (‘la nuestra’), se assume como uma necessidade para resistir a possível invasão de outras formas, outros

estilos de jogar futebol. Por isso a superioridade repentina do externo, dos de fora, requer uma explicação, especialmente quando se percebe como uma crise moral, como a crise de nossa tradição. (ARCHETTI, 2003, p. 229-230).

Ainda nesse arcabouço de ideias/mito, vale ressaltar que o binômio futebol-arte versus escola, não produz um efeito, digamos, harmônico diante de um discurso mais enfático da imprensa e em autores como, por exemplo, Vogel (1982, p. 109), que avaliza esta ideia no seguinte trecho:

Para ele (o brasileiro) contam habilidade, espontaneidade, toque-de-bola e malícia. Estas qualidades não se aprendem no colégio, são naturais no jogador brasileiro. A capacidade de improvisar e o talento individual produzem um futebol de beleza e exibição. O jogador brasileiro tem ginga, versatilidade e intuição, por isso é um artista.

A *escola*, portanto, é considerada lugar no qual poderia haver a influência do indesejável cientificismo, a temível domesticação das características genuínas, enfim, representaria simbolicamente uma espécie de *caserna* do futebol, ideia que se percebe muito disseminada, inclusive, como vimos, nos discursos mais elaborados. É a antítese ao talento natural, que brota da periferia (Brasil – arte) ou dos campos cercados (Argentina – criollo), em que a exportação/disseminação desses traços culturais, pelos

campos de futebol do mundo, no estágio atual, se configuraria em imenso orgulho dessas nações.

É importante ainda salientar que os debates que se sucedem após derrotas de repercussão mundial, denunciam, talvez, um complexo de duas nações que não se afirmaram de forma sedimentada, em seus profundos problemas de ordem social, em que as respectivas populações não se reconhecem no Estado e na *elite* dirigente.

Interessante sublinhar novamente como os discursos de Mario Filho e Roberto DaMatta se assemelham com relação à elaboração de unidade étnica (fábula das três raças: índios, negros e brancos) em torno do futebol, exaltando seu caráter democrático, uma suposta igualdade de oportunidades, um drama de justiça social (DAMATTA, 1982), enfim, se insurgiriam no futebol de forma a demarcar valores proporcionados, segundo eles, de extrema positividade ao “esporte-jogo”. Especificamente no que se refere ao esporte bretão, Vaz (2002a, p. 157) ainda alerta para certos excessos do antropólogo DaMatta em seus ensaios sobre a temática, demarcando sua posição de identificação de características positivas do futebol para com a sociedade brasileira (e no sentido contrário): “Parece haver um certo romantismo, e até mesmo certo exagero nas assertivas de DaMatta a respeito da relação entre identidade nacional e futebol.”

Não se pode, claro, negar toda a contribuição do autor, como é lembrado por Guedes (2000, p. 27): “Não tenho dúvida [...], de ser esse programa [de pesquisa inaugurado por DaMatta] direta ou indiretamente, um dos maiores responsáveis pelo crescente interesse de historiadores, sociólogos e antropólogos na análise de futebol brasileiro como fenômeno social”.

O trabalho de Vaz (2002a), por outro lado, se torna um ensaio pioneiro, sintomático e paradigmático

com relação a uma análise criteriosa (praticamente pelo “avesso”) dos escritos de DaMatta sobre o esporte e o futebol, mais detidamente. Depois de trafegar entre o “ópio do povo” e estudos que de certa forma se tornaram mais um panegírico açucarado, alguns trabalhos que analisam o discurso da imprensa, pela dinâmica da indústria cultural, estão ajudando a elucidar novas propostas, sob novos parâmetros. O trabalho de Vaz (2002a), de certa forma, coloca a obra de DaMatta em um divã, e atenta para as brechas existentes nos escritos desse autor, incluindo suas colunas, por exemplo, no Jornal *Estado de São Paulo*, e, por conseguinte, balançando estruturas para quem pensa o Brasil e especificamente o futebol, como é aqui o caso. Do ponto de vista teórico, Vaz (2002a) faz duas pertinentes análises comparativas, a primeira com a *Nova Esquerda* européia das décadas de 1960 e 1970: “Elas contrastam tremendamente com as análises críticas ao esporte desenvolvidas pela *new left* dos anos sessenta e setenta, largamente difundidas no Brasil, sobretudo em visões vulgares e pouco rigorosas do ponto de vista teórico”. A segunda delas com Norbert Elias: “Por outro lado, caminham no sentido de alguns pressupostos da Sociologia Figuracional de Norbert Elias, especialmente em suas análises e comentários a respeito do futebol” (VAZ, 2002a, p. 141).

Essa revisão crítica vai matizando algumas questões antes axiomáticas, definitivas e supostamente justificadas em sua plenitude. Sob a égide desse desprendimento, é que se propõe a discussão de outros pontos, talvez mais “populares”, porém interessantes de serem investigados.

Uma releitura ou atualização da sociedade brasileira, sobretudo colocando feixes de luz sobre a dinâmica do futebol, em temas, por exemplo, como o viés católico em seus escritos, o fetiche pela ascensão social do

negro e mestiço, *que deram a volta na pobreza* (GUEDES, 2000), e a várzea como o grande “celeiro de craques” (GUEDES, 1982). *A priori*, a pluralidade religiosa, que se evidencia mais e mais a cada dia (fugindo de um paradigma católico), o futebol profissional como um mercado dentre outros em que atletas de classes mais abastadas também vendem sua força de trabalho (Kaká, Leonardo, Raí, Diego, só para citar alguns) e se destacam (denotando uma pluralidade também neste sentido), além da mercadorização, em paralelo, da várzea, com sua dinâmica de tensão bastante semelhante ao futebol profissional, trazem embutidas dúvidas que suscitam investigação sobre, talvez, verdades antes absolutas.

O que se pretende trazer ao debate acadêmico, ainda que de forma preliminar e, sobretudo, por meio dos três eixos expostos até aqui, é o questionamento sobre a necessidade de seguirmos transitando apenas pelo politicamente correto, na apologia de heróis, no reforço a *capacidade de superação* do brasileiro, no *mestiço, malandro, sambista* que desfila no *sagrado campo de terra da periferia* com projeção mundial, nesta *fonte inesgotável de talentos do país do futebol*. Não se pode pensar no Brasil sem se levar em consideração à diversidade e a pluralidade real e desmistificada, onde Dunga e Romários representam o país com a mesma legitimidade. Em que a “Santa Várzea” se organiza, sanciona nos tribunais e participa do mercado de trabalho. Onde umbandas, agnósticos, católicos, espíritas, evangélicos e sincretistas têm suas identidades amalgamadas. Essa releitura da sociedade brasileira não parecer ser revolucionária, mas reformista. Uma atualização sem compromisso com o chamado “ufanismo”, em que a análise de um fenômeno mundial como o futebol deva acontecer com um pouco mais de rigor.

O terceiro momento: novos narradores x debatedores críticos:

Com uma profunda e astuta análise de dados, utilizando a imprensa da época como fonte, Soares (1998) questionou com ácida argumentação e robusto manancial empírico a obra do jornalista como único referencial confiável e apropriado para interpretação dessa querela, alertando que se tratava menos de uma obra historiográfica e mais um livro de crônicas romanceadas, com forte caráter nacionalista (ainda que não explicitado no NFB), inspirada também pelo pensamento de Gilberto Freyre (que prefacia, como dissemos anteriormente, a 1ª edição da obra). Entretanto, quando utilizada como referencial, recomenda, em virtude de sua ida a campo e das fontes que mobilizou, parcimônia no tratamento do que foi relatado com talento por Mario Filho. Soares considera o NFB, no mínimo, como mais uma fonte entre outras ou, até, um interessante guia para novas pesquisas de campo acerca do processo histórico-social do futebol no Brasil. O desdobramento do estudo de Soares proporcionou pelo menos quatro artigos que explicitam parte de seus questionamentos em demandas específicas; seriam “micro-histórias” de caráter pedagógico e mitológico, que poderiam não resistir ao confronto com sua investigação: sintetiza o processo de análise do NFB e as críticas aos “novos narradores”, expondo parte dos dados como forma de sustentar sua argumentação em prol da pluralização da empiria nos estudos desse mesmo objeto. Alerta, especialmente, para o oportunismo do jornalista no tocante à segunda edição do livro, de 1964, numa espécie de complemento necessário, quando suprime parte da primeira versão (de 1947) para embasar mais uma sequência de provações e superações do negro no futebol brasileiro, estampada em dois novos capítulos.

Por meio de alguns dados contrastados ao NFB, Soares (1998; 1999) não viu suficiente base em jornais da época, por exemplo, para avaliar a tese de Mario Filho, qual seja, de que, após a derrota do Brasil na final da Copa de 1950 para o Uruguai, teria ocorrido o que próprio Mario Filho denominou de um “recrudescimento do racismo”, ou seja, os negros da equipe, neste caso os defensores (Barbosa, Juvenal e Bigode), teriam sido responsabilizados e crucificados pela “tragédia”. A seguinte passagem pode ser elucidativa para entendermos a ponderação de Soares (1999, p. 127):

O fato de outros negros e mulatos não terem sido culpabilizados torna pelo menos ambígua a idéia de *recrudescimento do racismo* cunhada por Mario Filho. Mais ainda, a pesquisa nos jornais da época não registram nenhuma referência à culpa pelo fato de os três serem negros. Porém a narrativa de Mário prossegue tentando demonstrar que a derrota de “16 de julho” fizera reascender o debate e os preconceitos em torno da raça.

Na sequência do texto, Soares chama a atenção do leitor para o complemento ideal da obra, forjado por Mario Filho, no qual se destaca a superação desse novo dano em 1950, vitaminado pelo fracasso na Copa do Mundo de 1954, na Suíça, partindo para a exaltação das vitórias da seleção de pretos e mestiços com Didi, Garrincha e Pelé em 1958 e 1962, bem ao estilo dos contos e romances que narram sagas de heróis. Seria, então, o triunfo do genuíno futebol brasileiro, de acordo com o tradicional

maniqueísmo geralmente empregado nas ocasiões de louvor à brasilidade, em que o *futebol de pretos e mestiços* superou definitivamente o *futebol branco e inglês*, já relegado a um passado remoto que não poderia voltar. Enfim, um final perfeito para o NFB, abordado, dessa vez, em tom irônico por Soares (1999, p. 140):

O racismo estaria na desconfiança de que pretos e mulatos não teriam o necessário equilíbrio psicológico em momentos decisivos. Contudo, o sentimento racista seria mais uma vez superado em 1958, apesar do racismo também ter rondado a formação do selecionado. A façanha voltaria a ser realizada na Copa de 62. Apesar do racismo, o estilo dançado, gingado e improvisado do futebol brasileiro seria revelado ao mundo através do preto Pelé e do mulato Garrincha. O herói superou as provas na sua caminhada para o reconhecimento.

Em Soares (1998), outro artigo resultante da referida tese de doutoramento do autor, mais uma vez temos evidenciada a limitação da obra de Mario Filho como fonte, sobretudo quando contrastada com outras que abordam temas da mesma época. Vasculhando o jornal *Correio da Manhã*, o autor encontrou o caso do jogador anglo-brasileiro Sidney Pullen, que defendeu o escrete nacional em 1916 no campeonato sul-americano e que também foi rapidamente citado no NFB. Se de um lado Mario Filho via a oportunidade de relacionar Pullen ao seu indesejado futebol *branco e inglês*, por outro, os arquivos sobre os quais Soares se debruçou apontaram para uma

questão mais ampla: a afirmação da nacionalidade em um período de incertezas frente ao cosmopolitismo latente. Sobre a versão do NFB:

Sidney Pullen é um detalhe corroborativo do conceito de futebol branco e inglês. Entretanto, a própria narrativa do autor se confrontada com outros dados e fontes, pode nos fornecer possibilidades de análise que vão além das oposições binárias presentes na obra (e reproduzidas academicamente): futebol branco *versus* negro e mestiço; futebol inglês *versus* futebol brasileiro. Este jogo de oposições parece servir ao discurso politicamente correto de hoje, mas pouco esclarece o passado do futebol brasileiro e suas relações sociais (SOARES, 1998, p. 114).

Soares (1998) constatou que ficava notória a diferença de compreensão sobre o caso Pullen, entre o NFB e o *Correio da Manhã*, funcionando, para o segundo, como ponto de partida para abrir uma crise de identidade na imprensa pela sua participação em um combinado inglês após já ter defendido o escrete brasileiro, tanto que o jogador teria se autodeclarado inglês frente à dúvida exposta pelo jornal. Soares (1998) parece oferecer pistas para a forma com que se portou o periódico naquele momento, quando da utilização do futebol e a celeuma acerca da identidade do jogador Pullen, especificamente, para dar vazão ao temor de uma ainda evidente fragilidade sobre o que é ser brasileiro na construção da jovem nação:

“No caso do Brasil, por possuir uma multiplicidade de etnias vivendo num mesmo território, com um significativo cruzamento interracial, a idéia do ser ‘brasileiro’ fez parte de discussões tensas e apaixonadas” (SOARES, 1998, p. 123). Se essa diferença de análise do caso Pullen, em alguma medida, foi esclarecida do ponto de vista do diário pesquisado por Soares, no caso de Mario Filho, fica também clara a dimensão utilitarista na tentativa de refutar o *futebol branco e inglês* a qualquer custo. Para tanto, apesar do pessoal e claro sentimento nacionalista em seus escritos, não primara pela aproximação com os respectivos momentos históricos em cada evento relatado, como nessa querela sobre a identidade do jogador Sidney Pullen: “Mario Filho não compreende nem articula seus dados ao contexto, não indica a rede de relações que envolvia seus personagens e eventos históricos” (SOARES, 1998, p. 123).

Em outro importante artigo, neste intento de esmiuçar as críticas ao uso pouco criterioso do que escreveu Mario Filho, Soares (2001) novamente se põe a questionar a reprodução desenfreada dos “contos” que se transformam em mitos contidos no NFB. Observamos, agora, algumas reflexões acerca da questão que envolve o título do Clube de Regatas Vasco Da Gama, no Estado do Rio de Janeiro, em 1923, trazendo, nesta volta, o ineditismo no predomínio de negros e mestiços no elenco de um clube de futebol, e a criação de uma nova Liga, a AMEA (Associação Metropolitana de Esportes Atléticos), em 1924. Seria a primeira vitória da coletividade negra, o triunfo do futebol dos pretos, mestiços, dos brancos pobres, enfim, a vitória do homem brasileiro forjado pela “democracia racial” que o nobre esporte bretão *repaginado* tão bem representaria, o que, em última análise, se encaixaria perfeitamente como mais uma batalha vencida pelo negro na luta por sua afirmação. A

investigação de Soares (2001), a partir de outras fontes da imprensa da época, indicara que o advento da nova liga seria menos uma retaliação (saída da antiga liga carioca, a METRO) ao trunfo vascaíno de 1923, carregada, por conseguinte, de conotação racista, como quis fazer crer Mario Filho, que um debate acerca da distinção social do esporte enquanto amador, que funcionaria como “pano de fundo” para a tensão *amadorismo x profissionalismo*, que tomava conta dos debates e das polêmicas no futebol competitivo da década de 20 do século passado. Vejamos, então, a reflexão de Soares:

O sentido conferido à fundação da AMEA na luta anti-racista do Vasco acaba por tornar **secundário** o debate sobre o amadorismo, que gerava uma série de conflitos no interior das instituições esportivas no período retratado. Assim, no escopo das narrativas sobre esses eventos, o amadorismo surge como algo que deve ser colocado como lateral, ou como uma forma de dissimular a segregação racial no espaço do futebol. O amadorismo, por definir critérios de distinção social, é tomado como **sinônimo** ou **estratégia** de racismo uma vez que as camadas populares eram povoadas por negros e mestiços. A lógica utilizada reduz demasiadamente a complexidade das relações sociais na sociedade brasileira da época. (SOARES, 2001, p. 104, grifo nosso).

Nesse sentido, nem o NFB nem a imprensa, nos dados levantados pelo autor, corroboram a tese de que a dissidência dos grandes clubes do Rio de Janeiro (Flamengo, Fluminense, Botafogo, América e Bangu) da METRO, se deu em função de um descontentamento com a massiva presença de negros e mestiços na equipe da colônia portuguesa. O que pode suscitar espanto num leitor mais atento desse debate, na reprodução, no caso, do mito acerca do título do Vasco, é que o próprio Mario Filho deixa transparecer algumas das razões pelas quais poderiam levar a uma clara superioridade dos vencedores de 1923. Soares (2001, p. 118-119, grifo nosso) evidentemente não deixa passar a oportunidade de demarcar nova lacuna do NFB e de quem o reproduz sem o devido cuidado:

A vitória inquestionável do Vasco em 1923 não teria esse tom dramático se simplesmente pensássemos que aquela equipe foi montada com excelentes jogadores dedicados quase que exclusivamente ao futebol, isto é, que viviam sob uma **estrutura semiprofissional** bem sucedida em relação aos demais. Não teria o charme que tem caso aqueles que se nutrem de Mário Filho estivessem atentos à própria narrativa de seu inspirador, quando descreve que a equipe do Vasco era **treinada exaustivamente** por Platero e os jogadores eram superiores em termos de preparação física.

O estudo publicado por Soares em 2002 se refere especificamente ao episódio da fatídica derrota na final da Copa do Mundo de 1950, já rapidamente comentado, e, a partir deste marco temporal, procura trazer a baila novas fontes que poderiam ser colocadas ao lado do NFB para dar conta das consequências da “tragédia”, uma vez que, nesse imaginário de “morte coletiva” (VOGEL, 1982) descrito por Mario Filho, como se sabe, os culpados teriam sido eleitos em função da cor da pele. Nesse texto, novamente, Soares (2002) não se furta em apontar as lacunas da obra em relação ao que aconteceu em 16 de julho de 1950: “A figura do ‘recrudescimento do racismo’ construída por Mário Filho não é encontrada nos jornais de 1950 nem nos seus próprios artigos jornalísticos escritos na época do evento” (SOARES, 2002, p. 175). Após a análise dos periódicos da imprensa, quando verificou pouca base factual e argumentativa para sustentar a versão racista, Soares acaba por denunciar alguma fragilidade já no próprio discurso da máxima obra de Mario Filho. A partir disso, indaga:

Para complicar ainda mais o “recrudescimento do racismo”, o povo teria, segundo Mário Filho, selecionado como herói da Copa de 1950 o mulato (*colored*) Obdúlio Varela, capitão da equipe uruguaia. Naquele mulato o povo teria identificado o que faltou ao brasileiro para tornar-se campeão do mundo, isto é, raça. [...] Se o mulato uruguaio foi elevado à condição de herói pelo próprio povo brasileiro, como entender a acusação a Barbosa, Bigode e Juvenal como

prova da volta ao racismo?
(SOARES, 2002, p. 177).

Outra importante e necessária ponderação que Soares (2002, p. 177) faz, se dá no intuito de não criar uma abordagem simplista que pudesse implicar num clima de desqualificação do NFB, de forma tacanha, canhestra; ou, então, estar de acordo com um tom de perseguição e negação. Muito menos, desconsiderar algo que se configura evidente na sociedade brasileira, objetivando, portanto, demonstrar, a seu modo, que a coerência no critério e o cuidado teórico-metodológico, para não cair no vazio do determinismo, permeiam seu trabalho:

Observe-se que não se está questionando a existência de racismo no Brasil e no imaginário brasileiro, o que está em foco é que a história social da Copa de 1950 não se sustenta, em termos de historiografia, quando construída exclusivamente com base em Mário Filho. Este intelectual, de fato, instrumentalizou a Copa de 50 de modo a descrever uma nova queda (dano ou perseguição) do afro-brasileiro, para que depois este fosse reafirmado como herói nas Copas de 1958 e 1962. (SOARES, 2002, p. 177).

Mais do que a pesquisa empírica como mote para o questionamento de algumas teses elaboradas por Mario Filho, Soares buscou e tencionou o que foi produzido em

um período recente, com mais ênfase desde o início da década de 1990, marco, de fato, do crescimento dos estudos sobre futebol no universo acadêmico. Analisou alguns textos que “beberam” do NFB para realizar suas interpretações acerca da história social do futebol no Brasil. No mesmo tom crítico e perspicaz que se utilizou na dissecação do que escreveu o jornalista, Soares (2001) salienta mais uma vez a apropriação não mediada e seletiva de *micro-teses* sobre a “saga” do negro, a qual estaria repleta de danos e obstáculos a serem superados no processo de sua afirmação:

Os “novos narradores” outorgam maior peso à exclusão dos negros que à dos pobres brancos. A história contada reitera o tom do dano que os negros sofreram com a introdução do futebol. O fato de o futebol, introduzido pelas e para as elites, ser encarado como segregação pode, por analogia, indicar que outras apropriações culturais (como a moda francesa, a literatura ou o hábito do *five o’ clock*) eram também segregadoras. Observe-se que **o conceito de segregação se confunde com o de distinção social no interior das novas narrativas** (SOARES, 2001, p. 26, grifo nosso).

Ao reafirmar a divisão tradicional da construção do herói negro, ou seja, os três momentos já descritos anteriormente (segregação/lutas/afirmação), os “novos narradores”, como verificou o autor, acabam por acomodar passagens do NFB aos seus eixos de interpretação que

muitas vezes não refletem o que o próprio Mario Filho se propôs a apresentar. A não diferenciação de conceitos e palavras relacionadas ao período de suposta discriminação explícita do negro, e a necessidade de buscar corroborar e até complementar o que a importante obra traz, sem com isso estar calcada em um embasamento empírico consistente, podem servir apenas para a reprodução de um belo exemplo de “tradição inventada”, com alta carga mitológica. Soares (2001, p.26), quando se refere especificamente ao primeiro daqueles três momentos, procurou, justamente, apontar falhas ou incoerências dos que vêm somente um caráter hercúleo e de proezas:

Mário Filho, por sua vez, não usa a palavra segregação: ele trabalha com a idéia de barreiras raciais e de classes a partir das oposições futebol branco versus futebol preto, time grande versus pequeno, times da cidade versus do subúrbio. Essas imagens aparecem como sinônimos de distinção social, divisão social, preconceito de classe ou raça. Os “novos narradores” desambigüizam sua fonte e enfatizam a idéia de exclusão, proibição e segregação. Utilizam essas palavras-conceito como se fossem sinônimas.

O autor faz questão de apontar uma distorção por parte dos “novos narradores”, que, ao se entusiasmarem com a “saga” do negro e pelo seu destaque alcançado no futebol, incorrem num equívoco, ou pelo menos abrem um perigoso precedente. Algo como se os negros tivessem um “gene” especialmente talentoso para o futebol, que caberia

até ser interpretado como *racismo biológico*. A oportunidade de pessoas de extratos sociais menos abastados, pobres brancos e negros, de serem inseridos no futebol por meio dos clubes de fábrica, que não tinham ingleses suficientes para formar dois times, é apontada como um indício de fragilidade nas teses laudatórias. Esse utilitarismo na inserção de operários no futebol não combinaria com qualquer tipo de segregação ou resistência alardeados pelos novos autores. Soares (2001) alerta que estaria havendo privilégio por um “melhor” encaixe dos fatos, de acordo com uma interpretação que poderia ser contestada por novas fontes e ou por uma leitura do NFB mais pragmática e menos apaixonada, como ficou evidenciado na metodologia aplicada pelo autor. O trecho abaixo ajudaria na elucidação desse pensamento, e, inclusive, acabaria por colocar um interessante questionamento aos leitores:

A necessidade é posta como porta de entrada para explicar o processo de apropriação do futebol pelos operários negros, mestiços e brancos pobres. Estes, pertencentes à parte inferior da sociedade, teriam sido misturados aos legítimos “brancos”, os ingleses, para aprender e praticar as artes do esporte bretão. **Mas poder-se-ia perguntar aos “novos narradores”: aprender o quê já que os elementos básicos do esporte estavam no corpo do brasileiro (ginga, dança e capoeira)?** (SOARES, 2001, p. 29, grifo nosso).

A partir daí, o autor explora a contradição desse discurso quase monopolista sobre o imaginário do negro no futebol e no esporte. Qual o caminho: o talento natural ou a oportunidade de aprender jogando com os inventores da modalidade? Claro que não cabe apenas uma análise maniqueísta, entretanto, ao colocar essa indagação ou dúvida sobre os caminhos para responder a questão, ele salienta a pouca resistência de se exaltar ou corroborar um ideal heróico, que implica na valorização de uma identidade nacional via futebol, “la nuestra” (ARCHETTI, 2003), como colocam os periodistas argentinos (ou qualquer neologismo similar) em contexto semelhante, a tão sonhada singularidade em que o negro foi e é protagonista. Sendo assim, se o objetivo for manter a independência e um espírito crítico nos estudos sócio-culturais do futebol, não bastaria retratar uma história social que faça bem para a auto-estima do povo brasileiro, por mais que o gigante da América do Sul seja referência mundial em competições de alto nível no futebol há mais de 50 anos e tenha uma imagem de fora para dentro de acordo com essa lógica. Não à toa, Soares (2001, p. 30) ressalta que a participação do negro, quando simplificada pela necessidade militante da apologia, às vezes carregada de boas intenções ou inebriada por um artefato cultural em que o Brasil se estabeleceu em nível de excelência, pode acontecer aquilo que tanto se tentaria evitar:

Observe-se que o argumento que soa como politicamente correto poderia conter as sementes de um certo “racismo invertido” que se manifestou, tradicionalmente, no elogio da sensibilidade do negro para a música e de sua força, resistência e habilidade corporal. O

negro seria “naturalmente” bom para o trabalho pesado e para a expressão estética na dança, na luta da capoeira e na música. A capacidade intelectual ou de razão e de condução ficava, por certo, fora do elogio. O argumento a favor do negro no futebol poderia tornar o preconceito tradicional virtude esportiva. (SOARES, 2001, p. 30).

Todo esse minucioso apanhado de motes que Soares faz acerca das lacunas do NFB e dos seus intérpretes e debatedores, conhecidos como “novos narradores”, com críticas endereçadas e contundentes, não passariam despercebidos por aqueles que foram atingidos de alguma forma. Verificamos pelo menos duas respostas feitas à época das publicações do autor que tentaram contrastar com as ideias mais importantes da investigação. Os textos de Helal e Gordon Jr. (1999) e Maurício Murad (1999) tiveram como objetivo mostrar certo excesso ou algum radicalismo na postura de Soares em relação ao NFB e aos novos narradores, em alguns momentos simplesmente desconsiderando a importância da clássica obra.

Entendem, os debatedores citados de forma crítica em Soares, que dar menos importância a qualquer tipo de racismo e mais importância ao embate entre amadorismo e profissionalismo seria perigoso, na medida em que não acontecia apenas o NFB, mas havia toda uma discussão sobre a questão racial na sociedade brasileira, inclusive por parte de importantes intelectuais, uma vez que “apesar de louvarmos o mérito do trabalho de Soares ao apontar um

provável descuido metodológico dos "novos narradores", questionamos sua posição radical em negar qualquer possibilidade de utilização histórica do texto de Mário Filho." (HELAL; GORDON JR. 1999, p. 149).

Murad se coloca de forma ainda mais enfática não só ao defender a obra supracitada como importante referência historiográfica sobre o futebol brasileiro, como apresenta uma série de "falas" de personagens do futebol que viveram na primeira metade do Século XX e que teriam sido vítimas de alguma forma de racismo ou preconceito. Considera a abordagem crítica de Soares uma "ruptura", deixando pouca margem para o debate, já que, na visão do autor, há uma desqualificação geral dos "novos narradores".

Foram cometidos os três pecados capitais, imperdoáveis ao trabalho intelectual: ausência de erudição, relativamente à extensão de um clássico; desconhecimento da literatura amplificada, consequência do desprezo ao diálogo, e generalização do sempre quase roda. E mais: desconsideração de outras fontes de investigação, como o cinema e a fotografia, tão importantes para as ciências sociais e para o objeto em tela. (MURAD, 1999, p. 435).

O grande alerta de Soares acontece na questão dos cuidados de se usar o NFB como principal ou única fonte sócio-histórica sobre o futebol brasileiro e convida aos pesquisadores irem à fontes primárias, como já chamamos a atenção nesse trabalho, inclusive. Nisso os próprios "novos narradores" citados concordam com o autor. A diver-

gência ocorre quando se refere ao NFB utilizando termos como ficção, literatura de “causos”, romance, ou seja, pouco ou nenhuma proximidade com método e rigor, tão próprios de um discurso mais acadêmico. “E se é bem verdade, como nota Soares, que sua utilização como fonte histórica precisa ser feita com os devidos cuidados metodológicos, não podemos, no entanto, nos dar ao luxo de circunscrever o livro nos limites da ficção literária, ao custo de perder de vista um precioso documento sobre o futebol brasileiro.” (HELAL; GORDON JR, 1999, p. 150).

Nesse sentido, Maurício Murad tenta demonstrar que Soares comete o erro que acusa aos autores criticados: o de não procurar novas e outras fontes para embasar suas assertivas. Entende, também, que a postura de Soares flertaria até com certa falta de ética, extrapolando os limites do debate acadêmico, que é fundamental para o crescimento desse jovem campo, no momento em que “entre ‘os novos narradores’ e ‘os novos pesquisadores’, há mais complexidade, pesquisa e trabalho realizado do que conseguiu alcançar o olhar radical da ruptura”. (MURAD, 1999, p. 441).

CAPÍTULO II – PARREIRA E A SELEÇÃO DE 94: TENSIONAMENTO DA *BRASILIDADE*

O debate acerca do que seria um futebol brasileiro “fiel às tradições” e que respeitaria sua “história gloriosa” se estabelece na ordem do dia da crônica esportiva, desde muito tempo. Não por acaso, o conturbado período transcorrido entre as duas Copas (90 e 94), em que os resultados não foram considerados satisfatórios, foi atravessado por análises e discursos dessa natureza, em que pese as diferenças de abordagens dos veículos da mídia. A agônica classificação – depois de conturbada fase eliminatória – do selecionado brasileiro produziu uma animosidade importante de grande parte da imprensa esportiva para com o trabalho das duas figuras de maior visibilidade da comissão técnica: Carlos Alberto Parreira, técnico, e Mário Jorge Lobo Zagallo, coordenador técnico. A FSP, durante o ano de 1994, exibiu um estilo que poderíamos interpretar livremente como crítico e duro em relação à seleção brasileira de futebol, subordinada a não menos alvejada entidade máxima, a CBF (Confederação Brasileira de Futebol), e seu controverso presidente Ricardo Terra Teixeira. Entretanto, se a forma não foi a mais ufanista e complacente com o trabalho de Parreira, o conteúdo respeitou o debate corriqueiro sobre o jeito de jogar, que, no caso, como apresentaremos nesse capítulo, foi objeto de discórdia e polêmica. Vários aspectos entram em jogo a partir dos questionamentos (e reclamações) de que uma história poderia estar sendo “jogada na lata do lixo”. A convocação de alguns atletas que não possuíam a predileção da mídia, bem como a velha ponderação de que não se estaria revelando talentos com a *marca* do futebol brasileiro, sempre na esteira de que os técnicos – pouco preocupados com a fantasia e mais com o resultado –

carregavam a culpa por uma suposta escassez de qualidade individual naquele momento. Algo que tampouco está fora de moda, aliás. Interessante compreendermos o momento agora evidenciado nesse discurso denunciatório, desde antes do Mundial. A negação de uma identidade – que seria símbolo de orgulho nacional e afirmação internacional – é fartamente abordada, por exemplo, por uma dupla de músicos que possuía coluna semanal na FSP, Marcelo Frommer e Nando Reis, integrantes, naquela ocasião, do famoso conjunto de pop/rock Titãs. Veremos algumas passagens do período pré-Copa, a expectativa pouco otimista de ambos, em que o técnico Parreira quase não é mencionado por sua alcunha original, já que havia ganhado o apelido singelo de “Teimoso”, expressão condensada do que ambos pensavam a respeito do comandante da seleção de 94 e seu trabalho, assim como Zagallo, chamado, então, de “Velho Zaga”. Seria, talvez, uma teimosia em não ceder a nossa “vocação ofensiva” aliada ao anacronismo que simbolizaria a figura do experiente auxiliar:

1994, finalmente entramos no ano da Copa, ou entramos pelo cano? Parece brincadeira, mas o país do desperdício continua desprezando seu próprio talento, a sua capacidade nata de produzir craques técnicos e competentes para que pratiquemos aquele futebol que, por mais que a CBF faça de tudo para ele esqueça, o mundo não esquece. Quanta incompetência cabe num só órgão, dirigida atualmente por alguém que, sem dúvida, não ama o que faz e, pior, não sabe o que faz (FSP, 17/01/1994).

A necessidade de vencer um Mundial após 24 anos e, além disso, que o triunfo se desse de acordo com os marcos de um “estilo brasileiro de jogar futebol”, foram um imperativo nas colunas dos músicos, que não se furtaram em mostrar todo o descontentamento com os rumos da seleção brasileira, na ocasião. As constantes e contundentes críticas sempre vinham com o carimbo de resgatar uma identidade que havia sido deixada de lado após alguns fracassos em Copas do Mundo anteriores. Um dos detalhes mais ilustrativos do pessimismo diante do trabalho da comissão técnica – principalmente de Parreira – foi a contagem regressiva para que a seleção de 94 apenas confirmasse um fracasso mais que anunciado no Mundial do Estados Unidos: “A culpa toda é da incoerência do Parreira, desse técnico confuso e ... teimoso, assessorado por gente que não inspira confiança.” (FSP, 17/01/1994). Dispararam, com certa virulência, contra tudo que simbolizasse o *status quo* do futebol brasileiro. Diziam que “há alguma coisa de podre nisso tudo e nós tememos que, em breve, o cheiro comece nas narinas a feder. Com o Teimoso, só faltam 150 dias para começarmos a perder mais uma Copa (FSP, 17/01/1994)”. Geralmente, as afirmações não vinham embasadas por uma reflexão mais profunda de como a equipe estava configurada tática e tecnicamente, o que causa espécie na medida em que toda a fúria mirava justamente os mentores intelectuais dessa engenharia futebolística. O clima de oposição ao trabalho realizado havia sido decretado por parte dos colonistas-músicos, em que o dilema matriz que permeou as representações da seleção de 94 não poderia deixar de aparecer. Alertou-se para a necessidade de achar a “identidade perdida”, como “mandragem” e “ginga” funcionam como aglutinadores de seus significados. No por acaso, “as reclamações sobre as “perdas” do estilo nacional interpretam o presente como declínio em

contraposição ao valor do passado, puro e positivo, provocando o sentimento de ‘saudade’”(SOARES e LOVISOLO, 2003, p. 130). Importa destacar que esse sentimento de saudade é axial na construção da identidade o que não estaria no horizonte dos que comandavam o selecionado nacional, razão fundamental, então, das fortes críticas.

Como todos os brasileiros, nós também estamos ansiosos e preocupados com a nossa seleção. E não é para menos. **Esta seleção na realidade não tem nada de nossa.** Esta é a seleção do Teimoso, do velho Zaga, do Havelange, mas não é a seleção do Brasil pelo simples motivo de que não reflete em absoluto o futebol que está se jogando hoje no Brasil. Esta seleção que já está escalada precocemente é uma seleção envelhecida e não apenas na idade. Causa preocupação e irritação saber que a nossa comissão técnica já tem seu grupo escolhido e fechado. Irritação essa que já se estende às mesas redondas, aos artigos especializados e ao bate-papo do torcedor (FSP, 28/02/1994, grifo nosso).

Ainda acusam a comissão técnica de aplicar um esquema (ainda que nada muito específico) que proporia algo contrário a uma “natureza” do brasileiro para jogar futebol, e, sobretudo, não contemplaria junto ao torcedor e a crônica o anseio pela ousadia, pelo “futebol-arte”, pela

criatividade, pela malandragem, isto é, pelos atributos que teriam feito o Brasil ser invejado e virar referência no cenário internacional do futebol:

Mas como nós frisamos diversas vezes nesta coluna, e todos estão carecas de saber, este esquema que pregam nossos dois apóstolos do futebol defensivo e covarde poderá até nos trazer o título, mas dificilmente vai trazer de volta o prazer de ver em campo o desconcertante gênio do futebol brasileiro. **Mais até do que o título, nós precisamos recuperar a nossa identidade futebolística.** O fato é que todos sentem que a inflexibilidade do Teimoso não tem limites, e que dificilmente ele irá mudar de conduta. E no ímpeto da colaboração, cronistas, analistas e torcedores, todos têm tentado dar a sua contribuição. (FSP, 28/02/1994, grifo nosso).

No mesmo caminho, mas com foco em uma das pontas das narrativas sobre a “identidade futebolística brasileira”, vemos – de acordo com a diversidade dos convidados da FSP para escrever sobre a Copa de 94 – o arquiteto e urbanista Ruy Ohtake exaltar a criatividade do nativo para jogar futebol, que nem mesmo os esquemas e os treinadores “retranqueiros” poderiam impedir de aflorar em dado momento de uma partida. Num texto sob o título “Criatividade faz Brasil a vanguarda do futebol”, do dia 16/06/1994, portanto, muito próximo do Mundial, demonstra, ora de forma preocupada, ora esperançosa, a

importância de certos símbolos para a manutenção do que seria, em última instância, um patrimônio cultural, remetendo-se, inclusive, às habituais glórias passadas, bem como a oposição *polarizante* entre Brasil e Europa e quanto mal a influência do velho continente poderia nos fazer:

Torço para que a criatividade dos nossos jogadores seja muito mais ousada que qualquer esquema tático a ser adotado pela seleção. Para cada inovação surge uma estratégia que tenta anular a criação. Mas a criatividade está sempre à frente, na vanguarda, por isso é inovadora e, as táticas são esboçadas, para que os médios e os mediócras possam bloquear os criadores. Quando o Brasil foi campeão em 58, o time era escalado com o goleiro, dois zagueiros, três médios e cinco atacantes. Veja só, cinco atacantes. Aí os europeus começaram a inventar os esquemas defensivos para anular a criatividade brasileira e sul-americana. Eu me lembro que surgiram, desde um tal de MW, até um ridículo 4-5-1. Sem falar no "todo mundo ataca e todo mundo defende", é o "futebol moderno". Ninguém me tira da cabeça que são todos, todos esquemas adequados aos europeus: sem muita criatividade, compensada por ampla preparação atlética, desde a infância, originando o chamado futebol força. (FSP, em 16/06/1994)

Ruy cita jogadores europeus que teriam muito talento e destaque, mas que não possuiriam a “genialidade” do brasileiro, emoldurada em lances da mais pura e genuína criatividade verde e amarela – nos moldes *damattianos* e *freyrianos*, como já vimos. A descrição detalhada de lances de futebol, ainda que maçante ou específica demais, pode ser ilustrativa nesse esforço de compreender o complexo imaginário sobre a seleção de 1994, que, sem exageros, ajudaria, e é algo que constantemente demarcamos nos estudos sócio-culturais do futebol, a entender como o brasileiro veria a si mesmo. Segue, então, outra parte de seu depoimento apaixonado – exemplar de ode a “nossa” superioridade – para com a genialidade, uma das características do inigualável “futebol-arte”, essa marca que nos seria tão cara e singular:

Porque talento e criatividade não nos faltam. Principalmente no futebol. Gosto de assistir o futebol. Frequentemente vejo pela televisão jogos do campeonato europeu, que Silvio Lancellotti, uma verdadeira enciclopédia, comenta de uma forma muito interessante. Inteligente. E assisto vários jogadores considerados estrelas européias. O Roberto Baggio, artilheiro italiano. O Borelin, atacante sueco, jogando no Parma. O Lothar Matthaus, festejado armador alemão. Ótimos jogadores, necessariamente oportunistas. Mas, acho que o craque é Romário. Tem lampejo de gênio que faz o gol, que decide a partida. Por exemplo: aquele gol contra o Canadá quando enganou cinco defensores, com

cinco dribles diferentes em cinco segundos, para fazer um gol tranquilamente; e outros como aquele em que dá um toque de bola pelo lado esquerdo do goleiro para avançar pelo lado direito e ao perceber que o mesmo vai alcançá-lo, para cometer o pênalti, subitamente volta pelo mesmo lado da bola, ficando fora de alcance, fazendo mais um gol. O desvio dessa sua corrida também é coisa de craque. Não há tempo para raciocínio. Só o lampejo do gênio. Seu olhar que a televisão mostrou em close é o olhar que me lembra o de Pelé: a dominar o destino da bola. Penso que arte e esporte têm muita coisa em comum. (FSP, 16/06/1994).

Dessa forma, abordagens que caminham para uma suposta *europização* do futebol brasileiro florescem com vigor quando da análise de acontecimentos da história recente, como é o caso aqui. Estaria cada vez mais na “alça de mira” dos pesquisadores que têm no futebol seu objeto de apreciação e investigação, isto é, em resumo, a tensão entre o local e o global num mundo cada vez mais “sem fronteiras”. O crescente número de jogadores brasileiros que atuam no velho continente já poderia ser sentido, mesmo em 94, e a representação disso em cronistas e amantes do futebol, especialmente quanto a um dilema acerca da exportação do “estilo nacional” e as influências desse contato, se constituem em temáticas atuais. Trabalhos como os de Rocha (1996) e Guedes (2000; 2006) deixam claro que haveria uma preocupação, também

no ambiente acadêmico, com a manutenção de uma *aura* de brasilidade no jogador brasileiro, embora se respeite e considere razoavelmente, certa evolução com a abertura de mercados e o conseqüente êxodo (em maior volume) de atletas *made in brazil*. Ainda na academia, a antropóloga Carmen Rial (2006) trafega num sentido não convencional, na medida em que sua pesquisa de campo, realizada com vários jogadores de elite que militam em solo europeu, apesar das constantes denúncias de agentes do “campo jornalístico” – termo cunhado a partir de Pierre Bourdieu –, não perderiam ou renegariam sua “identidade original”, a brasileira, justamente em virtude de uma série de símbolos e signos que os fariam manter contato com a terra natal. Ainda que se “aceite” essa situação incômoda de perda de ídolos do futebol local – como já acontecia em 94, reitera-se –, reconhecer-se-ia a necessidade de uma demarcação das diferenças, ou no máximo a consagração de uma visão utilitarista do inevitável intercâmbio. Matéria sobre Romário (que jogou na Holanda e na Espanha) opinando a esse respeito, assinada pelo jornalista Fernando Rodrigues, corrobora essa aprendizagem específica de elementos que comporiam o futebol europeu, bem como demonstraria que o produto da exportação de atletas nacionais apenas reforça o que é distinto, algo mais uma vez identificado por meio de um viés maniqueísta, ainda mais quando advém do próprio jogador:

O “baixinho”, após a semi-final diante da Suécia, destaca a importância da experiência de alguns atletas do grupo no futebol europeu, onde, segundo sua opinião e vivência, se adquire outras valências, pouco arraigadas no

futebol nacional do Brasil. O atacante Romário disse após a partida que os brasileiros "aprenderam bastante com os europeus". Ele foi o primeiro jogador do Brasil a dar entrevistas depois da partida de ontem. O atacante disse que os brasileiros aprenderam a ter "determinação e força de vontade com o futebol europeu". (FSP, 14/07/1994).

Chegar a um Mundial com a carga de estar “remando contra a maré” não deveria ser das missões mais fáceis para os comandantes da seleção de 94, especialmente quando mencionamos o supracitado *tabu* de 24 anos sem títulos. Parreira concedeu entrevista publicada, na FSP, no dia anterior à primeira partida brasileira na Copa. Um ponto a ser observado era que a defesa do próprio trabalho perante seus críticos, naquele momento, se dava de uma forma distinta e mais contundente do que se verificaria depois, já que seria, então, em conteúdo – “praticamos o estilo brasileiro” – e não em forma – “é isso mesmo, mas os conceitos mudaram” – como veremos, posteriormente. Os jornalistas Alberto Helena Jr., João Máximo, Mário Magalhães e Maurício Stycer se dedicaram a “apertar” o técnico por todas as polêmicas e insatisfações em voga. Mesmo concordando com algumas colocações, Parreira foi mostrando que havia diferenças nas interpretações, sobretudo quando as objeções se faziam por meio de adjetivações mais comuns ao seu estilo, método, trabalho.

Numa das questões, tenta, justamente, escapar de um dos estereótipos, embora acabe assumindo quase que involuntariamente outro. Uma separação entre treinadores que foram jogadores profissionais e os que não foram justificaria certa polarização, apesar do comandante da seleção brasileira – que não foi atleta – jamais se encaixar no que os entrevistadores acreditam serem os atributos de um técnico com essa biografia:

FSP - Você é da estirpe de técnicos que não jogaram bola, não foi profissional. Esses treinadores estudam mais, são mais articulados, procuram fórmulas mais modernas. Mas o seu trabalho parece extremamente convencional. Por que você é tão mais pragmático do que teórico?

Parreira - A colocação é correta. Muita gente diz que o Parreira é teórico. Isso dá a entender que treina o time no escritório, pô. Estou com esse time há três anos e fiz só uma palestra com slides. Meu trabalho é todo no campo. Pela experiência, sei que o jogador brasileiro não se adapta a coisas diferentes. Digam aí qual o treinador que inovou na seleção brasileira e foi bem-sucedido? Nosso jogador não resiste a esse tipo de coisa. Temos que ser convencionais com eles. (FSP, 19/06/1994, grifo nosso).

Ao analisarmos o ano de 1994 na FSP, não podemos nos esquecer de que houve um processo anterior do trabalho de Parreira, em que alguns conceitos acerca do

seu trabalho, logicamente, foram se cristalizando pelo caminho. É importante demarcar essa situação para que a investigação esteja contextualizada, em que a Copa do Mundo propriamente dita seria o produto final apresentado pelo contestado treinador. Não por acaso, portanto, as perguntas dos jornalistas transitam por esse solo firme de opiniões já formadas, algumas vezes imputando os tradicionais rótulos e estereótipos tão ao gosto da imprensa esportiva brasileira. Parreira mais uma vez justifica seu estilo, mostrando que se o seu trabalho é vencedor até ali, é por manter uma coerência:

FSP - Seu ciclo na seleção está terminando. Como você se sente na véspera do jogo contra a Rússia, depois de tantas críticas, de ser chamado de burro, teimoso, turrão? Carlos Alberto Parreira - Chegamos à Copa com a seleção montada exatamente porque o treinador foi teimoso, turrão, burro. Se tivesse sido inteligente, não estaria em lugar nenhum. As condições de trabalho sempre foram zero. Em nenhum momento pude reunir o time para treinar e competir. Em cada partida, havia jogadores diferentes, sempre com obrigação de ganhar. (FSP, 19/06/1994).

Após a esperada e ansiada estréia diante dos russos, “vozes de fora” como a do ex-jogador e naquele momento técnico de umas das mais tradicionais agremiações da Europa – o FC Barcelona, da Espanha e de Romário –, o holandês Johan Cruyff, então colonista

temporário da FSP, se reportou com elogios à equipe de Parreira e Zagallo. O futuro da seleção brasileira poderia, rapidamente (após apenas a primeira partida), se tornar auspicioso, inclusive no tocante ao resgate de sua “identidade futebolística”. Em análise bastante densa e específica, que envolve detalhes técnicos e táticos – objeto de sua função naquele momento, aliás –, devolveria a “esperança” ao calejado torcedor brasileiro, já acostumado com uma visão pessimista:

O Brasil parece ter recuperado a sua magia futebolística. E o fez apresentando um conjunto homogêneo, onde se destacam três parcerias: Jorginho-Raí, Mauro Silva-Dunga e Leonardo-Zinho, e um gênio solitário: Romário. **Ninguém pode negar agora que o Brasil joga como uma equipe, mas as suas ações ofensivas ficam concentradas em parcerias capazes de fazer autênticas diabruras.** A bola vai de uma lado a outro com grande velocidade, passando pelos pés de muitos jogadores. Mas, de repente, o jogo de conjunto se converte em um jogo de parcerias. Pela esquerda, Zinho e Leonardo constituem uma mistura de técnica e rapidez que os torna elétricos. Pelo meio, Mauro Silva e Dunga se alternam na função de avançar com a bola, da zona defensiva a posições de ataque. E pela direita estão Jorginho e Raí, que se complementam perfeitamente. **No entanto, todos esses toques de**

classe não serviriam a nada se lá na frente, como se a partida não fosse com ele, não estivesse Romário. Ele é o encarregado de converter em gols todos os toques geniais de seus companheiros.
(FSP, 22/06/1994, grifo nosso).

Para o leitor mais desatento, temos a impressão que se trata do outra equipe ou seleção, tamanha a diferença das abordagens. Ainda que buscasse salientar o tom de recuperar algo perdido ou esquecido, Cruyff apresenta um quadro, digamos, bem menos desalentador do que os articulistas, cronistas e convidados brasileiros que vinham analisando na FSP os passos da seleção brasileira desde o início da “Era Parreira”. Mesmo sendo a partir do desempenho na primeira partida da Copa, uma vitória tranquila por dois a zero, o holandês procura salientar a importância do triunfo, principalmente quando da comparação com a atuação de outros selecionados igualmente favoritos ao título. Um aspecto interessante de sua coluna é a importância dada aos coadjuvantes do grande astro da equipe, o “baixinho” Romário, algo pouco comum no periodismo nativo:

O Brasil pode jogar um futebol fantástico sem Romário, mas precisa dele se, além de dar espetáculo, quiser ganhar. Diante da Rússia tudo isso ficou muito claro e agora todo mundo já sabe que o Brasil veio para ganhar a Copa. Bem, a única dúvida que tenho é se a seleção brasileira jogou no limite de suas possibilidades contra a Rússia ou se pode ainda trazer novidades em campo, o que é importante para

saber qual a força real do time. No momento, o Brasil foi a única seleção entre as favoritas que ofereceu uma boa imagem. Isso é bom para o futebol. (FSP, 22/06/1994).

Colunista fixo da editoria de esportes da FSP, Alberto Helena Jr. não corrobora completamente a visão de Johan Cruyff sobre a estréia brasileira no Mundial dos Estados Unidos. Trazendo, talvez, impressões anteriores de que o técnico do FC Barcelona não comungaria no momento, procura caracterizar a seleção brasileira como “tática e burocrática”, embora não tenha passado sustos diante da Rússia. Num texto em forma de carta aberta em homenagem aos 50 anos de vida do cantor, compositor e escritor consagrado Chico Buarque, salienta que ainda faltaria muito para atingir o que de uma seleção brasileira se espera, isto é, muito mais do que “simples vitórias”. O imaginário de uma seleção burocrática que tem em Romário lampejos de genialidade vai se consolidando. Claro, seriam pequenos afagos na exigente e saudosa imprensa esportiva. Nostalgia pelos bons tempos que não voltam mais. *Flash backs* que confortam pela longa ausência de um dos orgulhos da nação – o “verdadeiro futebol brasileiro” –, objeto de inveja, cobiça e admiração por parte de um imenso planeta (para sempre) enamorado por essa singularidade genuína e matreira:

O Brasil passou pela Rússia, sem sustos nem cintilações. Apenas passou, como um amanuense rigoroso que despacha seus papéis com os carimbos certos e as letrinhas bem caprichadas no papel

branco, sem manchas ou rabiscos. Aliás, creio que assim será, até que peguemos pela proa uma Argentina ou uma Alemanha já mais entrosada. Mesmo assim, dá pra seguir adiante. Hoje, pegamos Camarões. Já não são aqueles negros alegres e maravilhosos de Copas passadas. Desconfio que não resistirão à nossa aplicada tática de jogo. Sobretudo, porque temos o contraponto certo, Romário, um artista. Não diria um Chico Buarque, que está mais para um Pagão, inspiração e reflexão. Mas, quem sabe, um Nélson Cavaquinho? Pura intuição! Sem mais, um forte abraço, um chute no cachorro e um beijo na empregada, como diria o nosso Pelé da Vila. (FSP, 24/06/1994).

Se Alberto Helena Jr. fez muitas ressalvas após a estréia, depois dos três primeiros jogos, quando a seleção brasileira saiu classificada como primeira colocada de seu grupo, o atacante Romário, na condição de líder técnico da equipe, escreveria um texto de justificativa/resposta para a FSP sobre o desempenho considerado claudicante, até então, na Copa do Mundo. Como “último e legítimo” representante da magia e genialidade do futebol brasileiro, tomou a iniciativa de se manifestar, considerando condição *sine qua non* defender o trabalho de Parreira a Zagallo, mesmo assumindo não estar totalmente à vontade, quase que num tom de “mal necessário” para voltar a vencer a máxima competição do esporte bretão:

O jogo contra a Suécia nos demonstrou que o caminho rumo ao título estará cheio de dificuldades, que teremos que trabalhar muito para seguir adiante nas partidas. Mas isso não me assusta. Estou preparado. Estou dando tudo pelo Brasil. O time tem que ir a campo com a convicção de que somos uma grande equipe, mas com a modéstia que acompanha os grandes campeões. Por isso gostei da cara do Brasil no segundo tempo contra a Suécia. Foi possível ver claramente que este grupo está unido. O jogo contra a Suécia pode servir para calar muitos rumores, que surgiram fora da seleção, sobre rivalidades internas. No Brasil atual não há líderes, mas jogadores respeitados, futebolistas marcantes por seu caráter, como é o meu caso e o de Ricardo Rocha ou Dunga. Vocês podem pensar que mudei minha visão do futebol desde que me concentrei com a seleção. Não é verdade. O que ocorre é que um Mundial é muito mais importante que qualquer conceito futebolístico. Gostaria de jogar aberta e ofensivamente, com um ataque formado por três atacantes, mas sei que isto é inviável em um torneio como este. E mais: tenho que reconhecer que não me importaria em ganhar todos os jogos por 1 a 0, mas ganhando (FSP, 03/07/1994).

Embora bastante reducionista, a fusão do que seria um “futebol-arte” vinculado, sobretudo, ao Brasil, com o “futebol-força”, vinculado aos europeus – materializado na Alemanha mais fortemente, em imaginário recorrente –, poderia ser mais uma das chaves de leitura e/ou mesmo, produto do intercâmbio pela saída maciça de jogadores brasileiros. Parte do artigo de Romário aborda essa questão, na qual chama a atenção para a necessidade da prática de um “futebol moderno”, com valências de ambas as “escolas”. Trocando em miúdos, pelo menos a preocupação profilática geral seria para algo como “nos misturamos sem prejuízos para o nosso estilo”. Aliás, essas mitológicas definições identitárias são bastante comuns nos discursos da imprensa e não menos presentes em trabalhos acadêmicos. Roberto DaMatta, inclusive, apela para a comparação com outros aspectos da *brasilidade* para reafirmar as diferenças e singularidades do nosso futebol, onde “muitos brasileiros esquecem de que ele foi inventado na Inglaterra e pensam que ele é, como a mulata, o samba, a feijoada, o jogo do bicho, o cafuné, a sacanagem e a saudade, um produto brasileiro. (DAMATTA 2006, p. 143). A separação em “escolas”, tradições, estilos por países, regiões e continentes se tornou comum na medida em que as competições internacionais se consolidaram. Novamente aparece a visão utilitarista da presença do brasileiro no centro futebolístico mundial que se tornou o velho continente em função do poderio financeiro – e, por consequência, técnico – de seus clubes. Em reflexões comuns na imprensa, não raramente, quando se trata de um jogador brasileiro que no imaginário popular seria considerado, de acordo com certos parâmetros habituais, disciplinado taticamente, com bons fundamentos técnicos e “forte fisicamente”, estaria surgindo um “brasileiro-europeu”. Da mesma forma, um atleta de destaque europeu que possua

uma série de elementos vinculados ao futebol brasileiro, como habilidade, ginga, malandragem, passaria também a ser visto como um “europeu-brasileiro”. Na esteira desse raciocínio, Romário continua sua saga pelo título e destaque absoluto do Mundial de 94:

Hoje, o Brasil é muito forte defensivamente, mas isso não quer dizer que não saibamos atacar. Essa pode ser a falha de nossos detratores. "O Brasil joga muito atrás", nos acusam. Isso é falso. Ou, pelo menos, não vejo assim. Vejo uma seleção brasileira com um futebol de ataque potente. Unimos a técnica e a garra e criamos uma nova concepção de futebol moderno. Tenho certeza de que este pode ser o Mundial do Brasil –e o meu. Entro em campo com a intenção de divertir-me, mas sei que ainda tenho que demonstrar às pessoas quem é Romário, porque só me conhecem no Brasil, na Holanda e na Espanha. A partir de agora, gostaria que quando as pessoas falassem de futebol se referissem a Romário. Acho difícil que apareça outro Pelé. Passará muito tempo para que surja outro gênio como ele, mas sei que passarei à história devido aos meus gols. Quero oferecer à minha gente este prêmio, pelo bem com que trataram a minha família, quando aconteceu o triste seqüestro de meu pai. Dificilmente conseguirei esquecer o comportamento do povo

brasileiro. Tenho uma dívida e espero pagá-la com a conquista da Copa do Mundo. A vitória será para eles. (FSP, 03/07/1994).

Se a defesa de Romário do trabalho da comissão técnica foi, de certa forma, firme, o Mundial seguia e a seleção brasileira continuava viva no torneio. A maioria absoluta das abordagens por parte de colonistas da FSP – fixos ou temporários – foi apresentada sob a forma de defesa do que seria o “verdadeiro futebol brasileiro”, ainda longe de ser representado pela equipe de 94, seja pela teimosia e o anacronismo de Parreira e Zagallo, como colocaram os músicos dos Titãs, seja pela burocracia planejada, como preferira Alberto Helena Jr. Ainda que Johan Cruyff tenha coberto a seleção de elogios (para além de Romário), as partidas foram se sucedendo com uma sequência interminável de críticas de toda sorte. O jornalista Melchiades Filho partiu para outra camada de leitura que estaria no cerne das dificuldades de deslanchar do escrete nacional. Procurou vislumbrar uma análise do esquema de jogo propriamente dito em que chegou a conclusão, até ali, que o time estaria “amarrado”; os jogadores presos como bonecos de *pebolim*. A falta de movimentação dos atletas tornara a equipe menos incisiva ofensivamente, sobretudo pela ineficiência do meio-campo. Não bastasse a constante evocação de expressões de identidade como “futebol-arte”, “futebol-força”, “futebol de resultados”, “futebol pragmático”, “futebol científico”, encontramos, por meio do artigo do periodista, o *futebol-pebolim*, produto atribuído à seleção brasileira de 1994:

O futebol-pebolim. Essa é a melhor definição para o estilo da seleção

na era Parreira. Pebolim é um jogo que transpõe para a mesa os princípios do futebol. No Rio e em outras regiões do Brasil, é conhecido como totó. Nele, os 11 jogadores são presos em quatro linhas – um goleiro, dois zagueiros, cinco meias e três atacantes. Estudo publicado na Copa 94 em 29 de junho e 5 de julho mostrou que, a exemplo dos "atletas" do pebolim, os homens de Parreira não trocam de posições – estão "travados". Os quadros mostravam a movimentação no gramado dos meio-campistas nas partidas contra Suécia e EUA. Para a análise, o campo foi dividido em nove pedaços, como num jogo da velha. O acompanhamento revelou que os jogadores da seleção resignam-se a atuar em faixas imaginárias do campo, principalmente as longitudinais. (FSP, 07/07/1994).

Se o problema estaria detectado, agora Melchiades lança mão de algumas estatísticas para reafirmar o conceito elaborado, assim como procura dar a receita para que haja uma melhora no desempenho da equipe. A gênese do chamado *futebol-pebolim* estaria na burocracia do meio campo – “coração” de um time de futebol, no tradicional jargão –, seja pelo “excesso de disciplina” dos jogadores brasileiros, ou, então, pela reiterada falta de ousadia do comandante. Mais uma vez encontramos a problemática de fundo que angustiara grande parte dos jornalistas: era a natureza irreverente do jogador brasileiro, tolhida pelos

esquemas táticos rígidos dos treinadores, que implicaria na dificuldade em se apresentar de uma maneira satisfatória, fidedigna, uma história rica e vitoriosa. Ou seja, o “estilo” alegre, ofensivo e criativo (bem como uma série de adjetivações), a marca tipicamente brasileira no futebol, seguia em perigo. O raciocínio, em última instância, se baseia na lógica de que os poucos momentos de acerto ou virtuosismo nunca seriam do técnico e que, em algumas vezes, o acaso e o imponderável corrigiriam as “burradas” de Parreira:

Quem viu os quatro jogos da seleção na Copa do Mundo não tem dúvidas. A falta de deslocamentos no meio-campo gera o isolamento dos atacantes Bebeto e Romário. Um dos sintomas: o Brasil só chutou mais a gol do que a Romênia entre os classificados para a terceira fase do Mundial. O time brasileiro finaliza, em média, 14 vezes por partida. Os holandeses, adversários de sábado, arriscam mais –20 vezes por jogo. **A missão de Parreira, portanto, continua desburocratizar a tarefa dos meio-campistas.** Não importa se Zinho, Raí ou Cafu (Paulo Sérgio não!!!), um escolhido deveria ter a liberdade que a estrela italiana Roberto Baggio recebeu para virar o confronto de anteontem contra a Nigéria. Vale lembrar que o Brasil só marcou seu gol contra os norteamericanos quando o plano de jogo armado por Parreira tinha ido para o brejo. A equipe estava com um

jogador a menos em campo. Cafu entrara na lateral-esquerda e Mazinho fora obrigado a assumir sozinho as funções ofensivas do meio-campo. A movimentação forçada destruiu o esquema-pebolim e garantiu a classificação. O duelo contra a Holanda pelas quartas-de-final é uma boa chance –talvez a última– para o treinador da seleção dar criatividade ao meio-campo. Os holandeses possuem uma defesa capenga e têm atuado com um sistema tático ofensivo. Que os meias brasileiros, então, aproveitem as brechas. Afinal, é muito arriscado torcer para que alguém seja expulso de novo. (FSP, 07/07/1994, grifo nosso).

Dez dias depois, em nova reportagem, desenvolve/desdobra seu discurso da “falta de ofensividade” da equipe, bem como a pouca predileção do torcedor pela forma como a equipe vinha se apresentando na Copa. Continua tecendo considerações sobre detalhes táticos que considera *gargalos* para o desenvolvimento do potencial que existiria no grupo de Parreira. No final das contas, a conclusão acerca do futebol da seleção de 94 chegaria a definições como “cauteloso” e “pouco criativo”, ao modo de articulistas menos “detalhistas” que Melchhiades, mas que igualmente se preocupavam com a forma de jogo que parecia provocar um eterno “mal-estar”:

O brasileiro ganhou a antipatia dos torcedores ao impor, a partir das

eliminatórias para o Mundial, um sistema de jogo cauteloso. Parreira descartou a opção de três atacantes e engessou o esquema tático num 4-4-2 com dois meias defensivos (volantes). Seu argumento: a falta de tempo para testar opções mais ofensivas. As críticas se multiplicaram nos jogos contra Suécia, na primeira fase, e EUA, nas oitavas-de-final. O time pouco arriscou naqueles jogos. Dependeu, para se classificar, de rompantes individuais dos atacantes Romário e Bebeto (8 dos 11 gols da seleção no torneio). O Brasil ainda vive uma espécie de anemia no meio-campo, pouco criativo. Mas o 4-4-2 mostrou-se eficaz num torneio em que não errar é o segredo para vencer. (FSP, 17/07/1994).

Em entrevista ao jornalista Mário Magalhães, em 15/07/1994, Parreira avalia seu trabalho num tom defensivo (sem trocadilhos), já que várias das perguntas o indagaram a respeito do estilo de jogo da seleção, que não estaria agradando ao torcedor, apesar das vitórias que fizeram da seleção de 94, naquele momento, finalista da Copa do Mundo dos Estados Unidos. Uma das questões extraiu do técnico a confissão de que a geração do período referido não era tão talentosa quanto às anteriores, em especial as que foram campeãs mundiais. Esse tipo de afirmação só viria a dar eco ao que grande parte dos analistas da FSP manifestava quase que diariamente, embora se possa interpretar essa localizada sintonia de pensamento, entre Parreira e a crônica esportiva, também

como uma ironia pela falta de paciência com o excesso de “pancadas” que vinha levando desde setembro de 1991:

Folha - O senhor tem consciência de que o desempenho da seleção não entusiasma muitos torcedores brasileiros?

Parreira - Tenho plena consciência disso. O problema é que, na cabeça dos brasileiros, ainda há sonho com o futebol que se praticava há 30 anos. As pessoas não conseguem entender que não há mais craques que desequilibram partidas como antes. Folha - Ganhando ou perdendo no domingo, que contribuição o senhor acredita que deixará ao futebol brasileiro? Parreira - A de mostrar a necessidade de se organizar uma equipe. Quando só nós tínhamos craques que desequilibravam, podíamos jogar desorganizados que acabávamos vencendo de qualquer jeito. Agora, não. Jogadores como Jorginho são ótimos, mas não temos nenhum fora-de-série. É preciso encarar a realidade e parar de sonhar. (FSP, 15/07/1994, grifo nosso).

O que se pode perceber em algumas declarações de membros da delegação da seleção de 94 é certo acuamento diante de ácidas e virulentas “bombas diárias” despejadas pela imprensa esportiva. Os discursos ensaiados de defesa do trabalho de Parreira, Zagallo e afins, em maior ou menor ênfase, baseavam-se no é

“preciso vencer independente da forma com que se joga”. Eles parecem ter se constituído em regra inquebrantável dentro da seleção de 94. Um “mantra” que se tornou produto de um apurado trabalho psicológico, para que nada pudesse atrapalhar ou envenenar o grupo, sobretudo (e evidentemente), por críticas advindas da mídia nacional. O zagueiro Márcio Santos, como não poderia ser diferente, *surfa* a mesma onda dos demais jogadores entrevistados, e reitera a necessidade do triunfo, mesmo que sob pena de ficar estigmatizado como algo com que o povo (ou a mídia?) não se identificariam jamais integralmente. Na toada de “o sonho acabou”, reage de forma direta e objetiva às perguntas do jornalista João Máximo, que conserva o mesmo perfil dos demais entrevistadores, ou seja, focar nas temáticas tradicionais que nada mais representariam do que a militância que denota a FSP pela conservação da identidade, da tradição e, claro, da *brasilidade* no futebol:

Folha - Está gostando do futebol que a seleção brasileira joga? Há quem o critique chamando-o de europeu ou defensivista. Márcio -

Você acha que estamos jogando mal. Eu não acho. Temos sido superiores a todos os nossos adversários. A verdade é que todo mundo se fecha contra o Brasil, dificultando as coisas para Bebeto e Romário. Fomos superiores aos Estados Unidos, à Holanda e à Suécia. Chegamos à final nos impondo a todos eles. **Folha - E essa questão de jogar bem e perder ou jogar mal e ganhar?** Márcio - Como eu disse, não estamos jogando mal. O importante

é que chegou a hora de o Brasil ganhar uma Copa do Mundo. Desde o primeiro dia o Parreira deixou claro que o nosso futebol, nesta Copa, seria competitivo. Jogar bonito não adianta. Já reparou que todos os times europeus campeões do mundo jogam feio. A Alemanha a Itália, essas são seleções que vêm à Copa para competir, para ganhar, e não para se exibir. **Folha - Mas não acha que seria possível unir as duas coisas, o jogar bem com o vencer?** Márcio - Sim, e é o que estamos fazendo. Só que jogamos mais objetivamente, sem enfeites, sem jogadas de efeito. Lembro de 1982. Eu tinha doze anos. Era um garoto apaixonado por futebol. Quando perdemos aquela partida para a Itália e fomos eliminados, eu realmente chorei. (FSP, 16/07/1994, grifo nosso).

Outro dado que não deve ser desprezado, é que, para além do fato dos integrantes da seleção de 94 terem assumido a matriz e a gênese do discurso crítico da imprensa por meio das entrevistas, estabeleceu-se uma tensão permanente com os órgãos de comunicação social, portanto. No dia da final, reportagem de Fernando Rodrigues e Mário Magalhães reproduz passagens de Parreira discorrendo sobre o papel pedagógico que a equipe poderia ter ao introduzir “novos referenciais” no esporte brasileiro, como organização, disciplina e o cumprimento de um planejamento à risca, isto é, de acordo

com o tradicional maniqueísmo das definições identitárias, a negação da mesma, se pudermos exagerar nesse momento. Num esforço de interpretação dos discursos e narrativas verificados na FSP, Parreira, perto do tão desejado triunfo, traga e alimenta os adjetivos – pouco corteses – mais comuns ao seu trabalho. Representaria uma nova visão do esporte de alto nível no Brasil, que teria no futebol o resqúicio do atraso, do provincianismo e da falta de formação para certas funções. A organização, a disciplina e o cumprimento à risca de um planejamento acaba sendo a grande publicidade do trabalho do treinador, mesmo que isso tenha o alto custo de não cumprir as demandas por um futebol mais perto do que tradicionalmente – há controvérsias, mas assume-se a lógica das críticas como melhor ilustração – se praticava em Copas do Mundo:

O técnico Carlos Alberto Parreira quer uma seleção brasileira "fria e calculista" para conquistar hoje o tetracampeonato mundial de futebol contra a Itália. Ele acredita que, além do título, vai deixar ao futebol brasileiro outra herança, uma lição. **"Para obter novas conquistas no futebol mundial tem que se jogar com pragmatismo, seguir o caminho da atual seleção."** Parreira prevê euforia no Brasil com a eventual conquista do título, "embora não vá servir para acabar com a miséria, com a fome e a inflação. Mas levará um pouco de alegria, o que é importante." Ele acha que a possível vitória vai influenciar a eleição presidencial. "Cria um

clima favorável, só não sei a favor de quem". (FSP, 17/07/1994, grifo nosso).

Como estamos a perceber desde o início do capítulo, nessa apresentação dos discursos sobre a seleção de 94 existiria um eixo norteador comum no imaginário sobre a equipe. Grosso modo, seria conservadora e pragmática, com a centelha de talento, fantasia e, por conseguinte, *brasilidade* depositada na figura do atacante Romário. Na continuidade dessa tentativa de analisar os discursos dos agentes da FSP, isto é, esmiuçar a representação já demarcada acima, a convicção no trabalho era inabalável como o restante da reportagem deixa transparecer mais uma vez. Entretanto, a contradição também faz parte das declarações de Parreira. Ao mesmo tempo em que exalta o contestado trabalho do grupo, do coletivo, faz questão de reafirmar sua confiança na individualidade e, claro, mais precisamente no craque da equipe, o único, como a maioria dos analistas, aliás, acredita:

O técnico disse que as críticas o fizeram "caminhar com passos mais firmes. Chegamos à final sem ser ameaçados em nenhum jogo. Por isso é importante ter firmeza, chegar à final sem ser ameaçado em nenhum jogo." "Esse time mostrou que sempre estivemos certos, que acertamos as decisões desde o início." Se vencer, Parreira vai receber pela segunda vez uma medalha de campeão mundial de futebol. Em 1970, aos 27 anos, ele ganhou uma como preparador

físico auxiliar. "Eu era um sonhador, vibrava, achava que venceríamos. Quem ficava mais angustiada era o Zagalo, que era o técnico. Eu era jovem, tinha a vida pela frente. Até hoje guardo a medalha." Para conquistar a segunda, ele diz saber o caminho: "Temos gente para defender, gente para atacar, e o Romário para marcar. É o craque que faz a diferença." (FSP, 17/07/1994).

A vitória nas penalidades sobre a Itália seria um marco no fim de um ciclo de críticas que aconteciam desde antes do Mundial de 94; "menos mal que vencemos", diriam alguns, agora. Antes uma voz uníssona na imprensa, já que o título ainda não havia sido confirmado, agora o dilema se acentua, no caso da FSP. O que valerá mais, o triunfo com o desjejum após longos e dolorosos 24 anos, ou a persistência no discurso da "perda de identidade", condição primeira para a legitimidade de uma conquista do futebol brasileiro? É o que veremos nas próximas páginas. Para tanto, as primeiras passagens dão conta das impressões sobre a sofrida final. Alberto Helena Jr., crítico contundente de Parreira quanto à falta de ousadia da seleção brasileira, coloca sua versão da partida que decidiu o torneio, destacando a angústia, que, na sua visão, era mais que esperada pelo que se vislumbrava desde o início da Copa:

Sofremos até a última gota, mas valeu. **Pelo menos, o Brasil é o primeiro tetracampeão do mundo da história, mesmo que o futebol que o conduziu ao título**

seja o anti-Brasil. Mesmo porque o adversário de ontem –a Itália– entrou em campo estropiada, com suas duas maiores estrelas, Baresi e Baggio, sem condições de jogo e adotando o mesmo princípio do time de Parreira: o gol seria um acidente de percurso; o fundamental era não tomá-lo. [...] No ritmo que escolhemos. Bem que poderíamos ter ousado mais. Quem sabe Viola entrando no segundo tempo do jogo, coisas desse tipo. Mas, nunca. Estava escrito que assim seria: um título ganho gota a gota de suor dos jogadores, gota a gota de nossa angústia. (FSP, 18/07/1994, grifo nosso).

A exaltação da qualidade do futebol demonstrado no início do Mundial por parte de Johan Cruyff, por exemplo, deu lugar a pesadas críticas ao jogado na final pelas duas equipes. No caso da seleção brasileira, podemos interpretar como algo mais localizado. Ao esperar mais da equipe “canarinho”, corrobora sua versão inicial de que o futebol do Brasil na Copa proporcionou bons momentos do ponto de vista técnico, inclusive, mais uma vez destacando a importância da maioria dos atletas para isso, pouco comum nos analistas brasileiros, sejam eles mais ou menos detidos aos aspectos técnico-táticos. Considera que o medo de perder tomou conta dos dois selecionados, deixando a partida modorrenta. Ao não assumirem riscos, Itália e Brasil, por diferentes motivos, levaram, sem contestações, a justa decisão por tiros da marca penal. Faz-se necessário salientar que a forma como o Mundial foi encerrado

também poderia contribuir consideravelmente para a definição de um imaginário sobre a seleção brasileira e a Copa de 94, que muitas vezes, incrivelmente, se misturam em uma grande confusão:

Uma final que acaba em cobrança de pênaltis depois que nenhuma das seleções foi capaz de marcar um só gol já é por si só o pior dos castigos para o espetáculo. A única coisa que me consola é que, no final, o triunfo foi para o Brasil. Porque não teria sido justo que o título de campeão do mundo ficasse com uma equipe que elegeu o caminho da especulação ao longo do campeonato. E não teria sido justo porque os brasileiros, sem jogar um bom futebol, buscaram mais a vitória e criaram situações de gol suficientes para não precisar chegar aos pênaltis nesta final de Copa. A partida foi ruim e não vale a desculpa de que dificilmente em uma final se pode ver bom futebol. O que acontece é que o Brasil jogou demasiadamente preocupado com seu rival e em nenhum momento conseguiu impor seu domínio de bola. (FSP, 18/07/1994).

É Zagallo quem concede entrevista após a final, que foi publicada em 19/07/1994, com o intuito de defender novamente o trabalho realizado pela comissão técnica. Foi questionado sobre o estilo de jogo da seleção brasileira, motivo de eterna controvérsia e que,

logicamente, não passou batido pelos jornalistas Fernando Rodrigues, Ubiratan Brasil e Mário Magalhães. Em sintonia com Parreira, aponta uma mudança na compreensão do futebol de 94 em relação ao passado. Conta como foi o trabalho em todo o período até a conquista do Mundial, assim como destaca a importância da defesa no futebol moderno, o que não seria sinônimo de “defensivismo” ou “falta de ousadia”. Uma evolução do futebol que contrastaria com o que considera tempos mais “românticos”, quando, no caso brasileiro, a preocupação seria apenas com o ataque, que não quer dizer outra coisa além de menos influência da tática na preparação de uma equipe de futebol nos tempos mais longínquos:

Folha - E como foi esse trabalho?

Zagalo - Foi insano. Durante três anos, eu e o Parreira percorremos o Brasil, procurando descobrir os melhores jogadores. Nossa filosofia era amadorística, querendo apenas aqueles que pudessem compor a equipe com os que estão no estrangeiro. **Folha - Por que o trabalho foi muito criticado?** Zagalo - Realmente não sei, mas me chocou. Aceito críticas construtivas, mas não perseguições, como vinha acontecendo. Agora, todos vão ter que aceitar que sou um predestinado. Me chamam de retranqueiro. Na verdade, sou adepto de um estilo paciente. A Copa mostrou que nenhuma equipe consegue vitórias pensando só em ter cinco atacantes. A defesa também é importante. (FSP, 19/07/1994, grifo nosso).

Os balanços da Copa de 94 são fundamentais, também, para entendermos o imaginário sobre a seleção de 94, sem, contudo, haver confusão ou contaminação de uma em outra, ainda que ambas tenham, *a priori*, uma relação intrínseca. Impressões acerca da qualidade do Mundial poderiam deixar transparecer como o futebol era visto naquela ocasião, principalmente quando o articulista envolvido seria o ex-técnico, falecido, Telê Santana, que dirigiu a seleção de 1982 na Copa do Mundo da Espanha, e, à época, estava no São Paulo FC. Vencera por este clube várias competições importantes no cenário nacional e internacional. A simbologia da seleção brasileira de 1982 sempre esteve presente como base de comparação por ser um modelo, ainda que fracassado do ponto de vista estritamente do resultado, de uma equipe que foi fidelíssima às mais festejadas tradições do futebol verde e amarelo. Em Maragno e Vaz (2004), por exemplo, verificamos um pouco dos discursos que envolveram esse selecionado que foi derrotado de forma traumática pela mesma Itália. Telê, que, então, foi inevitavelmente galgado à condição de legítimo representante do “verdadeiro futebol brasileiro” por boa parte da imprensa, ficaria à vontade para tecer suas considerações à respeito da contestada – inclusive por ele – equipe de Parreira. Em sua análise, procura sedimentar a visão de que a falta de qualidade do meio-campo seria a responsável pela fragilidade técnica do Mundial e da seleção brasileira. No final das contas, seu discurso corrobora a ode à “nossa” identidade nacional, que não poderia ser renegada jamais:

É verdade que poderia ter sido uma Copa melhor. Faltou imaginação à maioria das equipes. Parece que ninguém pensa mais no meio-campo. Houve excesso de passes laterais e de enfiadas diretas de

bola da defesa para o ataque. Pelo menos, o melhor time venceu. Sobretudo pela técnica individual de seus jogadores. Também tivemos um meio-campo que pensou pouco, que preferiu os passes para o lado e para trás, mas tivemos muita aplicação, muita raça, e isso foi bastante para fazer de um time apenas bom o tetracampeão. Repito que nossa conquista de agora não teve o brilho da de 1970. É verdade que os tempos são outros, mas acredito que se possa ser competitivo – e ganhador – jogando futebol de alto nível, mais criativo e mais brilhante. Somos tetracampeões porque sempre tivemos um futebol de craques. Não se deve acreditar nessa história de que só o futebol feio ganha Copa do Mundo. (FSP, 19/07/1994).

As mais que comuns terminologias usadas para definir o que se configuraria bom ou ruim para o futebol, de forma enfática, pode ser um dos mais presentes subterfúgios para criticar o trabalho de Parreira, e até estigmatizá-lo como um sujeito avesso ao futebol ofensivo. Mais uma vez um estilo, ao que parece, maniqueísta, se estabelece como referencial de análise. As tensões entre natureza e ciência, pragmatismo e magia, individual e coletivo, encabeçam o escopo de uma série de afirmações do jornalista José Geraldo Couto, que se mostrara preocupado com os rumos do futebol brasileiro e mundial, após o triunfo da seleção de 94. A imagem de que o Brasil

ganhou, apesar de Parreira e Zagallo, não seria uma situação pouco comum em uma série de artigos que se sucedem na FSP. A repetitividade da necessidade imperativa de manutenção de um futebol brasileiro “fiel às suas tradições” seria a essência do pensamento do jornalista radicado em Florianópolis.

Olhando com atenção os jogos da Copa é possível chegar a uma conclusão oposta à de Parreira. Foi justamente graças à arte de alguns de seus jogadores que equipes como a Bulgária, a Romênia e a Nigéria chegaram muito mais longe do que jamais tinham conseguido. Num campeonato em que predominaram as defesas fechadas, o que fez a diferença foi a imaginação –ouso dizer, para horror de Parreira, a "magia"– de um punhado de craques: Romário, Baggio, Stoichkov, Hagi, Brolin...Dizer que o Brasil ganhou porque abriu mão da fantasia é tão burro quanto dizer que em 82 perdemos porque jogamos bonito. Aliás, Alberto Helena lembrou com muita propriedade que em 74, 78 e 90 jogamos feio e também perdemos. Em 94 não jogamos feio nem bonito. **Jogamos com força e determinação. Ganhamos, merecemos, foi ótimo. Mas a notícia de que o futebol-arte morreu é um tanto precipitada.** Você a ouviu em 82. Maradona fez picadinho dela em 86. **Tomara, enfim, que o tetra não**

represente, no Brasil, o triunfo da burocracia defensivista, do esquema sem atacantes que Zagalo preconiza para o futuro.

Se isso ocorrer, como faremos para matar a fome de gols de Ronaldo, Edilson, Viola e de todos os garotos artilheiros que hão de surgir até 98? (FSP, 20/07/1994, grifo nosso).

Mesmo reconhecendo que o vencedor sempre seria o referencial e o protagonista, José Geraldo mostra-se irredutível em sua posição de alertar para a necessidade de uma mudança de pensamento sobre os caminhos que se poderia seguir a partir do “Tetra”. Seria preciso tirar lições, descartar os erros e focar nos acertos. As profecias apocalípticas sobre o “futebol-arte” jamais triunfariam enquanto houvesse essa militância aguerrida na imprensa esportiva brasileira. Os “pragmáticos de plantão” – tendo em Parreira e Zagallo dois quadros dos mais importantes – estariam sempre à espreita para bradar seu ceticismo e *resultadismo*. Não bastasse isso, ainda ficariam como “urubus à espera do primeiro cadáver estendido na relva” para atacar. Portanto, ainda que se considere a comissão técnica de 94 coerente e fiel ao seu planejamento, a falta de um futebol mais vistoso sempre pesaria na avaliação do árduo e cobrado trabalho a frente do selecionado nacional. Os seus poucos méritos, ironicamente, como vemos no discurso de José Geraldo, por exemplo, estariam vinculados justamente à “teimosia” – no caso específico de Parreira – em não ceder a um estilo mais perto do que população e jornalistas pediriam durante seu “reinado”, isto é, não se deixar levar pelo clamor nacional de uma

equipe mais identificada com a gloriosa tradição – inventada – do futebol brasileiro:

Como disse sabiamente o simpático técnico dos EUA, Bora Milutinovic, "o vencedor tem sempre razão". O Brasil venceu, Parreira foi o técnico; logo, Parreira tem razão, certo? Mais ou menos. Seria preciso ter uma teimosia do tamanho da de Parreira para dizer que o Brasil ganhou "apesar dele". Não há como negar seus acertos e, acima de tudo, sua paciência. Propôs-se a montar um time coeso, de marcação cerrada, que não dá chance para o adversário, e foi isso o que vimos na Copa: poucas vezes a bola chegou perto do nosso gol. Mas Parreira não tem razão quando pretende extrair da vitória uma conclusão universal, taxativa e peremptória, contra a criatividade no futebol. "O sonho acabou", declarou, 24 anos depois de John Lennon, com um sorriso sinistro que revela o sentimento de quem jamais gostou de fato de um drible de Garrincha ou de uma bicicleta de Pelé. (Aliás, Romário não teria lugar em seu time se Careca não tivesse, num gesto de rara grandeza, pedido para sair, em 93). (FSP, 20/07/1994).

Por outro lado, apesar de ainda termos artigos com referência à *brasilidade* publicados na FSP, surge um importante enfoque que poderia ser mais positivo, dentro das pretensões deste trabalho, com relação ao triunfo da seleção de 94. O resgate do orgulho nacional nesse momento singular de coesão e mobilização – país *em transe*, como bem cunhou Gastaldo (2000) – ou, quem sabe, o futebol voltando com força no interesse da população, já que vinha perdendo, na época, espaço para outros esportes, como Fórmula 1 e voleibol, são possibilidades de análise encontradas nas fontes. O escritor Ruy Castro, em crônica para o público infantil (Folhinha), procura caminhar nesse sentido, ao atribuir a identificação do povo brasileiro, em especial das crianças, para além da influência midiática, que, aliás, na visão dele, vinha se *americanizando*. O amor inexpugnável dos pequenos pelo futebol é algo mais profundo do que a mera relação de causa e efeito, advoga o articulista. O respeito e a idolatria pelos jogadores de ontem e hoje seria requisito básico para qualquer “brasileirinho e brasileira”. Ou seja, a celebração do compromisso/ritual histórico de reverência aos “heróis nacionais”. Vejamos, então, o que Ruy coloca:

De onde saiu esse amor dos garotos pelo futebol? Da televisão é que não foi. Porque, nos últimos anos, ela só mostrou basquete americano, rugby, peteca e corrida. Era como se o futebol não existisse. Sabe de onde saiu? Da alma secreta do brasileiro. Qualquer brasileiro já nasce com um amor por jogadores como Pelé, Garrincha, Tostão, Rivelino,

Zico – craques que ele nunca viu jogar. Ninguém explica isso. As crianças do futuro vão sentir a mesma coisa por Romário, Bebeto, Branco, Taffarel e até pelo Dunga. Eles nos deram o tetra e acenderam o amor do Brasil pelo futebol. Os fãs do basquete norte-americano podem ficar com cara de ovo. O que nós queremos agora é o penta. (FSP, 23/07/1994).

Se o aspecto simbólico da vitória foi abordado por Ruy, o colunista fixo da FSP, Matinas Suzuki Jr., vai direto ao ponto nevrálgico, fazendo mea-culpa com o reconhecimento, no final das contas, de que a Copa de 94 foi um grande sucesso sob todos os aspectos. Como vínhamos salientando durante o capítulo, foram apresentadas contundentes ilustrações acerca de um discurso que procurava criticar a seleção de 94, bem como a Copa, como consequência direta. Matinas argumenta de uma forma menos “viciada”, diríamos. Por fim, chama atenção para a importância da versatilidade do jornalista contemporâneo – ironicamente, baseado nos contestados jogadores de futebol da seleção, que teriam dado importante lição, também à imprensa, nesse Mundial:

Foi uma grande Copa. Estádios lotados, o que é fundamental, e futebol. Torcida para todo mundo. Zero violência. E muita carnalização nas arquibancadas. Houve muita variação tática. A

habilidade individual voltou a ser valorizada. Apareceu espaço para jogar. Não tenho dúvida que a atividade do jornalista caminha para, como no futebol, o exercício de múltiplas funções: escrever, editar, fotografar, ilustrar, se possível. É isto. A última ficha caiu. (FSP, 23/07/1994).

Por meio de todas essas possibilidades de interpretação dos discursos sobre a seleção de 1994, sejam as predominantemente críticas, sobretudo no tocante à identidade futebolística do Brasil, como numa outra visão, mais “positiva”, de resgate do orgulho do povo pelo futebol que, novamente, triunfa internacionalmente, voltamos a considerar as opiniões dos agentes fomentadores de tudo isso, que ficam na interface das narrativas, ora mais ora menos influenciados e/ou tragados por elas. Numa entrevista feita por Bárbara Gancia, Parreira novamente se coloca no tom de desabafo, no qual justifica o esquema de jogo, escolhas e posturas frente aos fatos que foram se desencadeando durante a Copa. A jornalista (FSP, 15/08/1994) apresenta a matéria enfatizando que “o ex-‘burro’ e atual campeão do mundo Carlos Alberto Gomes Parreira, 51, jura de pés juntos não guardar ressentimento das críticas que recebeu antes e durante a Copa do Mundo dos EUA. Mas quando fala de seu trabalho na seleção brasileira, Parreira não consegue esconder a mágoa”. Instado pela jornalista a comentar como recebe as críticas feitas na mídia por seus pares, como no caso já citado e analisado nesse capítulo, de Telê Santana, não mostra muito conforto na posição de alvo de alguém que já esteve no seu cargo, não se saiu vitorioso e conhece a pressão da função:

Folha - Às vésperas da final, Telê Santana escreveu um artigo na Folha, dizendo que se o Brasil ganhasse a Copa, seria mérito dos jogadores, não da comissão técnica. Isso chateou você?

Parreira - Sempre me dei bem com o Telê. No mundo árabe, quando nos encontrávamos, jogávamos tênis... Em 1998, podem me cobrar. Eu não vou aceitar nenhum convite para ser comentarista. Acho falta de ética um companheiro criticar o trabalho do outro. Dizer que o time ganhou por méritos individuais só depõe contra ele. Ninguém teve uma seleção tão boa quanto Telê e não ganhou. Teve um cara que escreveu um artigo dizendo o seguinte: vocês querem falar do Parreira, então vamos definir que time é esse. Essa seleção do Parreira é composta de jogadores fora-de-série, Pelés, Falcões, Zicos? Se vocês acham que é, o Parreira foi um mero coadjuvante. Mas, se acham que não é, todo o mérito é do Parreira. (FSP, 15/08/1994, grifo nosso).

Evidente que a conquista do título deixara os maiores críticos de Parreira numa situação, de certa forma, pouco confortável. Na medida em que foram extremamente duros com a seleção – à imagem e semelhança do seu treinador –, agora seriam cobrados pelo tom apocalíptico em que se fiaram. Como explicar a comoção, alegria, entusiasmo da população frente a esse

futebol “tão feio” que foi decantado por eles durante muitos meses? Seria apenas fruto da dramaticidade da final? Logo na segunda-feira, após a partida decisiva, Marcelo Frommer e Nando Reis (FSP, 18/07/1994), referidos no início deste capítulo, buscaram justificar a postura para com o preferido alvo: o Teimoso. Argumentaram, por exemplo, que as críticas foram importantes pelo fator “pressão”, de não acomodar a comissão técnica, e que, principalmente, continuavam insatisfeitos com estilo de jogo apresentado, apesar, claro, de Romário:

Gostaríamos de aproveitar a oportunidade para esclarecer, a quem for preciso, que escrevemos aqui neste jornal na condição de cronistas esportivos, e assim sendo engrossamos um descontentamento generalizado da imprensa especializada (não toda), que mesmo com o título na mão não acredita na filosofia perpetrada pela comissão técnica, por Zagalo e Parreira. A imprensa cumpriu o seu papel na medida que incomodou sobremaneira Parreira, e de certa maneira o fez pensar mais de uma vez antes de decidir sobre o que fazer com a nossa seleção durante essa Copa do Mundo. Se alguns jogadores se mostram descontentes com a imprensa, estão exercendo seus plenos direitos, mas que não venham alguns pulhas desta própria imprensa recriminar quem não acredita no antifutebol.

Excurso – Um olhar “damattiano” sobre a Copa de 1994

Mesmo que estejamos diante do DaMatta cronista esportivo e/ou crítico cultural e não, propriamente, do acadêmico, o edificante exercício de analisar um intelectual deste peso denotaria e, até, avalizaria o quão próximo estariam os discursos jornalísticos e acadêmicos que reforçam e educam para a mitologia do futebol brasileiro. O antropólogo assistiu de perto o campeonato mundial de 1994, no país onde residia e lecionava naquele momento, os Estados Unidos. Escrevendo para o *Jornal da Tarde*, produziu crônicas sobre os mais diversos temas relacionados ao evento, porém, sobretudo, acerca do *escrete* brasileiro: sua paixão. Os textos foram compilados para o livro *A Bola corre mais que os homens*, de 2006. Antes da partida do selecionado “canarinho” contra a República dos Camarões, tecia considerações sobre o “estilo africano” em comparação com um “estilo brasileiro”, mal resolvido naquela competição, segundo sua visão:

[...] Os Camarões deram um banho de bola nos pernas-de-pau dos suecos, produzindo um espetáculo maravilhoso, num estilo futebolístico típico de uma sociedade no qual o corpo é importante. Assim, eles, como nós, gingavam e dançavam no tal “futebol alegre” que o Armando Nogueira, com justa razão, tanto tem cobrado do Parreira. Usavam não só as pernas, como tentam fazer inutilmente os europeus, mas todo o corpo. Mas como o time dos Camarões não é um selecionado primeiro-mundista e branco, tudo o

que apresentou de criatividade foi lido como infantilidade, maluquice, falta de experiência e irresponsabilidade. (DAMATTA, 2006, p. 36).

DaMatta (2006, p. 50-51) não se furta em estabelecer, nessa reflexão, um elo entre Brasil e África, justamente a presença do negro, que teria, como protagonista, transformado e resignificado o futebol abaixo da linha do Equador:

Observando um time africano e um time de um país construído por africanos escravos jogando, vê-se como um esporte inventado na Inglaterra foi apossado, domesticado e vivenciado com maestria, garra e arte pelos africanos, tanto quanto tem sido por nós, brasileiros. Seus irmãos em cultura e seus algozes, quando os trouxemos para cá como escravos. O jogo de hoje nos redimiu historicamente, pois apresentou em campo dois times iguais. É a glória do esporte. É o privilégio do futebol

Nem por isso, ao verificar alguns tropeços de “sua” equipe, DaMatta (2006, p. 55) deixa de “alfinetar” os responsáveis pelo desempenho não convincente: “E volta à minha mente quando o time do Brasil assume a decisão política de jogar para empatar, de encarar o jogo

de futebol como uma atividade racional, previsível e ‘profissional’, como querem Zagallo e Parreira”.

Ao fim da Copa, após o 4º título, inebriado pela emoção por muito tempo estancada pelos 24 anos de decepção, DaMatta (2006, p. 71, grifo nosso) tenta desconstruir certa compreensão daquele título – raivosa e pessimista, segundo o intelectual –, para comemorar as virtudes coletivas do time de Parreira:

Que enorme e despropositada falta de paciência! Mas a Copa mostrou como um time vitorioso faz seu próprio caminho. Os entendidos, na sua estreiteza ideológica, continuam querendo ver Zico, Garrincha e Pelé em todos os jogos. Como se o mundo não tivesse mudado e como se o nosso escrete não tivesse a sua própria personalidade. Personalidade, aliás, inovadora e eu diria até **revolucionária**, que se exprime não pela presença do supercraque, mas pelo trabalho de equipe e do homem comum. Este é o selecionado vai se consagrar como o time da igualdade e como o grupo que institucionalizou no futebol, uma rara e nobre cidadania.

CAPÍTULO III – ROMÁRIO: A CENTELHA DE “FUTEBOL-ARTE”

A animosidade em relação à Parreira parecia fazer com que qualquer confronto do técnico lhe fosse desfavorável perante a opinião pública. Romário foi mais um (e, talvez, o principal) exemplo. O “baixinho” surgiu para o futebol na segunda metade da década de 1980, no Vasco da Gama, no Rio de Janeiro, logo alçado à condição de ídolo e figura carimbada das seleções brasileiras (sub-20, olímpica e principal). O jeito desleixado encarnava o tipo venerado de uma visão comum do brasileiro, umbilicalmente ligado ao Rio de Janeiro: atualizaria o malandro do subúrbio que dribla o destino e é pouco afeito a certa moral do trabalho (treinos, no caso). Aliás, seria, especialmente, a antítese do jogador dedicado e aplicado, num certo imaginário, muito vinculado ao futebol europeu, ou, lançando mão de expressão do ideário damattiano, ao “caxias”.

Em dezembro de 1992, ao ser convocado para um amistoso diante da Alemanha, em Porto Alegre, e deixado por Parreira apenas como opção, no banco de reservas, acabou por desacatar a comissão técnica, o que promoveu um traumático litígio. Vislumbramos, a partir dessa celeuma, que o carismático jogador começara a criar condições para se tornar o “herói nacional” da vez. À medida que a seleção jogava mal, o tradicional duo imprensa/torcida – numa relação de mútua determinação – trovejava impropérios ao futebol do time brasileiro e clamava pelo artilheiro que fazia tanta falta. Nenhum dos jogadores testados por Parreira para a posição de atacante

convencia, ao passo que Romário “arrebentava” em Barcelona, jogando pelo clube catalão de nome homônimo ao da cidade. A partida decisiva contra os uruguaios no Maracanã se aproximava e Parreira, finalmente, chamou o atacante: ele correspondeu. Foram dois gols, “atuação de gala” e carimbo brasileiro para os Estados Unidos. Ronaldo Helal (2003, p. 228) aborda essa passagem histórica sublinhando alguns traços do episódio, pois “o fato é que Romário retorna, desta feita, com a missão de salvar a seleção de uma possível eliminação. Monta-se, assim, o palco para uma trajetória mítica pontuada por lances que nos remetem, por um lado, à saga clássica do herói e, por outro, ao tipo ideal de herói brasileiro.” De fato, a partir dali se tornou o “salvador da pátria” (GUEDES, 1998). Essa construção narrativa é importante para entendermos sob que expectativa chegara Romário ao Mundial de 94. Nando Reis e Marcelo Frommer (FSP, 17/02/1994) – sem abandonar a habitual acidez – salientaram o longo e temerário flerte de Parreira com o perigo, visto que quase não resgatou o “salvador” que tanto a nação ansiava:

Vejamos o caso de Romário, presente em todas as listas de seleção feitas durante as eliminatórias; esse Romário que seguida e inacreditavelmente não era convocado. Até que o Brasil esbarrou na funesta possibilidade de ser desclassificado da Copa em pleno Maracanã, caso perdesse para o Uruguai, e aí sim Romário voa da Espanha para se tornar um fundamental. Tão fundamental que saltou em um único jogo para a posição de titular absoluto. Incrível, o Romário que não se

fazia necessário para a seleção, num único jogo garante antecipadamente sua escalação para o jogo de estréia. Foi tão contundente sua atuação naquela instância que por alguns momentos nos esquecemos da péssima campanha que fizemos nas eliminatórias. Mas nada como um grande craque, o dissipador das dificuldades, o oportunista, o imprevisível, ele, Romário numa partida iluminada carimbou o passaporte do escrete rumo à América.

Rapidamente, o atacante transformou-se na centelha de “futebol-arte” em uma seleção considerada pragmática, metódica e “pouco brasileira”. Para celebrar a união entre imprensa e torcedores, seria necessário voltar às origens, condição sem a qual não haveria um “final feliz”, como se, incrivelmente, aquele ousado intruso pedisse a palavra no “casamento”, para usar a metáfora imprensa/torcida acima mencionada, e tudo estivesse sob risco. Romário era a pedra fundamental do recrudescimento do “verdadeiro futebol brasileiro”. Por outro lado, Parreira não se dobraria facilmente aos “apelos”. Desse debate surge também uma das principais (e surradas) questões que permeiam o imaginário daquela seleção: vale a pena ganhar de qualquer jeito, a qualquer custo, sem levar em consideração uma decantada “tradição nacional”? O jornalista carioca Antonio Carlos de Faria (FSP, 10/05/1994) reforça o peso simbólico da presença de Romário na seleção de 94. Faz um paralelo com o sambista Noel Rosa, já que ambos seriam “produto” de certo caldo

sócio-cultural do Rio de Janeiro, em que, justamente, o samba e o futebol são protagonistas:

Noel, expressão máxima da boemia e fundador do samba, cresceu no então subúrbio de Vila Isabel e, como Romário, no convívio da malandragem. Cada um expressa na sua arte a genialidade que os pretensos eruditos vêm conspurcada pelo estigma da origem.. Ambos são classificados por seus contemporâneos como rebeldes incorrigíveis, desestabilizadores da harmonia social. São admissíveis apenas na medida em que se tornam consagrados e essenciais.

Aquilo que definiria a identidade brasileira no futebol, que nos destacaria dos demais, estaria se degradando e jamais poderia ser perdido. Essa é uma preocupação fundamental, que aparece muito na FSP ao longo de todo o período estudado. Não por acaso, Romário incorporou, um a um, esses importantes papéis: salvador, redentor, herói... Os artigos deixam transparecer que importaria, sobretudo, conservar a identidade brasileira por meio do futebol, e Romário seria a última (e única) esperança. Cada vez mais, ia se constituindo em “reserva ideológica”, sobre quem a responsabilidade também seria gigantesca. Importante salientar que a confiança em Romário passa pela valorização do mérito individual acima do coletivo, que parece ter um peso grande na construção desse um discurso, uma vez que “na definição do estilo brasileiro são enfatizadas as habilidades individuais tornando a disciplina e o jogo de equipe

secundários” (SOARES e LOVISOLO, 2003, p.131) .A atenção com cada passo do “baixinho”, suas dores e dilemas, era a atenção, o cuidado, o carinho com o futebol brasileiro na expressão mais genuína. Não havia muito o que buscar nos outros 21 jogadores, salvo Bebeto, talvez. Pouco antes da Copa, Alberto Helena Jr. (FSP, em 31/05/1994), orientou-se por essa postura de zelo com o badalado atacante, evocando, novamente, a figura do “malandro”:

Aliás, por falar em Romário – alvíssaras! Nosso artilheiro-mor deu a maior e mais feliz de todas as notícias desta Copa: regenerou-se. Dizem que o amor regenera o malandro – informa o velho samba –, mas foi o amor à bola e à vitória que regenerou, pelo menos temporariamente, Romário. Em troca, ele nos dará seus gols, que, afinal, é a paixão de todos nós.

Alguns dias antes, Alberto Helena Jr. havia tocado nesse ponto com maior profundidade, ao ver em Romário a atualização do arquétipo do craque brasileiro, isto é, a linhagem teria um seguidor fiel, que serviria de alento para quem via pouco de *brasilidade* na seleção de 94. Do ponto de vista histórico, o articulista encontrara, finalmente, um discípulo dos “mestres do passado”, de quando o futebol brasileiro tinha cara de... “futebol brasileiro”. Numa equipe que em quase nada lembrava o “glorioso passado”, a presença de Romário era acentuada e melhor percebida. A “natureza” do jogador brasileiro não poderia ser tolhida pelos métodos de Parreira e Zagallo, o que reforçava determinada visão de que eles apenas “engoliam” o

baixinho pelo grande talento que possuía. Vejamos como Helena Jr. (FSP, em 28/05/1994) se reportou ao passado para referendar Romário como legítimo representante da estirpe de gênios nacionais da bola:

Na véspera, dia da chegada dos nossos craques, a festa era bem maior: as arquibancadas estavam praticamente lotadas, e os torcedores muito mais entusiasmados. Um deles, ao ver Romário pisar o gramado, não resistiu e berrou, num inequívoco sotaque de Governador Valadares. "Romário! Você fala muito, mas joga muito!" Lapidar definição para a maior estrela da nossa seleção, que, nesta manhã se arrasta em campo. Há nessa relação, entre a torcida e o craque, um vestígio da velha cultura do malandro, que permeou nosso futebol dos anos 30 aos 60. O craque, antes de tudo, era um artista. Boêmio, irrequieto, avesso à disciplina que só servia para tolher sua criatividade. Pouco importava se ele seguia as regras ou não, desde que na hora do jogo empolgasse a galera com seus dribles, passes de trivela, lançamentos geniais e gols inesquecíveis. Desbocado, o craque vivia criando problemas com os cartolas e municando a imprensa ávida por escândalos com frases de efeitos tão devastadores como suas

fintas e chutes a gol no campo de jogo.

O futebol brasileiro é recheado de histórias, lendas e folclores acerca de jogadores – não sem alguma correspondência com a realidade, claro. Quanto mais agruras e fracassos contabiliza o presente, mais se remetem aos feitos, conquistas e façanhas de quem construiu esse patrimônio cultural e nacional. A imprensa esportiva, sem dúvida, funciona como potente motor dessas discussões que acumulam nostalgia e melancolia. Se pegarmos, cronologicamente, os craques que fizeram essa história, Zizinho tem boa parcela de protagonismo. Ídolo de Pelé e destaque nos anos de 1940 e 1950 em grandes clubes no Brasil, não triunfou na Copa do Mundo disputada em casa, em 1950. Porém, sua postura, dentro e fora de campo, foi assinalada por Alberto Helena Jr. (FSP, em 28/05/1994) como similar à de Romário, embora não exercesse mais a mesma admiração de seus pares, já que o “profissionalismo” impera nos dias de hoje no futebol. Mesmo assim, a sensação causada ao colunista fica no tom de “o sonho não acabou”. Não é difícil encontrar na mídia esportiva, mesmo hoje, quem ainda nutra aversão por métodos científicos de treinamento ou pelo futebol “muito tático”, que impediriam o pleno desenvolvimento do “instintivo” jogador brasileiro:

Zizinho, como diria Caetano, foi sua mais perfeita tradução, naqueles tempos. Jogador completo, unia em campo, raça, inteligência e habilidade. Acabado o jogo, tomava banho, perfumava-se, metia a camisa de seda, o terno

impecável, sapatos rebrilhando e descia para o saguão do hotel. Sentava-se à poltrona, enfiava o cigarro na piteira, acendia-o e só então dignava-se a dar uma olhada circular. Atenta, a platéia, formada pelos demais jogadores do time, só esperava a palavra de ordem do mestre, que apenas indicava qual a boate escolhida para a noite. Claro que esse Romário, que se arrasta em campo, aqui em Santa Clara, não exerce sobre os demais companheiros o fascínio de Mestre Ziza. Tampouco, a concentração do time nacional vive tais liberalidades. Nem sei se Romário vai a boate, se é que ainda exista isso nos nossos tempos. Aliás, desde Pelé, o mais completo de todos, aquele que bateu todos os recordes e que conseguia ser craque no campo e disciplinado fora dele, desde então, esses hábitos começaram a cair em desuso. Por isso, o Romário que se arrasta em campo, daqui uns dias estará dando piques. E quando a Copa chegar, tinindo para fazer os gols que ficarão na nossa memória. (FSP, 28/05/1994).

Uma voz surge, na FSP, para demarcar aspectos positivos e pedagógicos da seleção de 94, sobretudo em relação à “estrela” Romário. Se o futebol apresentado não foi o dos sonhos do torcedor e da imprensa, outras referências apareceram no Mundial. Quem sabe, ensinaram

o sabor de uma vitória dramática, suada, em que variáveis como organização e disciplina simbolizaram com mais vigor o trabalho da comissão técnica. Isso não seria, necessariamente, negativo. A não ser que se tenha compromisso de militância para com a tradição do futebol brasileiro, como parece ser a postura da maioria dos articulistas e cronistas. Não é o nosso caso, pelo menos. Marcelo Coelho (FSP, em 20/07/1994), então, vai por esse caminho:

Claro que houve lances belíssimos de Romário. Mas os adeptos do futebol-espetáculo rapidamente se convenceram, no calor da própria torcida, de que o bom mesmo é ganhar. E muito dos lances de Romário, afinal, foram mais "miraculosos" do que bonitos, mais proezas do que construções arquitetônicas de estilo.

O “baixinho” Romário, que se tornou campeão da Copa do Mundo e melhor jogador do mundo em 1994, concentrou todas as esperanças de grandes atuações individuais para proporcionar as suadas vitórias brasileiras. Concentrou, sobretudo, os elogios daqueles que viram nele a centelha do verdadeiro futebol brasileiro, do “futebol-arte”, de todas as virtudes citadas durante o capítulo, legitimadas pelos discursos jornalístico e acadêmico. O fato de ter sido convocado em cima da hora em 1993, após desentendimento com a comissão técnica de Parreira, reforçou dois aspectos importantes: além de “salvador da pátria, na visão de um imaginário coletivo, poderia ser um “mal necessário” para Parreira e Zagallo.

Não havia, ao que parece, harmonia e simbiose entre as partes (ainda que na carreira de Romário a boa relação com comissões técnicas nunca tenha sido uma constante). Isso acabaria por reforçar a visão dos artigos da FSP, não obstante “Romário descende de uma longa linhagem de jogadores classificados como rebeldes” (GUEDES, 1998, p. 66). Não surpreende, portanto, que seja dessa forma, pois os “jogadores preferidos, os craques, possuiriam um dom ou talento que combina habilidade, astúcia, sagacidade, capacidade de simulação, improvisação e criatividade.” (SOARES; LOVISOLO, 2003, p. 131).

A tensão entre coletivo e individual, entre uma visão mais acadêmica e científica de futebol e o craque que não gostava de treinar, que desconsiderava, muitas vezes, aspectos táticos, fica permanente na relação entre as partes configuradas no material da FSP. No caso brasileiro, essa situação apareceria sempre de forma mais clara, na medida em que “o futebol é um jogo coletivo, de regras universalizadas, no qual a coordenação tática da equipe deveria ser fundamental. No Brasil, em contrapartida, o sucesso da equipe é abafado em função do craque, por vezes escolhido por representar as características do estilo nacional.” (SOARES; HEAL, 2003, p. 131).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A grande discussão que encontramos nos artigos da FSP – como os indícios apontavam – girou em torno do estilo de jogo da seleção, personificado em Parreira. Os adjetivos para a equipe foram os adjetivos (geralmente, pejorativos) relacionados ao técnico. Em larga escala, a seleção brasileira de 94 ficou marcada, nessa amostragem do jornal, como “pouco brasileira”, “pragmática”, “engessada”, “covarde”, embora tivesse em Romário um sopro de esperança de, a qualquer momento, surgir algo de “futebol-arte”. Os discursos ficaram no campo das duras críticas, da lamentação, das viagens ao passado glorioso – tudo que foi renegado por aquela comissão técnica. Mesmo Romário teria sido “aturado” por parte da dupla comandante, Parreira e Zagallo, já que o clima criado não permitiu que fosse esquecido na relação final de jogadores. Ainda que encontremos opiniões que se descolavam desse “núcleo duro”, não há como negar essa predominância de insatisfação que expunha um “mal-estar”: perdemos nossa identidade? A vitória atenuou, ou, ao menos, promoveu um interessante dilema. O que valeria mais: estar novamente no “topo do mundo” depois de muito tempo, algo imensamente sedutor do ponto de vista da auto-estima do brasileiro, ou resgatar aquilo que poderia evaporar frente aos novos métodos de trabalho, que não privilegiariam o tal “estilo nacional” de jogar futebol? A jornalista Barbara Gancia (FSP, 20/07/1994), de forma irônica e bem humorada, discorre sobre essas impressões todas:

Pela enésima vez, volto a enumerar as qualidades de Parreira para ajudar o leitor no retrospecto. Lembra, leitor, das vezes em que

Parreira manteve a serenidade diante de estádios lotados que o achincalhavam em coro? Lembra, leitor, como nos momentos mais críticos Parreira nunca perdeu o norte? Lembra, leitor, como a larga experiência de Parreira o levou a construir aquele muro de Berlim no lugar da retranca? O tetra era batata. Só os histéricos cronistas e subcronistas de futebol não enxergaram: nenhum deles se deu conta de que estava diante da melhor seleção brasileira de todos os tempos. Nenhum deles percebeu que Parreira fez o impossível: aliou o futebol técnico de Dunga ao futebol arte de Romário. Mas os faniquitos desses cronistas foram benéficos, diria até patrióticos, pois as críticas só fizeram reforçar a determinação de Parreira.

Vale lembrar que durante o trabalho resgatamos os traços da brasilidade, com os intérpretes do Brasil, a constituição do campo acadêmico que usa o futebol como objeto de investigação, com os discursos que o legitimaram, a construção de um estilo brasileiro, o quente debate com a presença de novos debatedores, mais críticos e rigorosos em relação às velhas e boas micro-histórias que vão sendo produzidas, mas que não deixaram de receber uma dura reação. Tudo isso, temos esperança, ajudou a entender o problema da pesquisa, esse elemento de tensão identitária com a presença da seleção de 1994 no cenário mundial, em comparação com os demais países e, sobretudo, com o que provocou ao ser comparada com

selecionados brasileiros do passado, de linhagem mais genuína em relação ao “futebol-arte” tupiniquim.

Foco de debates intermináveis desde então, o desempenho da seleção estudada e, especialmente, a imagem deixada por ela, demonstraram como parte relevante da imprensa enxerga o Brasil por meio do futebol, ainda que a coerência não seja lá muito respeitada pelo discurso midiático. No debate acadêmico, por outro lado, ainda percebemos uma militância aguerrida para preservar o patrimônio cultural brasileiro, embora, nos últimos anos, tivemos o advento de um “terceiro momento”, desencadeado a partir da tese de doutorado de Antonio Jorge Soares. Nessa nova perspectiva, não seria papel dos pesquisadores tomar posição em defesa desse patrimônio cultural e nacional, isto é, muito do que é feito nesse sentido vai na direção contrária à produção de conhecimento comprometida com valores, histórica e socialmente definidos como característicos da ciência: objetividade (possível, claro), adequação com a empiria, relação com outras teorias explicativas etc. Não se pode confundir discurso jornalístico e acadêmico. Quando isso acontece, algo, talvez, não funcione bem. Parece-nos, também, que não será com um discurso “culturalista” – que teve papel fundamental no desenvolvimento do campo –, e que em muitos momentos reproduz ao invés de compreender e explicar nossos mitos fundadores, que iremos avançar nos estudos sócio-históricos do futebol.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, C. W. Império dos sentidos: critérios e resultados na Folha de S. Paulo. **Novos Estudos Cebrap**, São Paulo, 31: 1991. p.41-67.

ALABARCES, P. ¿De Qué Hablamos Cuando Hablamos de Deporte? **Nueva sociedad: fútbol y beisebol, los juegos de las identidades**. Caracas: Texto, Marzo-Abril, 1998. p. 74 - 86

ALMEIDA, A. V. **Literatura, Mito e Identidade Nacional**. Ômega. 2008.

ARAÚJO, R. B. **Guerra e Paz – Casa Grande e Senzala e a Obra de Gilberto Freyre nos anos 30**. Ed. 34. 1994

ARCHETTI, E. P. El Potrero y el Pibe: Território y Pertenencia em el Imaginário Argentino. **Nueva sociedad: fútbol y beisebol, los juegos de las identidades**. Caracas: Texto, Marzo-Abril, 1998. p. 101 – 119

ARCHETTI, E. P. **Masculinidades: fútbol, tango y polo em la argentina**. Buenos Aires: Antropofagia, 2003.

ARNT, H. Uma leitura simbólica do futebol. **Pesquisa de campo**. Rio de Janeiro: N. 3/4, 1996. p. 29-37.

BARTHES, R. **Mitologias**. São Paulo,. Paz e Terra, 1957

BOURDIEU, P. **Coisas Ditas**. São Paulo. Brasiliense. 1990.

BOSCHILIA, B; MARCHI JR. W. Identidade Nacional e a Copa do Mundo de 1938. **Revista Digital** - Buenos Aires - Año 11 - N° 102 - Noviembre de 2006

CARVALHO, J. M.. **A Construção da Ordem; Teatro de Sombras**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CODATO, A.; GUANDALINI JR, W. Os autores e suas idéias: um estudo sobre a elite intelectual e o discurso político do Estado Novo. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, n 32, 2003. P. 145-164

DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1979.

_____. Esporte na sociedade: um ensaio sobre o futebol brasileiro. In: DAMATTA, R. **Universo do futebol**. Rio de Janeiro: Pinakotek, 1982.

_____. Antropologia do óbvio. São Paulo, **Revista USP**. n. 22, jun/jul/ago 1994. p. 10-17,

_____. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

_____. **A bola corre mais que os homens**. Rio de Janeiro. Rocco, 2006.

DAMO, A. S. Bons para se torcer, bons para se pensar : os clubes de futebol no Brasil e seus torcedores. **Motus corporis**. Rio de Janeiro. Universidade Gama Filho. Vol 5 n.2 , 1998. P. 11 – 48

EDER, K. Identidades coletivas e mobilização de identidades. **RBCS** Vol. 18 nº. 53 outubro/2003.

ELIAS N.; DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1992.

FILHO, M. **O negro no futebol brasileiro**. Rio de Janeiro. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

FREITAS, M. C. História e religião na configuração do campo educacional brasileiro: uma análise da singularidade de uma situação-pessoa. **Projeto História**, São Paulo, n.37, p. 215-236, dez. 2008.

GASTALDO, E. L. **Pátria, chuteiras e propaganda**: o brasileiro na publicidade e na propaganda. São Paulo; São Leopoldo: Annablume; Unisinos, 2002.

_____. Os campeões do século: notas sobre a definição da realidade no futebol-espetáculo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Campinas, v. 22, n. 1, p. 105-124, set. 2000.

GONÇALVES, J. R. Autenticidade, memórias e ideologias nacionais: o problema dos patrimônios culturais. **Estudos Históricos**, [S.l.], v. 1, n. 2, p. 264-275, 1988.

GORDON Jr., C. “Eu já fui preto e sei o que é isso”, história social dos negros no futebol brasileiro: segundo tempo. **Pesquisa de campo**. Rio de Janeiro: N. ¾, 1996. p. 67-78.

GUEDES, S. L. **O Brasil no campo de futebol**. Rio de Janeiro, EDUFF. 1998.

_____. Malandro, caxias e estrangeiros no futebol: de heróis e anti-heróis. GOMES, L. G.; DRUMMOND, J. A.; BARBOSA; L. (Orgs.). **O Brasil não é para principiantes: carnavais, malandros e heróis 20 anos depois**. Rio de Janeiro: FGV, 2000. p. 125-142.

HELAL, R. **Passes e impasses: futebol e cultura de massa no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1997.

HELAL, R.; GORDON Jr., C. Sociologia, história e romance na construção da Identidade nacional através do futebol. **Estudos históricos: esporte e lazer**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, n. 23, 1999.

HOBBSAWM, Eric. “Introdução: A Invenção das Tradições”. In: Hobsbawm E.;

RANGER, T. (Orgs.). **A invenção das tradições**, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.

_____. **Nações e Nacionalismo desde 1780**. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1990.

HOLANDA, S. B. **O homem cordial**. São Paulo. Companhia das Letras, 2012.

IANNI, O. **Pensamento social no Brasil**. Bauru: EDUSC, 2004.

JESUS, G. M. Futebol e territorialidade da segregação racial em Porto Alegre. **Motus corporis**. Rio de Janeiro. Universidade Gama Filho. Vol 5 n.2 , 1998. p. 49–75

LEITE LOPES, J. S. Fútbol y clases en Brasil: color, clase e identidad a través del deporte. **Nueva sociedad: fútbol y beisebol, los juegos de las identidades**. Caracas: Texto, Marzo-Abril, 1998. p. 124–146

LEVER, J. **A loucura do futebol**. Rio de Janeiro: Record, 1983.

MELO, Victor A. Futebol: que história é essa?!
CARRANO, P. C. (Org.). **Futebol: paixão e política**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

MACIEL. F. **O Brasil-Nação como ideologia: a construção retórica e sócio-política da identidade nacional**. São Paulo. Annablume, 2007.

MARANHÃO. T. «Apolíneos e dionisíacos» — o papel do futebol no pensamento de Gilberto Freyre a respeito do

povo brasileiro. **Análise Social**, vol. XLI (179), 2006, p. 435-450

MARAGNO, Mozart; VAZ, A. F. O Desastre do Sarriá: futebol e identidade nacional na experiência da derrota. **Motus Corporis** (UGF), Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p. 9-27, 2004.

MURAD, Mauricio. Considerações possíveis de uma resposta necessária. **Revista Estudos Históricos**, v. 13, n. 24, 1999

NEGREIROS, Plínio J. L. C. Construindo a nação: futebol nos anos trinta e quarenta. **Motus corporis**. Rio de Janeiro. Universidade Gama Filho. Vol 5 n.2 , 1998. p. 76-108

OLIVEIRA, M. C. **Futebol na imprensa: uma releitura histórica**. Rio de Janeiro. Pesquisa de campo, n. $\frac{3}{4}$, 1996. p. 21-29.

ROCHA, E. As invenções do cotidiano: o descobrimento do Brasil e a conquista do tetra. Rio de Janeiro, **Pesquisa de campo**. n. 3 e 4, p. 9-20, 1996.

ROCHA, D.; DEUSDARÁ, B. Análise de conteúdo e análise do discurso: aproximações e afastamentos na (re) construção de uma trajetória. **Alea**, dez 2005, v.7, no.2, p.305-322

SALVADOR, Marco Antonio Santoro; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves. **A memória da Copa de 70: esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional**. Campinas: Autores Associados, 2009.

SARLO, B. **Tiempo presente: notas sobre el cambio de una cultura**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2002.

SOARES, A. J. **Futebol, malandragem e identidade**. Vitória: CEFD, 1994.

_____. O Caso Pullen: Identidade do Futebol e da Nação. **Motus corporis**. Rio de Janeiro. Universidade Gama Filho. Vol 5 n.2 , 1998. p. 108- 127

_____. História e invenção de tradições no campo do futebol. **Estudos históricos: esporte e lazer**. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas. N. 23, 1999. P. 119-147

_____. Identidade Nacional e Racismo no Futebol Brasileiro. In: LUCENA, R.; PRONI, M (Orgs.). **Esporte: história e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2002. p. 165-191.

_____. ; Lovisolo, H. Futebol: a construção histórica do estilo nacional. In: **Revista brasileira de ciências do esporte**. Campinas: Autores associados. V.25, n. 1, p. 129-144. 2003.

_____. ; HELAL, R. G. ; SALVADOR, M. A. S. . Futebol, Imprensa e memória. **Revista Fronteira (UNISINOS)**, Unisinos/São Leopoldo/RS, v. vol VI, n.Jan/Jul, p. 61-78, 2004.

SOUZA, J. A sociologia dual de Roberto Da Matta: descobrindo nossos mistérios ou sistematizando nossos auto-enganos?. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 16, n. 45, fev. 2001.

TURNER, Victor. **O processo ritual: estrutura e antiestrutura**. Petrópolis: Vozes, 1974.

VAZ, A. F. Esporte e política: a Copa do Mundo de 1978 vista da Alemanha. **Motus corporis**. Rio de Janeiro. Universidade Gama Filho. Vol 5 n.2 , 1998. p. 156-173

_____. Esporte e sociedade nos escritos de Roberto DaMatta: Futebol-arte, drama e o dilema brasileiro. In: LUCENA, R.; PRONI, M (Orgs.). **Esporte: história e sociedade**. Campinas: Autores Associados, 2002a p. 139-164.

_____. Esporte e mitologia em três expressões de nossa “identidade nacional”. **Verso & reverso**. Ano XVI. N. 34. São Leopoldo: Unisinos, Jan/Jun 2002b p.19-35.

VELLOSO, M. P. A literatura como espelho da nação. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 1, n. 2, 1988, p.239-263.

VOGEL, A. O momento feliz, reflexões sobre o futebol e o ethos nacional. In:

WATT, I. **A ascensão do romance**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ZICMAN, R. B. História através da imprensa: algumas considerações metodológicas. **Projeto História**. São Paulo, n. 4, jun. 1985.

FONTES

Artigos do Jornal Folha de São Paulo (FSP), entre 01/01/1994 e 31/12/1994, retirados do acervo disponível na internet nos anos de 2006 e 2007.